

Revista Teórica da Liga Internacional dos
Trabalhadores - IV Internacional | Julho 2015

MARXISMO VIVO

MARXISMO

NOVA ÉPOCA **VIVO**

Julho 2015

05

Dos-si-ê sobre o programa | A escola de Longjumeau
do Partido Bolchevique | **Se-mi-ná-rio** Organização
e Estrutura Partidária | **Re-se-nha** A Invenção do
Povo Judeu



EDITORA
sundermann



Marxismo Vivo é uma publicação da Fundação José Luis e Rosa Sundermann
Avenida Brigadeiro Luis Antônio, 388 sala 64
CEP: 01318-000 | Tel: (11) 3104-7674

Jornalista Responsável
Maria Cecília Garcia
Mtb 12.471

Editor geral
Martín Hernández

Conselho editorial
Alicia Sagra (Argentina - asagra2@yahoo.com.ar)
Felipe Alegria (Espanha - fealegria1@gmail.com)
Florence Oppen (Estados Unidos - petitmercure@yahoo.fr)
Francesco Ricci (Itália - ricci.franceso2@gmail.com)
Henrique Canary (Brasil - henriquecanary@yahoo.com.br)
João Pascoal (Portugal - jcpascoal@netcabo.pt)
José Welmowicki (Brasil - josweil@ig.com.br)
Maria Cecília Garcia (Brasil - mceciliagarcia@uol.com.br)
Martín Hernández (Brasil - martinhernandez@terra.com.br)
Nazareno Godeiro (Brasil - jpotuguar@terra.com.br)
Paulo Aguenta (Brasil - catatao2007@hotmail.com)
Ricardo Ayala (Espanha - rayala361@gmail.com)
Ronald León Núñez (Paraguai - ronald.leon.nunez@gmail.com)

Projeto gráfico
Ana Clara Ferrari

Diagramação e capa
Martha Piloto

Traduções
Paula Maffei
Jéssica Augusti

Revisão técnica
Luciana Candido

Notas da edição brasileira e revisão final
Henrique Canary e Luciana Candido

ISSN: 1806-1591

Publicada no Brasil por:
Editora Sundermann
Av. Nove de Julho, 925
CEP: 01313-000
Bela Vista – São Paulo – SP
Tel: (11) 4304-5801
vendas@editorasundermann.com.br
www.editorasundermann.com.br

A impressão ficou a cargo da Bartira Editora Gráfica de São Paulo,
Brasil, e realizou-se em papel Norbrite 66 g/m².
Para a composição do texto, foi usada a fonte Cambria, corpo 11, entrelinhas 13,2 pt; e nos
títulos a fonte N.O.1981, corpo 18.
Impresso em julho de 2015.

ÍNDICE

08 Dossiê Debate no CEI da LIT-QI sobre o programa

- 11 Sobre nosso programa
Martín Hernández
- 29 Algumas das questões que o programa teria de abordar e atualizar
Martín Hernández
- 37 Algumas considerações sobre o partido e o programa
Paulo Aguenta
- 43 Sobre a “inevitável” vitória do socialismo
Martín Hernández
- 53 O teórico da “inevitabilidade” do socialismo é o renegado Kautski (não Marx)
Francesco Ricci e Ricardo Ayala

76 Dossiê A escola de Longjumeau

- 77 A formação marxista na recomposição do bolchevismo
Alicia Sagra
- 87 A escola do Partido Bolchevique em Longjumeau [EXTRATOS]
Alain Veyssset

96 Seminário Internacional sobre Organização e Estrutura Partidária

- 98 Intervenções
- 140 Clássicos

174 Resenha

A Invenção do Povo Judeu, de Shlomo Sand: uma obra demolidora do Sionismo
José Welmowicki

Aos nossos leitores

Na apresentação da edição anterior de *Marxismo Vivo*, assinalamos que, a partir deste número, a revista teria algumas características novas. Entre elas, destacávamos: “[*Marxismo Vivo*] buscará socializar as elaborações que, em forma polêmica ou não, forem surgindo nas diferentes instâncias da LIT”. Nós, na LIT-QI, salvo raras exceções, no passado, não atuávamos assim. Quando existiam polêmicas teóricas ou históricas que, às vezes, se prolongavam por anos, não as apresentávamos em nossos materiais públicos (somente nos internos). Publicamente, só apresentávamos os resultados finais dessas polêmicas.

Desde a edição anterior, em que reproduzimos as intervenções sobre a construção do partido revolucionário feitas num seminário internacional, começamos a tornar públicos nossos debates teóricos e históricos, muitas vezes polêmicos.

Nesta nova edição, não só mantemos este critério como o ampliamos. Como os leitores poderão apreciar, existem três grandes temas nesta revista, dos quais dois – a segunda parte do seminário e a discussão sobre o programa – incluem polêmicas.

Por que esse novo critério?

Quando foi proposto, surgiram algumas dúvidas entre nós. A principal era: esse novo critério não faria com que algumas seitas se utilizassem dele para nos atacar com mais força do que já fazem atualmente? Era uma dúvida pertinente, pois o mundo está cheio dessas seitas que, diante de sua incapacidade para se construir, vivem parasitando outras organizações revolucionárias. Porém deixamos essa dúvida de lado por um critério de custo-benefício. Porque é verdade que as seitas podem se valer de nosso novo critério, mas muito mais certo é que, para fazer avançar nossas elaborações programáticas, que é o que mais nos interessa nesse caso, precisamos do diálogo e da polêmica, inclusive com as organizações adversárias ou inimigas. Não conseguiremos isso se nossas elaborações, inclusive nossas

polêmicas, não se tornarem públicas. Por outro lado, a vanguarda também precisa ser parte desses debates, pois a construção de um programa revolucionário não é apenas uma necessidade da LIT, mas de todos os lutadores.

Essa última reflexão vale para convidar a todos os nossos leitores, sejam ou não sejam da LIT, a se somarem à nossa batalha para construir um programa que responda às novas necessidades.

Os editores

Errata

No artigo “Gramsci traído” (*Marxismo Vivo* n° 4), uma frase da página 85 sintetiza a opinião exposta em todo o artigo sobre a relação entre Gramsci e Trotski. Contudo, por um erro de tradução, os nomes de Gramsci e de Trotski foram invertidos, tornando incompreensível o sentido do texto. A frase publicada é: “Então, *foi Bordiga quem sustentou Gramsci*, o mesmo Bordiga contra o qual Trotski havia armado Gramsci com ferramentas teóricas em 1922-1923 (...). Por outro lado, nos anos seguintes, Bordiga não deu prosseguimento a esta curta aproximação com Trotski (...)”. A frase correta é: “Então, *foi Bordiga quem sustentou Trotski*, o mesmo Bordiga contra o qual Trotski havia armado Gramsci com ferramentas teóricas em 1922-1923 (...). Por outro lado, nos anos seguintes, Bordiga não deu prosseguimento a esta curta aproximação com Trotski (...)”.

D o s iê

Debate no Comitê Executivo
Internacional (CEI) da LIT-QI sobre o programa

Apresentação

Cumprindo uma resolução do Congresso Mundial da Liga Internacional dos Trabalhadores – Quarta Internacional (LIT-QI), a última reunião do CEI da LIT-QI deu início a uma discussão sobre o programa. Existe uma compreensão comum de que, a partir dos processos do leste europeu (a restauração do capitalismo e a mobilização de massas que derrotou os partidos comunistas), se deram, na realidade, mudanças profundas que nos obrigam a atualizar o programa marxista.

A discussão foi feita durante toda uma sessão em base a um documento apresentado por Martín Hernández, que recebeu, durante o debate, uma série de aportes e também algumas críticas.

Nesta nova edição de *Marxismo Vivo*, apresentamos um dossiê com o produto desse debate no âmbito do CEI. Apresentamos o texto de Martín Hernández na forma de três artigos que já contêm vários aportes feitos na reunião e, como complemento desse texto, reproduzimos um artigo de Paulo Agüena intitulado “Algumas considerações sobre o partido e o programa”.

Sobre as polêmicas, reproduzimos a que foi mais desenvolvida na reunião, que trata da “inevitabilidade do socialismo”, por meio de dois textos: o de Martín Hernández, com o conteúdo que apresentou na reunião, e outro, contrário a esse, de Francesco Ricci e Ricardo Ayala.

Sobre nosso programa

Martín Hernández

O XI Congresso Mundial da LIT, realizado em abril de 2014, votou uma resolução sobre “Formação e elaboração programática” que colocava entre seus objetivos fundamentais “desenvolver um processo permanente de elaboração programática com o objetivo de conseguir, a médio prazo, *a atualização do Programa de transição.*”

Para qualquer organização política, ainda mais quando se trata de uma Internacional, o programa é tudo. O programa é a compreensão comum que tem tal organização sobre a realidade que está vivendo e sobre as tarefas que se desprendem dessa compreensão. Mas a realidade muda (e mudam as tarefas). Por isso, o programa, de tempos em tempos, precisa ser atualizado.

Quando, no final dos anos 1980, foi restaurado o capitalismo na maioria dos ex-Estados operários do leste europeu; quando aconteceram as grandes mobilizações que derrubaram os governos e regimes restauracionistas dos partidos comunistas; e quando, com eles, caiu a principal direção existente do movimento operário e de massas, todos os revolucionários foram conscientes de que o mundo estava passando por transformações profundas. Isso obrigava os marxistas a levar adiante uma profunda reflexão programática.

Em que consistia tal reflexão? Em saber se o programa marxista tinha passado pela prova dos fatos e, no caso de que o tivesse feito, em precisar em quais terrenos e com qual profundidade o programa deveria ser atualizado. Essa é a tarefa que enfrentamos na atualidade.

Alguns critérios para elaborar o programa

Já se passaram cerca de 25 anos desde os grandes acontecimentos do leste europeu que comoveram e mudaram o mundo. Aparentemente, demoramos muito para fazer ou atualizar o programa. E é verdade: passaram-se muitos anos, mas para nossa corrente não foram anos de passividade no terreno da elaboração programática.

Em 1994, ou seja, numa data bastante próxima dos acontecimentos do leste europeu e no início da reconstrução de nossa Internacional, nos colocamos à frente da tarefa de elaborar um projeto de programa. No entanto, o deixamos de lado. Não porque tivemos diferenças com o texto. Pelo contrário, porque achávamos que, frente à difícil tarefa que nos era apresentada e frente à debilidade do grupo marxista que a tinha de encarar, era mais prudente ir mais devagar, pegando a tarefa da elaboração programática não a partir da redação do próprio programa, mas de uma série de elaborações parciais.

Como parte do que dissemos anteriormente, fizemos avançar bastante uma elaboração sobre os acontecimentos do leste europeu no momento em que, em setembro de 2000, lançamos o primeiro número da revista *Marxismo Vivo*. Em sua apresentação, dizíamos: “Por que a revista *Marxismo Vivo*? A partir das revoluções do leste europeu, desenvolveu-se um debate entre milhares de lutadores do mundo inteiro. (...) O que está em discussão? Absolutamente tudo, tanto no terreno teórico quanto no político. (...) *Marxismo Vivo* (...) nasce para se colocar a serviço desse debate programático”¹.

Como testemunho desse trabalho, existem as 27 edições da revista *Marxismo Vivo*, nas quais está resumido um conjunto das reflexões programáticas que fomos fazendo nestes anos e que são um importante ponto de apoio para levar adiante nossa tarefa atual.

Com relação ao tempo que demoramos para começar a preparar um projeto de programa – embora excessivo e, por isso, nos autocriticamos –, devemos recordar que os grandes representantes do marxismo nunca tiveram como critério responder rapidamente, em forma de um programa, às mudanças ocorridas na realidade.

Assim, por exemplo, ainda que tanto Marx quanto Engels tenham começado a desenvolver suas elaborações e atividade política no início da década de 1840, só no final da década, ou seja, no início de 1848, elaboraram um programa, o *Manifesto comunista*, e o fizeram depois de Marx elaborar um texto de peso com suas principais concepções (*Miséria da filosofia*) e que Engels, uns meses antes do *Manifesto comunista*, elaborou uma espécie de pré-manifesto chamado *Princípios do comunismo*.

Da mesma maneira, os grandes dirigentes da Revolução Russa, Lenin e Trotski, tendo feito importantes elaborações programáticas, não apresentaram um projeto de programa para ser votado em nenhum dos quatro primeiros congressos da III Internacional, dos quais participaram ativamente.

¹ Revista *Marxismo Vivo* n° 1, junho-setembro de 2000, p. 5.

Por sua vez, Trotski escreveu o *Programa de transição* quatorze anos depois de iniciado o processo de burocratização da URSS e cinco anos depois da vitória do fascismo na Alemanha. Ele o fez depois de uma série de elaborações programáticas, entre as quais se destacam *A revolução traída* e *Stalin, o grande organizador de derrotas*.

O mesmo podemos dizer do principal dirigente de nossa corrente, Nahuel Moreno, que escreveu suas *Teses para a atualização do Programa de transição* 35 anos depois de iniciadas profundas transformações no mundo com o final da Segunda Guerra Mundial.

O programa, ainda que, como disse anteriormente, seja tudo, normalmente não é o início de um processo de elaboração para responder a uma nova realidade, mas o ápice desse. Assim, por exemplo, o *Manifesto comunista*, segundo relata Franz Mehring, “não continha uma única ideia que Marx e Engels já não tivessem usado em seus escritos anteriores”². A mesma coisa dizia Trotski sobre o *Programa de transição*: “Este texto não contém nenhum princípio novo. Sintetiza tudo o que dissemos várias vezes”³.

Como disse, poderíamos ter cumprido essa tarefa há alguns anos, mas não muitos. Para elaborar ou atualizar um programa, é necessário que os elementos e tendências da realidade e a compreensão deles estejam suficientemente consolidados, e isso requer tempo. De qualquer forma, é necessário esclarecer que, com o programa que precisamos elaborar, não acontecerá o mesmo que com os dois exemplos anteriores. Ele não vai conter só ideias que dissemos muitas vezes. Uma parte sim, mas outras terão de surgir de um processo novo de elaboração que teremos de encarar com força redobrada a partir de agora. Por isso, não podemos apresentar uma proposta de programa em um mês nem em dois.

Por último, em relação ao tempo necessário para elaborar um programa, é bom recordar as palavras de James Cannon ao se referir ao VI Congresso da Internacional Comunista, no qual se discutiu um projeto de programa:

A III Internacional foi organizada em 1919 e, até 1928, nove anos mais tarde, ainda não tinha um programa definitivo. *É simplesmente uma indicação da seriedade com que os grandes marxistas encaravam a questão e com que cuidado o elaboravam*⁴. [grifo nosso]

2 MEHRING, Franz, *Karl Marx – A história de sua vida*, Editora Sundermann, 1ª edição, 2013, p. 156.

3 TROTSKI, Leon, “Nós somos a IV Internacional”, Carta a Camille (Klement), 12 de abril de 1938.

4 CANNON, James, *A história do trotskismo norte-americano*, 1942.

O que significa atualizar o programa?

Muito falamos sobre a necessidade de atualizar o *Programa de transição*, mas poucas vezes nos referimos ao conteúdo dessa tarefa.

Atualizar o programa significa levar adiante duas tarefas intimamente ligadas. Por um lado, adaptá-lo às mudanças que foram acontecendo na realidade. Isso sempre foi assim. Por exemplo, depois do triunfo da Revolução Russa, surgiu a necessidade de atualizar o programa. A mesma coisa aconteceu na década de 1930 com o surgimento do fascismo e a degeneração da ex-URSS. Essa é mesma realidade que enfrentamos na atualidade a partir da restauração do capitalismo nos ex-Estados operários e das revoluções que derrubaram o aparato stalinista. Todos esses processos nos obrigaram e nos obrigam a atualizar o programa, porque eles significaram transformações profundas em quase todos os terrenos, de caráter duradouro e em escala mundial.

Mas atualizar nosso programa é mais do que isso. É também, à luz das novas realidades, verificar se todas as elaborações programáticas de nossos mestres seguem válidas e, mais ainda, verificar, inclusive, em que medida algumas delas foram válidas quando foram feitas. Essa é a parte mais difícil da tarefa.

Em primeiro lugar, porque não é fácil para nós que – no melhor dos casos e sem nenhuma falsa modéstia –, podemos nos considerar aprendizes de marxistas, levar adiante uma crítica rigorosa, buscando a verdade, sobre as elaborações dos grandes líderes da história do marxismo. Em segundo lugar, é uma tarefa difícil porque ainda sobrevive em nossas fileiras uma ideia nefasta, antimarxista, que tende a canonizar esses grandes líderes e que, por isso, muitas vezes, se associam possíveis críticas a Moreno (sem falar a Marx, Lenin ou Trotski) como uma heresia revisionista.

Trotski, que sem dúvida foi um dos maiores expoentes do marxismo, nunca canonizou Marx, Engels ou Lenin. Por isso, depois de caracterizar o *Manifesto comunista* como um “folheto que demonstra uma genialidade maior que qualquer outro da literatura mundial”⁵, explicou como o mesmo precisava de uma atualização não só por causa do tempo transcorrido desde sua elaboração, mas também pelos erros que continha:

Mas isso não implica que, depois de vinte anos de desenvolvimento sem precedentes das forças produtivas e vastas lutas sociais, o *Manifesto* não necessite de

5 TROTSKI, Leon, *Noventa anos do Manifesto comunista*, 30 de outubro de 1937.

correções ou adições. (...) *O pensamento revolucionário não tem nada em comum com o culto aos ídolos. Programas e prognósticos são examinados e corrigidos à luz da experiência, que é o critério supremo da razão humana*⁶. [grifo nosso]

Em consonância com esse raciocínio, Trotski desenvolveu uma crítica profunda e rigorosa ao *Manifesto*. Assim, apontou, por exemplo, uma ausência importante: “o *Manifesto* não contém nenhuma referência à luta pela independência de países coloniais e semicoloniais”⁷. Ao mesmo tempo, fez uma série de críticas, entre elas ao erro em relação às camadas médias da sociedade: “o desenvolvimento do capitalismo acelerou ao extremo o crescimento de legiões de técnicos, administradores, empregados comerciais, em resumo, a chamada ‘nova classe média’. Portanto, *as classes intermediárias, a cujo desaparecimento se refere tão categoricamente o Manifesto*, incluem, mesmo num país tão altamente industrializado como a Alemanha, quase a metade da população”⁸.

Mas na realidade, Trotski não foi o primeiro nem o único que, reivindicando o *Manifesto*, o submeteu a uma dura crítica. Os primeiros a fazerem isso foram seus próprios autores, Marx e Engels, que vários anos depois de tê-lo elaborado, ainda que continuassem reivindicando-o, indicavam suas limitações: “alguns pontos deveriam ser retocados” ou “este programa envelheceu em alguns de seus pontos”. A partir disso, analisando a experiência da Comuna de Paris, apontavam uma grande limitação:

[...] A Comuna demonstrou, principalmente, que a classe operária não pode se limitar, simplesmente, a tomar posse da máquina do Estado (como está indicado no *Manifesto*) tal como está e utilizar-se dela para seus próprios fins [...] ⁹.

A elaboração programática no marco do “vendaval oportunista”

Depois dos processos do leste europeu, não foi fácil (nem está sendo agora) encarar uma séria reflexão programática, porque ela aconteceu no mesmo momento em que se desatava uma ofensiva ideológica feroz dos porta-vozes do capitalismo para tentar demonstrar que o marxismo, com seu projeto socialista e comunista, teria mos-

6 *Ibid.*

7 *Ibid.*

8 *Ibid.*

9 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Prefácio à edição alemã do Manifesto comunista* (1872) in: *Obras escolhidas*, vol. I, p. 99.

trado, na prática, sua total bancarrota. A respeito disso, recordemos que intelectuais como o filósofo e economista nipo-americano Francis Fukuyama se transformaram em celebridades internacionais.

Fukuyama, um dos ideólogos do governo de Reagan, nos Estados Unidos, com sua teoria do “fim da história”¹⁰, afirmava, entre outras coisas, que, com o fim da guerra fria, a democracia liberal ocidental seria o ponto final da evolução sociocultural e a forma final de governo humano.

O conjunto da esquerda rechaçou as ideias de Fukuyama, mas como bem afirmam Marx e Engels: “As ideias dominantes em qualquer época não são mais que as ideias da classe dominante”¹¹. Assim, as ideias dos ideólogos do capitalismo frente aos processos do leste europeu se expandiram em nível mundial como um rastilho de pólvora e penetraram profundamente em organizações e intelectuais de esquerda, inclusive naquelas organizações que, como as trotskistas, tinham se mantido fieis ao programa marxista contra a degeneração da social-democracia e do stalinismo.

No entanto, ainda que nenhuma das organizações e intelectuais de esquerda tenham aderido formalmente à tese de Fukuyama, na prática, a maioria o fez no conteúdo. Dos processos do leste europeu, essas organizações e esses intelectuais chegaram à conclusão de que a luta para que a classe operária tomasse o poder e expropriasse a burguesia era algo que já não estava colocado nem para o presente, nem para o futuro. Nem como uma possibilidade, nem como uma necessidade. Da mesma forma que os partidos revolucionários não estavam construídos para cumprir essa tarefa. Dessa maneira, ainda que sem dizer, esses setores abraçaram, com todas as suas forças, as ideias centrais de Fukuyama, pois se o capitalismo não podia nem devia ser expropriado, era ele que deveria continuar reinando. Assim, o capitalismo não seria só o presente: seria também o futuro.

Claro que as teses de Fukuyama, ao serem apropriadas pela esquerda, foram cobertas por um verniz mais progressista, mas não menos capitalista. A classe operária não poderia nem deveria tomar o poder e expropriar a burguesia, mas o capitalismo deveria ser melhorado (reformado). Dessa forma, assim como as ideias de Fukuyama ganharam um peso enorme na intelectualidade de direita, um novo reformismo ganhou também um peso enorme (majoritário) entre organizações, intelectuais e ativistas de esquerda.

10 PERRY, Anderson, *O fim da história, de Hegel a Fukuyama*, Zahar, 1992.

11 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto do Partido Comunista* in: *Obras escolhidas*, vol. I.

No marco dessas novas ideias, apareceram novos pensadores como John Holloway, que lançou um livro que teve grande repercussão: *Como mudar o mundo sem tomar o poder*. Surgiram também grandes eventos internacionais, como é o caso do Fórum Social Mundial que, com o lema “Outro mundo é possível”, reunia (e reúne) milhares de ativistas para discutir como “outra educação é possível”, “outra economia é possível”, “outra ONU é possível” e até como “outras favelas são possíveis”, tudo sem que a classe operária tome o poder para expropriar a burguesia.

Também surgiram importantes organizações, os denominados partidos anticapitalistas, integrados por muitos marxistas e pelos chamados “reformistas honestos”, que também se propõem a mudar o capitalismo (reformá-lo) sem expropriá-lo.

O Manifesto comunista: ponto de partida para atualizar o programa

Normalmente, os grandes acontecimentos da luta de classes obrigam os marxistas a atualizar o programa. Mas qual é o ponto de partida dessa atualização? Entre os que se reivindicam trotskistas, frente à tarefa de atualizar o programa, normalmente pegamos como ponto de partida o *Programa de transição* elaborado por Trotski em 1938. Foi o que fez Nahuel Moreno em 1980, quando elaborou justamente suas *Teses para a atualização do Programa de transição*. No entanto, agora estamos diante de um desafio diferente.

Depois de ter acontecido um fato de dimensão da restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, não podemos responder aos questionamentos de tantos marxistas reafirmando simplesmente, de forma religiosa, nossa fé no futuro socialista e comunista da humanidade. O marxismo não é uma religião, nosso programa não é uma bíblia, e Fukuyama não é um herege que merece morrer na fogueira. Torna-se necessário analisar se o socialismo, como primeiro passo em direção a uma sociedade comunista, segue sendo ou não *cientificamente viável* e, mais do que isso, se é a única coisa que pode salvar a humanidade da barbárie. Sendo assim, o ponto de partida de nosso programa não pode ser outro que não seja o primeiro programa elaborado pelo socialismo científico, o *Manifesto comunista*, escrito por Marx e Engels entre 1847 e 1848, que é onde foram estabelecidas as bases de princípio para o surgimento de um movimento de massas conhecido como marxismo, porque são justamente essas bases principistas as que, a partir dos processos do leste europeu, estão sendo questionadas.

O *Manifesto comunista* parte de uma análise central da sociedade e, a partir daí, chega a uma série de conclusões e tarefas. Trata-se de precisar, em primeiro lugar, se essa análise foi confirmada ou não pela história.

O *Manifesto comunista* afirma:

Todas as sociedades anteriores, como vimos, repousavam no antagonismo entre classes opressoras e oprimidas. *Mas para poder oprimir uma classe, é preciso assegurar a ela condições que permitam, pelo menos, arrastar a existência de escravidão [...].* O operário moderno, ao contrário, longe de se elevar com o progresso da indústria, desce mais e mais abaixo das condições de vida da própria classe [...]. *A sociedade já não pode viver sob sua dominação; o que equivale dizer que a existência da burguesia é, mais adiante, incompatível com a da sociedade.* [grifo nosso]

E o que demonstrou a realidade destes quase 170 anos transcorridos desde a redação do *Manifesto comunista*? A existência da burguesia se demonstrou incompatível com a sociedade, como afirma o *Manifesto*, ou, ao contrário, a burguesia, em todos esses anos, possibilitou o desenvolvimento econômico e cultural do conjunto da sociedade?

Quando nossos mestres escreveram o *Manifesto*, na realidade – tal com apontou Trotski¹² noventa anos depois –, a burguesia era uma trava para o desenvolvimento das forças produtivas, mas era *uma trava relativa*. A sociedade, sob o capitalismo, seguia se desenvolvendo. Nesse marco, os operários (os escravos modernos), através de suas lutas, diferentemente do que dizia o *Manifesto*, e por várias décadas mais, progrediram junto com o desenvolvimento da indústria. Conseguiram, por exemplo, com suas lutas, diminuir as horas de trabalho (que passaram de 14 ou 12 horas diárias para oito horas). Também conseguiram um número importante de conquistas econômicas e democráticas.

Mas chegou um momento em que essa trava relativa do capitalismo ao desenvolvimento das forças produtivas se transformou em absoluta. A Primeira Guerra Mundial entre as diferentes potências imperialistas foi a demonstração mais clara dessa nova realidade. O capitalismo, em vez de viver, passou a sobreviver à custa de uma destruição em massas das forças produtivas que ele próprio tinha criado no passado. Dentro disso, destruíu a mais importante delas: os seres

12 Análise desenvolvida por Leon Trotski em seu texto “Noventa anos do Manifesto comunista”, 1937.

humanos. Com a guerra de 1914, o capitalismo sobreviveu à custa de 10 milhões de mortos e 25 milhões de feridos e mutilados. Foi uma confirmação trágica de que a sociedade já não podia viver sob a dominação da burguesia.

Dessa forma, uma análise relativamente equivocada do *Manifesto comunista* para o ano de 1847, teve o mérito de se transformar num prognóstico correto que, poucas décadas depois, em 1914, se confirmaria.

Quando terminou a Primeira Guerra Mundial, muitos porta-vozes do capitalismo disseram que ela tinha sido a primeira e a última guerra. Longos anos de prosperidade e de paz eram esperados. Mas a realidade desmentiu essas afirmações, mostrando que a Primeira Guerra Mundial tinha, na realidade, inaugurado, como disse Trotski, “uma época de guerras, revoluções e fascismo”. É que o caráter relativamente progressivo da burguesia tinha chegado ao seu fim e, a partir dali, em essência, veríamos só sua cara mais reacionária ou diretamente contrarrevolucionária.

As disputas interimperialistas por novos mercados – pelas colônias e semicolônias – que originaram a Primeira Guerra Mundial deram origem, em 1939, à Segunda Guerra Mundial, que deixou a primeira muito atrás no que se refere à destruição de forças produtivas, como demonstra, em primeiro lugar, a quantidade de mortos (entre 60 e 73 milhões de pessoas).

Depois da Segunda Guerra, não houve uma nova guerra mundial. Porém não foi por falta de disputas interburguesas, mas pelo fato de que o poderio militar alcançado pelos Estados Unidos impossibilitou um novo confronto desse tipo. No entanto, confirmando a caracterização do *Manifesto*, desenvolveram-se dezenas de guerras regionais interburguesas em que, por trás de todas elas, estavam as grandes potências imperialistas.

Marx disse no *Manifesto* que o capitalismo não consegue garantir para o operário moderno “sua existência de escravo” e se refere, com isso, às condições de vida que se deterioram. Esses números sobre as guerras indicam a parte mais cruel dessa análise. Para uma grande porcentagem de operários, o capitalismo não só não consegue garantir condições dignas de vida como também não consegue garantir sua própria vida. Por um lado, os operários (os “escravos modernos”), salvo raras exceções, não pararam de lutar. Porém, diferentemente do que ocorria no século 19, não conseguem, com essas lutas, melhorar substancialmente seu nível de vida, a tal ponto que, para conseguir questões muito elementares para a sobrevivência, como

pão, paz e terra, foram obrigados a fazer verdadeiras revoluções para tentar tomar em suas mãos a solução de suas necessidades. Frente a essas tentativas – às vezes vitoriosas, outras derrotadas – aparece sempre a verdadeira cara da burguesia, levando adiante os crimes mais bárbaros que a humanidade conheceu.

Os operários e camponeses russos, depois de tomarem o poder, tiveram de pagar com suas próprias vidas por essa ousadia. Na guerra civil, morreram entre cinco e vinte milhões de pessoas. Mais recentemente, para chegar ao poder, as massas vietnamitas tiveram de suportar a morte de dois milhões. A esses números, teríamos de agregar as dezenas de golpes, invasões ou repressões contrarrevolucionárias que provocaram, em todo o século 20 e neste início do século 21, dezenas de milhões de mortos (guerras civis na China, três milhões de mortos; guerra da Coreia, três milhões; guerra da independência da Argélia, um milhão; invasões do Iraque, um milhão etc.)

O Manifesto comunista passou na prova dos fatos

O *Manifesto comunista* foi extremamente visionário ao mostrar que o capitalismo, em seu desenvolvimento, deixaria de cumprir um papel relativamente progressivo para se transformar num obstáculo para o desenvolvimento da sociedade. Por isso, ele estava destinado a ser substituído por um novo sistema social no qual não só a produção seria social (como no capitalismo), mas também o seria a apropriação dessa produção. Os trabalhos posteriores de Marx e Engels, em especial *O capital*, elaborado por Marx e concluído por Engels, fundamentaram cientificamente essa tendência inevitável do sistema capitalista: em vez de desenvolver as forças produtivas, o capitalismo sobreviveria desenvolvendo as forças destrutivas. Os fatos, desde 1847 e, especialmente, desde 1914 até nossos dias, não fizeram mais do que confirmar esse prognóstico.

Mas o *Manifesto* não se limitou a analisar as tendências do capitalismo. Depois de precisar o que era o Estado (“O governo do Estado moderno não é mais que uma junta que administra os negócios comuns de toda a classe burguesa”), afirmava qual era a grande tarefa que estava colocada para superar o sistema capitalista e, assim, libertar o conjunto da humanidade:

[...] derrota da dominação burguesa, conquista do poder político pelo proletariado.
[...] o proletariado se valerá de sua dominação política para arrancar, gradualmente, da burguesia todo o capital para centralizar todos os instrumentos de produção

nas mãos do Estado, ou seja, do proletariado organizado como classe dominante e para aumentar o mais rapidamente possível a soma das forças produtivas¹³.

A análise sobre as tendências destrutivas do capitalismo surgia de um estudo científico da realidade, mas, por outro lado, a possibilidade de que o proletariado tomasse o poder, que expropriasse a burguesia e que por esse meio iniciasse um desenvolvimento sem limites das forças produtivas era algo que estava no terreno da teoria e das hipóteses, já que não havia fatos da realidade nos quais se apoiar para justificar tais ideias.

Só 24 anos depois da publicação do *Manifesto*, os operários de Paris mostraram, na prática, que uma parte das hipóteses do *Manifesto* era viável. Na célebre Comuna de Paris, eles tomaram o poder e o mantiveram por dois meses até que a burguesia massacrou os plebeus. Era a demonstração de que essa tarefa (que os operários tomassem o poder), longe de ser uma ilusão, era realizável. No entanto, essa experiência deixou algumas perguntas. Os operários poderiam conservar o poder contra a burguesia? E se conservassem o poder e eliminassem a burguesia, a sociedade poderia se desenvolver sem ela? Mais ainda, os operários, a partir do poder, poderiam desenvolver de uma forma como nunca visto antes as forças produtivas?

Os operários russos, a partir de 1917, mostraram que isso, longe de ser uma bela utopia, era algo realizável. O *Manifesto comunista*, ou seja, o socialismo, tinha triunfado e, como disse Trotski em 1936, “[...] não nas páginas de *O capital*, mas na arena econômica que corresponde a um sexto da superfície terrestre; não na linguagem da dialética, mas na linguagem do ferro, do cimento e da eletricidade”¹⁴.

E depois agregou:

Caso a URSS viesse a fracassar, fruto de dificuldades internas, golpes externos e erros da direção (coisa que, esperamos nós, não aconteça) restaria, como garantia do futuro, o fato inabalável de que somente graças à *revolução proletária, um país atrasado deu, em menos de duas décadas, passos sem precedentes na história*¹⁵. [grifo nosso]

Essa realidade se repetiu em quase todos os países onde a burguesia foi expropriada, a tal ponto que em quase todos eles acabaram

13 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto do Partido Comunista* in: *Obras escolhidas*, vol. I, p. 129.

14 TROTSKI, Leon, *A revolução traída*, Editora Sundermann, 2005, p. 45.

15 *Ibid.*

com vários flagelos do capitalismo: o desemprego, a fome, a falta de saúde pública, a prostituição, a falta de moradias. Também aconteceram avanços qualitativos no terreno da cultura e da educação.

Do ponto de vista das perspectivas comunistas, tudo isso é muito pouco em relação ao que se poderia conseguir, mas o importante a destacar, na hora de fazer um balanço histórico, é que essas poucas conquistas não foram conseguidas em praticamente nenhum país capitalista. Sequer nos mais avançados. Essas conquistas são a comprovação de que o *Manifesto comunista* passou pela prova dos fatos, porque elas foram produto do que, em 1848, o *Manifesto* propôs como tarefa central: *que os operários tomem o poder e expropiem a burguesia*.

O Manifesto comunista elaborado por Marx e Engels e enriquecido por Lenin e Trotski foi posto à prova nos processos do leste europeu

As conquistas alcançadas onde o capitalismo foi expropriado são demasiado óbvias para serem negadas. A própria burguesia foi obrigada a reconhecê-las. Por exemplo, um informe do Banco Mundial de 1996 dizia:

O planejamento [a economia planificada depois da expropriação da burguesia] *deu resultados impressionantes*: aumento da produção, industrialização, ensino básico, saúde, moradia e empregos para *populações inteiras*¹⁶. [grifo nosso]

No entanto, hoje em dia, a política central do *Manifesto comunista* – *que os operários tomem o poder e expropiem a burguesia*, que deu resultados “impressionantes” para “populações inteiras” – está amplamente questionada, não só como sempre esteve pela burguesia e seus agentes, mas também por milhões de trabalhadores e jovens que deram o melhor de suas vidas para construir um mundo sem exploradores nem explorados, porque essa experiência, aos olhos das amplas massas, fracassou com a restauração do capitalismo nos ex-Estados operários e porque ela teve à sua frente o stalinismo em suas diversas formas e, todas elas, em nome do socialismo, restauraram o capitalismo. Para fazê-lo, utilizaram métodos que só podem ser comparados aos do fascismo. A tal ponto que socialismo se transformou em sinônimo de ditadura contra os explorados e oprimidos.

¹⁶ Banco Mundial, *Do plano ao mercado*, informe sobre o desenvolvimento mundial, Washington, 1996, p. 1.

É justamente a partir do fracasso dessa experiência que surgem todos os questionamentos, não só ao stalinismo e suas variantes maoísta e/ou castrista, mas também ao marxismo, ao leninismo e ao trotskismo. Por isso, nosso programa, que, como disse, deve partir necessariamente do *Manifesto comunista*, é obrigado a analisar em profundidade o que ocorreu nos ex-Estados operários.

Para isso, devemos voltar aos primeiros anos da Revolução Russa e aos debates que aconteceram a partir de 1924, em especial àquele que se refere à relação entre a Revolução Russa e a revolução mundial.

Tanto para Marx quanto para Engels, assim como para todos seus seguidores, o socialismo e o comunismo só podiam ser concebidos em nível internacional.

Engels, pouco antes de escrever o *Manifesto comunista* com Marx, apresentou um folheto intitulado *Princípios do comunismo*, no qual lhe perguntam: “É possível essa revolução em um só país?”. E Engels responde:

Não. A grande indústria, ao criar o mercado mundial, uniu tão estreitamente todos os povos do globo terrestre, principalmente os povos civilizados, que cada um depende do que ocorre na terra do outro. Consequentemente, a revolução comunista não será uma revolução puramente nacional [...]. Ela se desenvolverá em cada um desses países mais rapidamente ou mais lentamente [...]. É uma revolução universal e terá, por isso, um âmbito universal¹⁷. [grifo nosso]

E, novamente Engels, agora junto com Marx, no ano de 1850, escreveu:

[...] nossas tarefas consistem em fazer a revolução permanente até que seja descartada a dominação das classes mais ou menos possuidoras, até que o proletariado conquiste o poder do Estado, até que a associação dos proletários se desenvolva e não só num país, mas em todos os países dominantes do mundo, em proporções tais que cesse a concorrência entre os proletários desses países e até que pelo menos as forças produtivas decisivas estejam concentradas nas mãos do proletariado¹⁸. [grifo nosso]

17 ENGELS, Friedrich, *Princípios do comunismo*, in: *Obras escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. I, 1983, p. 93.

18 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Mensagem do Comitê Central à liga dos Comunistas*, em *Obras Escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. I, março de 1850, p. 183.

Mas, mais ainda, essa concepção internacionalista fez parte, inclusive, dos estatutos da I Internacional:

[...] a emancipação da classe trabalhadora *não é um objetivo local nem nacional*, mas sim um objetivo social que abarca todos os países em que existe a sociedade moderna e cuja consequência *depende da cooperação prática e teórica dos países mais avançados*¹⁹. [grifo nosso]

Evidentemente, nem Marx nem Engels opinavam que a revolução socialista triunfaria em todos os países ao mesmo tempo (“Ela se desenvolverá em cada um desses países mais rápida ou mais lentamente”). E mais, eram plenamente conscientes de que as vitórias dessas revoluções seriam, em primeiro lugar, em nível nacional:

Pela forma, ainda que não por seu conteúdo, a luta do proletariado contra a burguesia é primeiramente uma luta nacional. É natural que o proletariado de cada país deva acabar, em primeiro lugar, com sua própria burguesia²⁰.

A realidade mostrou que, tal como diziam nossos mestres, no marco de uma situação revolucionária em todo o continente europeu, a revolução se desenvolveu de forma desigual e acabou triunfando, nesse momento, só num país: na Rússia. Essa realidade fez com que aquilo que até aquele momento era um problema teórico se colocasse de forma prática: qual deveria ser a relação entre a triunfante Revolução Russa e a revolução internacional. Esse era um tema decisivo, pois tanto para Marx quanto para Engels, ainda que a revolução socialista pudesse triunfar num país, para chegar ao socialismo, ou seja, para chegar a uma sociedade mais avançada que o capitalismo, era necessário que a revolução triunfasse, no mínimo, nos países capitalistas mais desenvolvidos de sua época: Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos.

A direção do partido bolchevique – onde se destacavam as figuras de Lenin e Trotski –, de acordo com a concepção de Marx e Engels, viu a importante Revolução Russa *só como um passo* em direção ao triunfo da revolução nos outros países, especialmente nos mais desenvolvidos.

Uma das demonstrações mais evidentes de que essa era a concepção do partido bolchevique pode ser vista quando, nos primeiros

19 MARX, Karl, *Estatutos provisórios da Associação Internacional dos Trabalhadores*, in: *A Internacional*, México: Fundo de Cultura Econômica, p. 8.

20 MARX, Karl; ENGELS, Friedrich, *Manifesto do Partido Comunista* in: *Obras escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. I, p. 121.

anos da revolução, essa direção realizou os máximos esforços para construir uma ferramenta decisiva para o triunfo da revolução em nível mundial: a III Internacional ou Internacional Comunista. No entanto, a partir da morte de Lenin, essa orientação foi sendo deixada de lado de tal forma que o internacionalismo dos primeiros anos foi sendo substituído pelo nacionalismo com a “justificativa” teórica de que o que estava colocado era a construção do “socialismo em um só país”, o que levou, entre outras coisas, a que os congressos da III Internacional – que eram anuais – fossem se espaçando no tempo, até que, em 1943, a III Internacional foi dissolvida.

Na realidade, o “socialismo em um só país” não era mais do que uma teoria justificadora de um novo setor social, a burocracia, que se apoderou da direção do partido e que, para conservar seus privilégios, renunciou à luta pela revolução internacional para dar espaço a uma política de “coexistência pacífica” com o imperialismo e de colaboração com as burguesias nacionais para manter o capitalismo através dos chamados governos de Frente Popular. Os motivos que levaram Stalin a acabar com a III Internacional são muito ilustrativos da nova política da URSS. A internacional foi dissolvida para satisfazer a um pedido do primeiro-ministro inglês, Winston Churchill.

Em torno a esse tema, houve no interior do partido bolchevique uma dura batalha teórica e política: do lado da defesa da posição tradicional do marxismo se destacava a figura de Leon Trotski. E do lado da nova teoria, a do “socialismo em um só país”, estava a figura ascendente de Stalin.

Essa batalha terminou com a vitória de Stalin, que viu suas posições se fortalecerem pelo cansaço das massas russas (devido aos sofrimentos durante a Primeira Guerra Mundial e com a guerra civil) e pela derrota das revoluções alemã e chinesa. Assim, Stalin utilizou essa relação de forças favorável para perseguir os opositores que queriam levar até o fim a política de Marx, Engels e Lenin. Primeiro o fez através de calúnias, manobras e expulsões. Depois, mediante prisões, deportações, torturas, sequestros e assassinatos, o que acabou se tornando um verdadeiro genocídio de toda uma geração de revolucionários.

Foi através dessa política de Stalin, de pretender conviver permanentemente com o imperialismo em vez de lutar para derrotá-lo, que as economias mais avançadas do capitalismo acabaram estrangulando economicamente os ex-Estados operários. Tal como afirmou Trotski em seu momento:

A divisão mundial do trabalho, a subordinação da indústria soviética à técnica estrangeira, a dependência das forças produtivas dos países mais avançados da Europa em relação às matérias primas asiáticas etc. etc. *tornam impossível a edificação de uma sociedade socialista independente em qualquer país do mundo*²¹. [grifo nosso]

Portanto, é falsa a ideia de que a restauração do capitalismo mostrou o fracasso do marxismo. Na realidade, foi o contrário: foi o distanciamento da direção da URSS e dos outros Estados do marxismo o que levou à restauração.

Nosso programa, ao fazer o balanço da restauração do capitalismo, não deve se limitar – como normalmente se faz – a denunciar os crimes de Stalin. Isso não basta. É necessário retomar o grande debate de 1924 entre a teoria do “socialismo em um só país” de Stalin e a da revolução permanente de Trotski, porque, sem saldar essa discussão, as novas experiências revolucionárias estarão condenadas ao fracasso, pois a política do “socialismo em um só país” – realizada ou não com os métodos de Stalin –, tal como previu Trotski leva, inevitavelmente, à restauração do capitalismo.

Quanto mais tempo a URSS estiver cercada de capitalismo, mais profunda será a degeneração dos tecidos sociais. *Um isolamento indefinido deverá trazer, inevitavelmente, não o estabelecimento de um comunismo nacional, mas a restauração do capitalismo*²². [grifo nosso]

Lamentavelmente, a grande maioria das organizações que se reivindicam marxistas não fez esse balanço nem chegou a essas conclusões. No melhor dos casos, só denunciaram os crimes de Stalin. Mostra disso é que, no nível dessas organizações e, especialmente, de uma boa parte dos denominados marxistas acadêmicos, é bem comum que se reivindique, de forma acrítica, intelectuais como o húngaro Georg Lukacs²³, que, ainda que tivesse vários enfrentamentos com o stalinismo, nas questões centrais se colocou incondicionalmente ao lado de Stalin, da teoria e da política do “socialismo em um só país”, da “coexistência pacífica” com o imperialismo, das fren-

21 TROTSKI, Leon, *A revolução permanente*, Barcelona, Editora Fontamara, p. 219.

22 *Ibid*, p. 281.

23 Georg Luckács (1885-1971): ministro (comissário do povo) de Educação e Cultura durante os meses que durou a Comuna Húngara. Possui uma vasta obra sobre literatura, estética, filosofia, política etc. Durante a revolução húngara de 1956, foi ministro da Cultura do governo de Nagy.

tes populares (foi o primeiro a defender essa política)²⁴ e também no terreno artístico se opôs à orientação marxista de Trotski (“toda liberdade na arte”) para defender a política stalinista do chamado “realismo socialista”.

○ que pretendemos com nosso programa?

Sempre nos referenciamos no programa da IV Internacional, o *Programa de transição*, seja para defendê-lo, seja para atualizá-lo. No entanto, para sermos rigorosos, a IV Internacional nunca teve um verdadeiro programa. Trotski, falando do *Programa de transição*, foi muito claro a respeito:

Destaco, ainda, que não se trata do programa da IV Internacional. O texto não contém nem a parte teórica, ou seja, a análise da sociedade capitalista e sua fase imperialista, nem o programa da revolução socialista propriamente dito. Trata-se de um programa de ação para o período intermediário. Parece-me que nossas seções necessitam desse documento. O verdadeiro programa da IV Internacional deveria ser elaborado por uma comissão especial criada pela conferência.²⁵

Não sabemos por que motivo a comissão que Trotski propôs para elaborar o programa não foi eleita na conferência e, por isso, hoje devemos nos perguntar: o que pretendemos de nosso programa? Tentar elaborar o verdadeiro programa da IV Internacional (que nunca existiu) ou nos conformarmos em tentar construir um programa com o critério usado por Trotski para elaborar o *Programa de transição*?

Existem dois possíveis perigos, ambos extremos: dar-mos-nos um objetivo mais modesto, mas que acabe não respondendo às nossas necessidades ou, ao contrário, nos darmos um objetivo mais ambicioso (o verdadeiro programa da IV Internacional) e não sermos capazes de atingi-lo. Esses dois perigos extremos nos levariam a um fracasso na tarefa que nos propusemos. Por isso, é um tema importante a definir.

Uma última observação

As complicações da situação atual fazem com que não seja suficiente apresentar para o conjunto dos militantes da LIT e para a

24 Na tese de Blum (1928), Luckács defende a teoria dos governos de frente popular. Perseguido pelo stalinismo durante terceiro período, sete anos depois, ele adota sua política.

25 TROTSKI, Leon. *Programa de transição para a revolução socialista*, Lisboa, Editora Antídoto, 1978.

vanguarda operária, popular e juvenil um projeto de programa. Seria necessário que, de forma paralela ao programa, elaborássemos um texto mais extenso (ou talvez vários textos) de comentários sobre o programa – tal como fez Kautsky como o Programa de Erfurt – que seriam muito úteis para que o conjunto da militância possa conhecer com mais profundidade os diferentes temas que vamos abordar e possa, assim, participar mais ativamente na elaboração do programa. De qualquer maneira, seguindo a tradição da III Internacional, não deveríamos começar com a elaboração de nosso programa redigindo um primeiro rascunho desse. Deveríamos começar pelos 15 temas que localizamos, elaborando uma série de teses programáticas sobre cada um deles para, a partir disso, criar as condições para a apresentação de um texto programático de conjunto.

Por fim, um esclarecimento: esse texto, assim como os anexos, não são um programa, nem um esboço de programa. Sequer é uma estrutura do mesmo. Ele só tem a pretensão de apontar, em vários níveis, alguns critérios e objetivos que o programa teria de cumprir. É um texto para iniciar a discussão sobre o programa nas fileiras da LIT e com a vanguarda operária, juvenil e popular.

Algumas das questões que o programa teria de abordar e atualizar

Martín Hernández

Afirmar que devemos atualizar nosso programa não significa que devamos fazer uma radiografia ou uma ressonância magnética da economia, da luta de classes ou da superestrutura para vermos, nos mínimos detalhes, o que mudou nas últimas décadas e em que grau isso ocorreu. Também não pretendo que estudemos com uma lupa cada um dos parágrafos e palavras do *Manifesto comunista*, do *Programa de transição* ou da atualização que Moreno fez sobre esse último.

Não vamos elaborar um tratado, mas um programa que se transforme num guia para a ação para os partidos e os militantes revolucionários. Nesse sentido, deveremos abordar a atualização só daqueles temas que a compreensão da realidade atual (do pós-leste europeu) assim nos exija. Os temas a tratar são muitos, mas entre eles destaco 12 que requerem especialmente *uma atualização a partir dos processos do leste europeu, da restauração e da revolução*.

1. As principais conclusões dos processos do leste europeu

Estas conclusões deverão atravessar, necessariamente, nosso programa, já que os resultados desse processo geraram um debate sobre todos os temas que coloco a seguir e, inclusive, sobre um que de, alguma forma, posso dizer que é prévio, sobre se o socialismo, além de ser necessário e possível, é também *inevitável*²⁶.

2. Caráter e estratégia de nosso programa

Nosso programa, certamente, vai ser muito diferente do programa da maioria das organizações de esquerda. Não porque estejamos,

26 Esse tema está desenvolvido em forma de polêmica em dois textos desta revista.

nesse terreno, acrescentando algo novo ao programa marxista, mas porque, pelo contrário, respondendo ao debate atual, vamos partir do *Manifesto comunista*, o que significa que nosso programa deverá ter seu mesmo caráter e estratégia: um programa da classe operária, para a classe operária e, por essa via, para toda a humanidade.

3. Método do programa

O abandono pela maioria das organizações que se reivindicam marxistas (de fato ou de direito) de qualquer estratégia em direção à tomada do poder pela classe operária e à expropriação da burguesia fez com que seus programas e sua prática se dividissem em dois: programa mínimo e democrático, para o dia a dia, e programa socialista para os dias de festa. Nós não defendemos dois programas: defendemos um programa de transição para a revolução socialista e, para isso, nos inspiramos, fundamentalmente, no *Manifesto comunista*, no programa de Lenin para a Revolução Russa (“A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la”) e no *Programa de transição* elaborado por Trotski em 1938. No marco deste método para construir o programa, que é defendido por todos os que se reivindicam trotskistas, é necessário precisar, em especial, qual é exatamente a relação entre as palavras de ordem e o programa.

4. As características do que denominamos “terceira etapa”

Os processos do leste europeu permitem tirar conclusões não só para o futuro, mas também para precisar as elaborações do passado que, por sua vez, são importantes para o futuro. Nisso tem especial importância entender melhor qual foi o caráter da etapa aberta ao final da Segunda Guerra Mundial (a terceira etapa), pois, aparentemente, nossa corrente cometeu alguns erros que é necessário que sejam precisados e que sejam vistas suas consequências. Entre elas, a caracterização de que, nessa etapa, aconteceram vitórias duradouras.

5. O imperialismo, a relação entre os Estados, a nova ordem mundial e as guerras

Desde que Lenin escreveu seu famoso folheto “O imperialismo, fase superior do capitalismo”, todo o marxismo se referenciou nesse texto. No entanto, hoje em dia esse texto, que foi um grande aporte ao marxismo, é frequentemente questionado, inclusive por muitos que o reivindicam, mas que opinam, por exemplo, que a China é uma nova potência imperialista mundial.

Ainda que seja necessário aprofundar um estudo a respeito, nada indica que existam elementos da realidade atual que questionem o essencial desse trabalho de Lenin. Ao contrário, as características descritas por Lenin sobre o imperialismo, a partir da restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, se aprofundaram. No entanto, é necessário fazer uma atualização, pois desde 1919, quando foi escrito esse texto, até a atualidade, houve muitas mudanças nos terrenos econômico, político e militar. Muitas mudanças na relação entre os Estados, na divisão mundial do trabalho e, inclusive, no caráter das guerras.

6. O capitalismo e sua crise

As principais potências imperialistas entraram numa crise aguda que só pode ser comparada à de 1929. Quando se restaurou o capitalismo, os porta-vozes do imperialismo disseram que era a demonstração da superioridade do capitalismo e de seu futuro. Inclusive os mais pessimistas viram que o capitalismo poderia sair da crise crônica com sua entrada nos ex-Estados operários poucos anos depois, confirmando as análises do *Manifesto*.

Quais são as características atuais da crise? O que têm em comum e quais são suas diferenças com as anteriores? Qual é a relação dessa crise com a luta de classes? Quais são as perspectivas? Nosso programa tem de responder a essas perguntas.

7. O papel dos regimes democrático-burgueses

Os regimes democrático-burgueses também precisam ser analisados em profundidade por nosso programa, pois é necessário atualizar nossas elaborações em vários aspectos. Em primeiro lugar, porque os atuais regimes democrático-burgueses têm diferenças importantes com esses mesmos regimes nos tempos em que a burguesia tinha um papel relativamente progressivo e, também, com os de antes e depois da Segunda Guerra Mundial. Em segundo lugar, porque nas elaborações de Trotski da década de 1930 esses regimes eram vistos como algo que correspondia ao passado e, por isso, sucumbiriam frente ao fascismo ou frente à ditadura do proletariado. Em terceiro lugar, porque, no mínimo nos últimos trinta anos, esses regimes se transformaram numa importante arma do imperialismo, com a qual conseguiu importantes resultados em vários terrenos: a restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, o desvio de processos revolucionários e a destruição de organizações operárias e revolucio-

nárias. Em função disso, qual deve ser a atuação dos revolucionários frente aos regimes democrático-burgueses? Como atuar nas eleições e no parlamento? Qual é a relação entre a ação na luta de classes e a ação parlamentar? Como preservar as organizações revolucionárias da repressão destes regimes?

8. A questão nacional

A chamada questão nacional é um tema que gerou amplos debates desde Marx. Na atualidade, no pós-leste europeu, a questão nacional se recolocou no muita força em grande parte dos países do mundo e, com ela, os debates no interior das organizações que se reivindicam marxistas se recrudesceram.

Em seu momento, Lenin, com sua conhecida formulação sobre o “direito à autodeterminação nacional”, superou em grande medida esse debate ao dar uma resposta principista e estratégica.

Não acho que nosso programa deva incorporar qualquer tipo de correção ou ajuste às elaborações de Lenin, mas acho sim que é necessário resgatar essas elaborações porque atualmente a maioria das organizações de esquerda encara a questão nacional com uma ou outra das posições que Lenin enfrentou com sua formulação: as que capitulavam à nação opressora e as que capitulavam aos setores independentistas da nação oprimida.

9. Características e papel do proletariado

O fato de que em todo o pós-guerra o proletariado – na maioria das revoluções – não tenha ocupado o centro da cena fez com que muitos setores começassem a buscar novos “sujeitos sociais da revolução”. Na atualidade, dado que a maioria das organizações de esquerda abandonou qualquer projeto de revolução socialista, muitos desses setores chegaram à conclusão de que o proletariado está destinado a ter um papel marginal na cidade ou que, diretamente, está em vias de extinção.

Mas nós, que seguimos convencidos não só de que o socialismo é possível, mas que é a única alternativa para impedir que o imperialismo faça retroceder toda a sociedade em direção à barbárie, devemos nos perguntar e devemos responder em nosso programa, a partir de uma análise da realidade: existe alguma outra classe ou setor social que possa ocupar o papel revolucionário que Marx prognosticou que teria o proletariado?

10. Situações revolucionárias, crises revolucionárias e diferentes tipos de revoluções

Em última instância, o lugar natural das organizações revolucionárias é nas próprias revoluções. Mas o que é uma revolução? Quando podemos afirmar que estamos frente a uma revolução? O que é uma situação revolucionária? O que é uma crise revolucionária? Qual é o caráter das revoluções que estamos assistindo? Parecem perguntas simples. No entanto, essas questões provocaram e provocam enormes discussões e polêmicas entre os marxistas. Nosso programa tem de tentar dar resposta a todas essas perguntas, pois elas são básicas para a política revolucionária. Mas além disso, nosso programa tem de tirar as lições das grandes revoluções (vitoriosas ou derrotadas): da Comuna de Paris, da grande revolução de fevereiro na Rússia, que foi muito pouco estudada e que, não obstante, abriu caminho para a Revolução de Outubro, da derrotada revolução alemã e das vitoriosas revoluções chinesa e cubana.

Trotsky dizia: “Sem o estudo da grande Revolução Francesa, da revolução de 1848 e da Comuna de Paris, *jamais teríamos feito a Revolução de Outubro*”²⁷.

As novas gerações de revolucionários poderão dirigir uma revolução como a de Outubro sem ter estudado as anteriores? É impossível. Por isso, essas conclusões não podem estar ausentes de nosso programa.

11. A construção dos partidos revolucionários em nível nacional e internacional

O stalinismo jogou na lama o nome do socialismo e, mais do que isso, fez com que importantes setores do movimento de massas, inclusive de sua vanguarda, depois de constatar o burocratismo e as traições dos partidos comunistas, começassem a igualar todos os partidos, inclusive os revolucionários, com os PCs. Essa realidade cria novas dificuldades para a construção dos partidos nacionais e da Internacional.

Nesse marco, o programa tem de responder a algumas perguntas chave: com a derrota do stalinismo, se abriu a “época do trotskismo”? Qual é o espaço real, no pós-leste europeu, para construir a direção revolucionária? Quais são os caminhos para fazê-lo?

27 TROTSKY, Leon, *Lições de Outubro*, Buenos Aires. Editora El Yunque, p. 15.

12. As tarefas do proletariado, do partido e da Internacional depois da tomada do poder pela classe operária

A maioria dos programas do passado, antes da Revolução Russa, colocava em termos muito gerais as questões referentes à etapa posterior à tomada do poder pelo proletariado, em especial ao futuro socialista e comunista da sociedade. Não podia ser de outra forma.

Junto com isso, em termos teóricos, se viu que, para chegar ao comunismo, se deveria passar necessariamente por duas fases, as quais acabaram se definindo como socialista a primeira e comunista a segunda. Porém, junto com isso, se viu que não seria possível chegar ao socialismo da noite para o dia e, menos ainda, se não acontecesse a tomada do poder pela classe, no mínimo nos países mais desenvolvidos: Inglaterra, Alemanha, França e Estados Unidos. Isso levou a que se visse que, entre a tomada do poder pela classe operária e o socialismo, haveria uma etapa de transição que, tal como a definiu Trotski, seria uma etapa de transição em direção ao socialismo, o que não excluía a possibilidade de que fosse uma transição no sentido contrário: que se voltasse ao capitalismo.

A experiência confirmou os prognósticos nos dois sentidos: em vários Estados triunfou a revolução socialista, mas não se chegou ao socialismo. Surgiram Estados em transição ao socialismo que acabaram retornando ao capitalismo.

Nesse sentido, nosso programa não pode falar genericamente de um futuro socialista e comunista. Deve precisar as condições e as tarefas para se chegar à tomada do poder pela classe operária e seus aliados, mas não pode parar aí. As experiências dos ex-Estados operários no século 20 não nos permitem fazer isso. Deve abordar, a partir dessas experiências, as tarefas que devem ser encaradas para evitar que se repita a experiência desses Estados dirigidos pelo stalinismo.

Os trotskistas (ou seja, o marxismo atual) devem ter clareza e têm de dar à vanguarda essa clareza sobre qual é o seu projeto para os futuros Estados de transição em direção ao socialismo para que sejam realmente isso. A experiência nefasta da direção stalinista nos dá todas as condições, pela negativa, para poder tirar as conclusões fundamentais e práticas pela positiva.

Como digo no título deste texto, só enuncio “algumas das questões que o programa teria de abordar e atualizar”. Aponto essas 12 porque me parecem as mais importantes, ainda que certamente vão surgir outros temas – a partir do debate – com o mesmo ou, inclusive,

com maior destaque que os já apresentados. Entre eles, como exemplo, podemos destacar o papel das tarefas democráticas e sua relação com as organizações anticapitalistas; a atualidade ou não das táticas tradicionais de atuação no movimento de massas (unidade de ação, frente única operária, frentes eleitorais etc.); o caráter dos sindicatos atuais e do trabalho dos revolucionários neles; as questões ambientais; a atuação dos revolucionários entre as mulheres, em especial as trabalhadoras; a questão militar; as principais características dos governos operários ou que têm participação de organizações operárias; o governo operário e camponês; o papel da juventude estudantil e operária e o trabalho revolucionário entre ela.

Sobre o tamanho do programa

A elaboração de qualquer programa tem uma dificuldade extra que não pode ser esquecida, que é a questão do tamanho.

Um programa como o *Manifesto comunista* ou o *Programa de transição* significa uma determinada compreensão do mundo com tudo o que isso implica. Isso pode criar a ideia de que um programa internacional tem de ser enorme. Mas isso não é assim. Os programas revolucionários sempre foram pequenos.

O *Manifesto comunista*, mesmo resumindo uma nova concepção do mundo, não é mais do que um folheto de 30 páginas. As famosas “Teses de abril” de Lenin tinham só cinco páginas e “A catástrofe que nos ameaça e como combatê-la” tinha 38.

O interessante é ver, por exemplo, que o famoso *Programa de Gotha* da social-democracia alemã, que era um programa de unificação e provocou tantas polêmicas, tinha só três páginas.

Em relação a essa questão do tamanho do programa, é interessante ver a preocupação que nossos mestres tinham. Engels, ainda que no essencial tenha reivindicado o *Programa de Erfurt*, que só tinha cinco páginas, o criticou por sua extensão:

[...] quiseram fazer um programa e, ao mesmo tempo, os comentários a esse programa. Parece que existia o temor de não ser suficientemente claro ao selecionar fórmulas breves e conclusivas. Por isso, agregaram comentários que prolongam a própria exposição. Para mim, o programa deveria ser tão breve e preciso quanto possível. Importaria pouco se nele se encontrasse, por acaso, um termo estranho ou uma frase que resulte difícil, à primeira vista, de extrair todo seu conteúdo. Nesse caso, as leituras públicas nas reuniões, a explicação na imprensa serão necessárias²⁸.

28 ENGELS, Friedrich, *Crítica ao projeto de programa social-democrata de Erfurt de 1891*.

Como se pode ver, Engels diferenciava claramente o programa dos comentários sobre ele. Com esse critério, Kautsky elaborou o *Programa de Erfurt* e, junto com isso, escreveu um trabalho de 268 páginas em que comentava o programa de cinco páginas. Com o mesmo critério, Lenin escreveu um texto de 27 páginas como complemento das “Teses de abril”.

Com que critério trabalhar? A nova realidade mundial que se abriu com os processos do Leste, por ser muito complicada, exige análise, caracterização e política muito precisas. Por isso, seria recomendável seguir o conselho de Engels: diferenciar claramente o programa dos comentários sobre o mesmo, o que não significa que o programa deva ter entre três e cinco páginas. Teria de ser um programa equivalente em seu tamanho ao *Manifesto comunista* ou ao *Programa de transição*, que estabeleça como é a realidade do pós-les-te europeu, que aponte as tarefas centrais que se desprendem dessa compreensão, com um breve comentário de cada uma delas (como faz o *Programa de transição*). Por outro lado, é necessário precisar que nosso programa, mesmo sendo de um tamanho relativamente pequeno, teria de ter certa extensão porque depois das experiências fracassadas – por responsabilidade do stalinismo – nosso programa não pode culminar na tomada do poder pela classe operária. Tem de ir mais adiante. Tem de colocar que tipo de Estado, regime e governo os trotskistas defendem para que as novas ditaduras do proletariado não terminem em novos fracassos.

Algumas considerações sobre o partido e o programa

Paulo Aguena

Palavras iniciais

Na última reunião do CEI, realizada em novembro de 2014, discutiu-se sobre a atualização programática tomando por base o texto “Sobre o nosso programa”, apresentado por Martín Hernández. Como contribuição ao debate, na ocasião, escrevi “Algumas notas sobre o texto ‘Sobre nosso programa’”. O artigo que apresenta Hernández neste número da revista *Marxismo Vivo* – uma espécie de versão final do texto apresentado no CEI – incorporou boa parte de minhas preocupações. No entanto, há um aspecto da discussão que não me foi possível apresentar por escrito à reunião, de forma que expus apenas oralmente como parte de minha intervenção.

O objetivo era aprofundar e precisar a definição de programa. Pareceu-me importante fazê-lo, antes de tudo, porque se tratava do próprio objeto em discussão: ter clareza sobre o que estávamos discutindo precedia todo o debate que se desenvolveria. Não por acaso, corretamente, o próprio texto apresentado por Hernández aborda, de passagem, esse tema logo em seu início.

Foi considerando a importância desse aspecto da discussão que me propus a escrever um breve texto complementando o que eu havia apresentado. Ele seria posteriormente incorporado à versão final do texto apresentado por Hernández. No entanto, ao final, achou-se por bem que eu o apresentasse à parte para que fosse publicado na revista *Marxismo Vivo*. É cumprindo com esse compromisso que apresento essa breve nota.

Classes, partidos e programa

Penso que é necessário começarmos por recuperar a definição sobre a relação entre os partidos e os programas em geral. Nesse

sentido, creio ser útil partir da definição que Bukharin²⁹ e Preobrazhenski³⁰ apresentam no texto “Nosso programa”, escrito em 1919, apresentado como introdução ao *ABC do comunismo*³¹:

Todo partido se propõe conseguir determinados fins: o partido dos *latifundiários ou capitalistas* do mesmo modo que um partido de operários e camponeses. É, então, necessário que cada partido tenha objetivos precisos porque do contrário, perde o caráter de partido.

E explicam:

Se se trata de um partido que representa os interesses dos latifundiários, se proporrá a defesa dos latifundiários: buscando os meios de manter a propriedade da terra, de submeter os camponeses, de vender o grão a preços mais altos possíveis, de elevar a renda e de procurar operários agrícolas pagos com salários ínfimos. Igualmente, um partido de capitalistas, de industriais, terá seus objetivos próprios: obter mão de obra barata, *esmagar* todos os protestos dos operários industriais, buscar novos mercados em que possam vender as mercadorias a preços elevados, obter grandes lucros; para isso, aumentará as horas de trabalho e, sobretudo, tratará de criar uma situação que tire dos trabalhadores toda possibilidade de aspirar a uma nova ordem social; os operários devem viver convencidos de que sempre houve patrões e que continuaram existindo enquanto exista o homem. *Esses são os objetivos dos industriais*. Não resta dúvida de que, naturalmente, os operários e os camponeses têm objetivos bem distintos, por serem distintos seus interesses. [grifo nosso]

29 Nikolai Bukharin (1888-1938): membro do partido bolchevique desde 1905. Teórico, economista e dirigente do partido. Depois da morte de Lenin, em 1924, aliou-se a Stalin contra a Oposição de Esquerda liderada por Trotski. Foi sucessor de Zinoviev na presidência da Internacional Comunista. Junto com Rikov e Tomski, formaram, em 1929, a Oposição de Direita, que terminou sendo expulsa do partido. Depois de capitular a Stalin, foi permitido seu regresso ao partido. Em 1938, foi executado nos Processos de Moscou. (Nota da edição brasileira)

30 Evgueni Preobrazhenski (1886-1937): dirigente bolchevique desde 1903. Ocupou vários postos de importância no partido e no Estado soviético. Foi membro da Oposição de Esquerda junto com Trotski desde 1924. Em 1928, rompeu com ela para ser um dos impulsionadores da industrialização forçada, um giro da política econômica de Stalin. Foi preso em 1933 e, em 1937, foi fuzilado durante os Processos de Moscou. (Nota da edição brasileira)

31 Publicado em 1920, o *ABC do Comunismo* buscou popularizar as ideias fundamentais do socialismo científico e dos pressupostos teóricos do programa aprovado no VIII Congresso do Partido Comunista da Rússia (Bolchevique), quando, então, se atualizou o antigo programa do POSDR, aprovado no II Congresso, em 1903. O trabalho teve grande repercussão e se converteu numa espécie de manual de educação política para os militantes comunistas, inclusive para fora das fronteiras da URSS. (P. A.)

Assim, mais à frente, conclui:

O conjunto dos objetivos a que se propõe um partido na defesa dos interesses da própria classe forma o programa desse partido. As aspirações de uma classe estão formuladas no programa. O programa do partido comunista contém as aspirações dos operários e dos camponeses pobres. O programa é a coisa mais importante para todo partido. Sempre se pode saber pelo programa de qualquer partido os interesses que representa. [grifo nosso]

Esclarecem, no entanto, que nem todo indivíduo que compõem uma classe ou setor dela faz parte de um partido. E explicam por quê:

[...] nem todos os proprietários se ocupam assiduamente de seus interesses. Muitos vivem na moleza e na farra sem sequer se incomodar em revisar as contas que o administrador lhe apresenta. Porém, também há muitos operários e camponeses cheios de despreocupação e apatia [...]. Esse tipo de pessoa não cuida de nada e não compreende sequer seus próprios interesses. Mas aqueles que se preocupam em fazê-los valer se organizam num partido.

E concluem:

Ao partido não pertence a totalidade da classe, mas somente a fração mais enérgica e melhor, que é a que guia todo o resto. [...] Todo partido compreende a parte mais consciente daquela classe cujos interesses representa.

Partido revolucionário e programa

Trotsky, numa de suas discussões prévias à elaboração do *Programa de transição* com dirigentes da Oposição de Esquerda Internacional, trata não da relação entre partidos, classes e programa em geral, mas especificamente entre o programa e o partido revolucionário. Numa das conversas, publicada em junho de 1938 sob o título “Completar o programa e colocá-lo em prática”, ele aborda a questão da seguinte maneira:

Trotsky: a importância do programa é a importância do partido. O partido é a vanguarda da classe. O partido se forma pela seleção entre os elementos mais conscientes, mais avançados, mais fiéis [...].

Mais à frente, complementa:

Agora, o que é o partido? Em que consiste sua coesão? Essa coesão é uma compreensão comum dos acontecimentos, das tarefas; e essa compreensão comum é o programa. Assim como os operários modernos, muito mais que os bárbaros, não podem trabalhar sem ferramentas, também no partido o programa é um instrumento.

Programa e consciência da necessidade

Nesse marco, Trotski ressalta que o programa “não é o escrito de um só homem”, mas, ao contrário, “é a síntese do trabalho coletivo realizado até hoje”. Ou seja, o programa tem uma dimensão coletiva e histórica. Ele é produto de um acúmulo da experiência coletiva que se extrai no decorrer da luta de classes.

Por sua vez, segundo Trotski, essa “síntese é absolutamente necessária para dar aos camaradas uma ideia da situação, uma compreensão comum”. Sob esse aspecto, ele lança uma crítica à visão dos anarquistas e intelectuais pequeno-burgueses que “temem aceitar que se dê a um partido ideias comuns, uma atitude comum. Pelo contrário, desejam programas morais”. Reiterando que o programa é fruto da experiência coletiva, ele agrega que “não se impõe a ninguém, porque quem se une ao partido o faz voluntariamente”.

Retoma a definição de que, para o marxismo, a liberdade está associada à consciência da necessidade: “Não somos livres. Não temos nenhuma vontade livre no sentido da filosofia metafísica”.

Explica que:

O programa é a expressão da necessidade que aprendemos a compreender, e, posto que a necessidade é a mesma para todos os membros da classe, podemos alcançar uma compreensão das tarefas, e a compreensão dessa necessidade é o programa.

Programa e disciplina partidária

Exatamente por ser a consciência da necessidade, existe uma relação entre programa e disciplina partidária.

Sabemos que a disciplina partidária é, antes de tudo, uma imposição da luta de classes. Uma rígida disciplina é necessária se quisermos enfrentar inimigos poderosos e conscientes de seus interesses. Portanto, a disciplina advém, em primeiro lugar, de um fator externo.

No entanto, Trotski alerta que essa rígida disciplina também deve estar apoiada na compreensão comum, ou seja, no programa: “Se a disciplina se impõe sem essa compreensão, é opressão. Se provém

da compreensão, é uma expressão da personalidade”. Assim, ao invés de ser um peso, a disciplina passa a ser a “expressão de minha livre individualidade”.

Ao final, conclui que:

Não há oposição entre a vontade individual e o partido porque se entra nele livremente. O programa se apoia sobre a mesma base e pode estar fundamentado sobre uma política e bases morais claras só se o compreendemos muito bem.

Conclusão

Como vemos, o programa é vital para a existência de um partido, em geral, e, em particular, para o partido revolucionário. A falta de clareza programática, ou seja, de uma compreensão comum dos acontecimentos e das tarefas, tem enormes consequências e afeta toda a vida partidária. Entender isso nos dá uma dimensão mais exata não só da importância, mas também da urgência que tem a tarefa a que estamos nos propondo: a de atualizar o *Programa de transição*.

Sobre a “inevitável” vitória do socialismo

Martín Hernández

Para elaborar nosso programa, devemos partir do *Manifesto comunista*, mas de um *Manifesto comunista* que foi atualizado por Marx, por Engels, por Trotski³² e que deve continuar sendo atualizado pelas novas gerações de revolucionários nos dois sentidos que apontei no texto publicado nesta revista (“Sobre nosso programa”).

Do *Manifesto comunista*, é possível dizer o mesmo que Trotski disse há 77 anos:

Esse folheto, que demonstra uma genialidade maior que qualquer outro na literatura mundial, nos espanta ainda hoje por sua atualidade. Suas partes mais importantes parecem ter sido escritas ontem³³.

Mas o *Manifesto*, com o distanciamento crítico que o tempo nos possibilita, como não podia deixar de ser e como dizia Trotski, exige que sigamos fazendo correções e acréscimos.

A esse respeito, é preciso observar que a enorme confusão ideológica provocada pela restauração do capitalismo nos ex-Estados operários e pela nefasta experiência com o stalinismo também tem sido alimentada por uma definição de Marx e Engels, exposta no *Manifesto*, que considero equivocada. Refiro-me à tese sobre a destruição inevitável do capitalismo e a vitória também inevitável, do socialismo.

O *Manifesto comunista* diz: “a burguesia produz, sobretudo, seus próprios coveiros. Seu colapso e a vitória do proletariado são igualmente inevitáveis”.

32 Trotski escreveu, em 1937, um texto intitulado “Noventa anos do Manifesto comunista”, no qual, depois de reivindicar o *Manifesto*, fazia uma série de acréscimos e críticas.

33 TROTSKI, Leon, “Noventa anos do Manifesto comunista” in: *Escritos*, Bogotá, Editora Pluma, Tomo IX, vol. I, 30 de outubro de 1937.

Afirmações desse tipo aparecem frequentemente nas obras dos autores do *Manifesto*, como quando Marx afirma: “(...) o resto de minha vida será dedicado, assim como meus esforços passados, ao triunfo das ideias sociais, *que conduzirão, cedo ou tarde, à vitória do proletariado no mundo*”³⁴.

Essas afirmações, longe de serem simples frases soltas de alguma agitação política, eram toda uma concepção, a tal ponto que, quando Marx se refere ao que considera praticamente seu único grande aporte (a ideia da ditadura do proletariado), afirma que “(...) a luta de classes conduz, *necessariamente, à ditadura do proletariado*”³⁵.

Essa concepção sobre a inevitável destruição do capitalismo e a também inevitável vitória do socialismo permeou o marxismo por mais de cem anos.

Rosa Luxemburgo: “Socialismo ou barbárie”

A tese de Marx e Engels sobre a vitória inevitável do socialismo foi questionada por Rosa Luxemburgo quando, em 1915, ela afirmou que o socialismo não era inevitável. Que, pelo contrário, o inevitável era a barbárie se o socialismo não triunfasse. Ou seja, para Rosa Luxemburgo, o socialismo era apenas uma das duas possíveis alternativas históricas.³⁶

Pode parecer estranho que este apontamento tenha sido feito por Rosa Luxemburgo, porque era justamente ela quem tinha uma visão mais catastrófica da economia capitalista. Porém não é por acaso que tenha sido ela, já que foi a própria Rosa quem iniciou a luta contra o reformismo da direção do SPD alemão que era, até aquele momento, a grande referência para todas as organizações da II Internacional.

Foi justamente na luta contra o reformismo e em meio à Primeira Guerra Mundial (da qual os reformistas eram cúmplices) que Rosa chegou à conclusão de que o socialismo não era inevitável. É que a direção do partido alemão usava a tese de Marx e Engels para justificar sua orientação reformista oposta ao marxismo.

34 MARX, Karl, “Discurso em uma reunião em La Haya” in: *Obras escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. II, p. 313.

35 Carta de Marx a Weydemeyer, 5 de março de 1852.

36 Essa formulação foi feita por Rosa Luxemburgo num folheto intitulado “A crise da social-democracia”, que escreveu em 1915, quando estava no cárcere, e que foi conhecido com o nome de “Junios” (que era o pseudônimo que Rosa adotou naquele momento).

Em 1909, em seu livro *O caminho para o poder*, Karl Kautsky³⁷, apoiando-se na tese de Marx e Engels, refere-se à revolução proletária como “irresistível” e “inevitável”. Daí conclui que, como a vitória do socialismo é inevitável, “o partido socialista revolucionário não é um partido que faz revoluções [...]. Portanto, jamais pensamos em provocar ou preparar uma revolução”. Para Kautsky, como para todos os reformistas, o socialismo viria, *inevitavelmente*, de maneira evolutiva, por meio de reformas do Estado capitalista.

É interessante notar que a ideia de Marx e Engels era tão forte que Rosa iniciou sua luta contra o revisionismo defendendo a mesma tese que eles. Assim, em seu livro *Reforma ou revolução*, polemizando com Bernstein³⁸, fala da “ruína inevitável” da economia capitalista e de seu “colapso iminente”.

O mesmo faz Rosa em sua polêmica contra Kautsky. Responde-lhe, porém, uma vez mais, defendendo a mesma concepção. Por isso, diz que a missão do partido, dado que o socialismo seria inevitável, era apenas a de “abreviar essa evolução [...] e acelerar seu avanço”.

Apenas em seu folheto “Junios”, depois do início da Primeira Guerra Mundial, Rosa rompe com a concepção sobre a vitória inevitável do socialismo. Ela aponta:

Assim nos encontramos hoje, tal como o profetizou Engels há uma geração, ante a terrível opção: *ou triunfa o imperialismo* e provoca a destruição de toda cultura, e, como na Roma Antiga, o despovoamento, desolação, degeneração, um imenso cemitério; *ou triunfa o socialismo*, ou seja, a luta consciente do proletariado internacional contra o imperialismo, seus métodos, suas guerras. [...]

Esse é o dilema da história do mundo, sua alternativa de ferro, sua balança tremulando no ponto de equilíbrio, aguardando a decisão do proletariado. Dela depende o futuro da cultura e da humanidade. [...]

O socialismo não cairá como maná do céu. *Só se conquistará numa grande cadeia de poderosas lutas nas quais o proletariado, dirigido pela social-democracia,*

37 Karl Kautsky (1854-1938): principal autoridade da II Internacional, foi um dos fundadores da social-democracia e seu principal teórico. Sobre o abandono por parte de Kautsky do marxismo, ver *O renegado Kautsky*, de V. I. Lenin. (Nota da edição brasileira)

38 Eduard Bernstein (1850-1932): membro do Partido Social-Democrata da Alemanha (SPD) e o primeiro a revisar a teoria marxista. Foi um dos principais teóricos da social-democracia e do reformismo, negando a revolução socialista. (Nota da edição brasileira)

aprenderá a manejar o leme da sociedade para converter-se de vítima impotente da história em seu guia consciente [...]. Os homens não fazem arbitrariamente sua história, mas são eles os únicos que a fazem³⁹.

Muitas vezes se argumentou que, na realidade, a ideia de que haveria duas alternativas, socialismo ou barbárie, não foi de Rosa Luxemburgo, mas de Engels, dando-se a entender, dessa maneira, que ele teria corrigido a tese exposta no *Manifesto comunista*. Mas isso não é assim. Essa confusão foi criada porque a própria Rosa, como vimos na citação anterior, identifica Engels como o autor dessa ideia. No entanto, Engels nunca disse algo parecido a “socialismo ou barbárie”.

Vários estudiosos do marxismo procuraram essa frase e não a encontraram em nenhum dos trabalhos de Engels. Alguns explicam essa atribuição errônea de Rosa ao fato de que ela estava no cárcere quando escreveu seu folheto e, portanto, com pouco acesso à literatura marxista. Outros opinam que Rosa possivelmente citou Engels para dar mais autoridade a seu texto.

Por outro lado, estão os que acreditam que ela poderia ter se apoiado em algumas frases de Engels (e Marx) do *Manifesto comunista* ou do *Anti-Dühring*⁴⁰. Mas a realidade é que isso exigiria um esforço muito grande para concluir, por essas frases, que Engels não defendia mais a ideia de que o socialismo era inevitável.

No entanto, houve um dirigente marxista, antes de Rosa, que apresentou essa ideia. Foi este dirigente que, com o passar do tempo, se converteria em um grande líder do reformismo: Kautsky, que, em seus “Comentários sobre o programa de Erfurt”, apontou:

Se de fato a comunidade socialista fosse algo impossível, então a humanidade seria incapaz de um maior desenvolvimento econômico. Nesse momento, *a sociedade moderna viria abaixo, como fez o Império Romano* há quase dois mil anos, e, finalmente cairia na barbárie [...]. Tal como estão as coisas hoje em dia, a civilização capitalista não pode continuar; *devemos avançar rumo ao socialismo ou cair de novo na barbárie*⁴¹.

39 LUXEMBURGO, Rosa, *Júnios - a crise da social-democracia*, in: *Obras escolhidas*. Bogotá, Editora Pluma, tomo II, p. 65.

40 Publicado em 1877, o texto de Engels defende o marxismo contra as ideias do filósofo Eugen Dühring, que havia criado uma teoria de socialismo alternativa contrária ao marxismo. (Nota da edição brasileira)

41 KAUTSKY, Karl, *O programa de Erfurt: uma discussão dos fundamentos*, 1892.

Dessa frase, Kautsky não tirou nenhuma conclusão revolucionária; ao contrário de Rosa, que valorizou a ação do proletariado, do partido e da luta contra o reformismo para inclinar a balança a favor do socialismo. Por isso, de conteúdo, devemos considerar Rosa Luxemburgo a autora desta importante contribuição.

Diferentes posições de nossos mestres

Sobre a tese de Marx e Engels, ainda que houvesse diferentes posições entre nossos mestres, aparentemente, nunca se desenvolveu um verdadeiro debate entre eles.

Por exemplo, em 1916 Lenin escreveu um texto de comentários sobre o folheto de Rosa Luxemburgo (“Junios”), no qual diz que se trata de “uma estupenda obra marxista” e, nesse marco, lhe faz uma série de críticas, mas não faz nenhuma referência ao que era (ainda que Rosa não o tenha dito) um questionamento à citada tese de Marx e Engels. Disso poderia se interpretar que Lenin compartilhava da análise de Rosa Luxemburgo. Mas não é assim. Não só porque Lenin, pouco tempo antes de Rosa escrever seu folheto, publicou uma biografia sobre Marx, na qual defendia a posição do mesmo, mas porque até o final de sua vida defenderia, algumas vezes, a ideia de que o socialismo e o comunismo triunfariam *inevitavelmente*.

Nessa biografia afirma:

Pelo exposto, se vê como Marx chega à conclusão de que é *inevitável a transformação da sociedade capitalista em socialista*, dependendo única e exclusivamente da lei econômica do movimento da sociedade moderna. A socialização do trabalho, que avança com rapidez crescente em milhares de formas e que se manifestou com especial evidência durante o meio século transcorrido desde a morte de Marx no crescimento da grande produção, nos cartéis, nos sindicatos e nos trustes capitalistas, assim como no gigantesco crescimento do volume e do poder do capital financeiro, é a base material mais importante do *advento inevitável do socialismo*⁴².

E depois desse folheto, apresenta ideias como a seguinte:

A base econômica desta violência revolucionária, a garantia de sua eficácia e de seu sucesso, reside no fato de que o proletariado representa e cria um tipo mais elevado de organização social do trabalho em comparação com o capitalismo.

42 LENIN, Vladimir, “Karl Marx: breve esboço biográfico com uma exposição do marxismo” in: *Obras escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. I, p. 21.

Isso é o essencial. Esta é a fonte da força e a *garantia de que o triunfo final do comunismo é inevitável*⁴³.

Por sua vez, Trotski, como Lenin, sempre defendeu a tese de Marx e Engels e o fez, inclusive, de forma polêmica. Porém não citou seus adversários. Mas o fez a partir de outro ângulo e com novos argumentos. Assim, em 1939, escreveu:

As especulações de *certos intelectuais*, segundo os quais, *em detrimento da teoria de Marx*, o socialismo não é inevitável, mas meramente possível, estão desprovidas de todo conteúdo. Evidentemente, Marx não quis dizer que o socialismo se realizaria sem a intervenção da vontade e da ação do homem: semelhante ideia é simplesmente um absurdo [...]. As forças produtivas necessitam de um novo organizador e de um novo mestre e, dado que a existência determina a consciência, Marx não tinha dúvida de que *a classe trabalhadora, à custa de erros e de derrotas, chegaria a compreender a verdadeira situação e, cedo ou tarde, tiraria as necessárias conclusões práticas*⁴⁴.

Depois da morte de Trotski, a maioria dos marxistas continuou defendendo suas mesmas ideias sobre a inevitável vitória do socialismo. Por exemplo, o argentino Milcíades Peña⁴⁵, com o mesmo tipo de raciocínio que Trotski, mas com outro enfoque, afirmou numa palestra realizada em 1958:

O fatalismo mecanicista que pressupõe que o *socialismo é inevitável*, inescapável e independente de o homem o querer ou não traz, sem dúvida, uma grande paz de espírito, fortalece a fé dos crentes; é quase uma religião. Mas *não tem nada a ver com o marxismo*.⁴⁶

Evidentemente, Trotski tinha total razão quando afirmava que “Marx não quis dizer que o socialismo se realizaria sem a intervenção da vontade e da ação do homem: semelhante ideia é simplesmente

43 LENIN, Vladimir, “Uma grande iniciativa” in: *Obras escolhidas*, Moscou, Editorial Progresso, vol. III, p. 217.

44 TROTSKI, Leon, “A inevitabilidade do socialismo” in: *O marxismo de nossa época*, 1939.

45 Milcíades Peña (1933-1965): de nacionalidade argentina, militou durante vários anos na Palabra Obrera, organização dirigida por Nahuel Moreno. Seus principais trabalhos históricos foram publicados há poucos anos com o título *História do Povo Argentino*. No Brasil, sua breve introdução ao pensamento de Marx, intitulada *O que é o marxismo?* foi publicada pela Editora Sundermann. (Nota da edição brasileira)

46 PEÑA, Milcíades, *Introdução ao pensamento de Marx*, Buenos Aires, Ediciones El Cielo por Asalto, 2003, p. 66.

um absurdo”. Também tinha razão Milcíades Peña quando afirmava que isso “*não tem nada a ver com o marxismo*”⁴⁷.

No entanto, nem Trotski nem seu discípulo Peña davam resposta ao problema central suscitado por Marx e criticado por Rosa Luxemburgo.

Marx, como bem dizia Trotski, nunca disse que o socialismo seria possível sem a intervenção da vontade do homem. Mas disse que, a partir das leis da economia, a ação dos homens (os trabalhadores) levaria, *inevitavelmente*, o mundo ao socialismo. Por isso, afirmava que a luta de classes conduzia, *necessariamente*, à ditadura do proletariado. Enquanto isso, Rosa Luxemburgo dizia algo muito diferente: que só chegaríamos ao socialismo se os trabalhadores *derrotassem o imperialismo* e que, se não o fizessem, *o capitalismo levaria o mundo em direção à barbárie*. Ou seja, para Rosa não havia, como afirmava Marx, uma só alternativa histórica. Havia duas: socialismo ou barbárie.

Em 1986, ou seja, muitos anos depois dos escritos de Trotski e também das palestras de Peña, Nahuel Moreno se referiu a esse tema e o fez com uma compreensão muito diferente.

Respondendo a uma pergunta sobre esta questão, Moreno disse:

Sim, é verdade que o capitalismo não caiu, e é *igualmente certo que vínhamos anunciando sua crise definitiva há muito tempo*. Creio que isso se deve a uma concepção catastrofista [...] *Todos nós temos compartilhado essa concepção*. [...]

O tempo nos mostrou que *não existe uma lei científica pela qual se chega à catástrofe final do capitalismo e ao começo do socialismo*. O problema é muito mais complexo, já que entram em jogo os sujeitos históricos, que são *as classes*, com seus setores, grupos e dirigentes. *A crise definitiva de uma sociedade está intimamente relacionada às lutas e à disposição para as lutas entre todos eles*. [...]

Nossa expressão “socialismo ou barbárie” parece uma consigna, mas na realidade é um conceito teórico muito profundo. Significa que a *crise do capitalismo não conduz, inexoravelmente, ao socialismo*, mas pode dar lugar a uma nova sociedade de classes muito pior que o capitalismo, baseada em formas de trabalho semiescravidades.⁴⁸

Em outras palavras, o que Moreno estava dizendo é que a queda do capitalismo e, mais ainda, a vitória do socialismo, ao contrário do que indicava a maioria de nossos mestres, não é algo definido

⁴⁷ *Ibid.*

⁴⁸ *Conversando com Nahuel Moreno*, Buenos Aires, Editora Antídoto, 1986, pp. 1-2.

de antemão, mas depende da luta de classes. Ao afirmar isso, estava questionando Marx, mas estava sendo profundamente marxista, pois *o materialismo histórico parte dessa compreensão: que a história de todas as sociedades é a história da luta de classes.*

Nesse sentido, a tese de Marx e Engels sobre a inevitabilidade do socialismo é incompatível com a própria concepção elaborada por eles.

No entanto, apesar das evidências, o tema da inevitabilidade do socialismo é, ainda hoje, bastante polêmico. Não porque a maioria dos atuais marxistas acredite que o socialismo seja inevitável. O debate é outro. O que se discute é se essa concepção, que hoje é difícil de sustentar, é de Marx e Engels ou se, pelo contrário, é de outros marxistas que interpretaram mal Marx ou diretamente o revisaram.

É verdade que Marx e Engels foram completamente deturpados por todo tipo de revisionistas. Mas em relação a essa tese, o que ocorreu foi outra coisa. Os revisionistas como Kautsky tomaram os poucos pontos fracos que existiam na obra destes dois gênios (como é a tese da qual estou falando) e os desenvolveram até o extremo para contrapô-los com a essência do próprio marxismo.

Dizer a verdade, por mais dura que ela seja

Hoje, frente aos processos do leste, e sob o risco de sermos confundidos com uma seita religiosa, seria equivocado continuar afirmando, como o fizeram Lenin e Trotski em sua época, que a vitória do socialismo está garantida de antemão. Da mesma forma, não se pode deixar de apontar as causas do erro de Marx e Engels e suas consequências.

Sobre as causas. Na frase em que citei de Lenin em apoio à teoria de Marx há uma explicação que dá uma pista sobre a origem do erro. É quando Lenin diz que Marx chegou à conclusão de que o socialismo era inevitável “apoiando-se *única e exclusivamente na lei econômica do movimento da sociedade moderna*”. Ou seja, para Lenin (ainda que ele não o veja como um erro), haveria em Marx um “determinismo econômico”. Essa seria, para mim, a principal causa do erro.

Sobre as consequências. Cabe recordar não só a utilização que desse erro fez o reformismo, mas também como ele alimentou as análises objetivistas que levaram ao “facilismo” que tanto dano causou ao marxismo e à nossa própria corrente internacional.⁴⁹

49 A profunda crise da LIT, que, na década de 1990, levou quase à sua destruição, esteve atravessada, entre outras coisas, por uma série de análises objetivistas que

Por exemplo, em 1938, Trotski – no *Programa de transição* – resumiu em uma frase todo o drama e o desafio que, para a classe operária e para os revolucionários, colocava a situação mundial:

Sem revolução social no próximo período histórico, toda a civilização humana está ameaçada de ser arrastada para uma catástrofe. Tudo depende do proletariado e, sobretudo, de sua vanguarda revolucionária. A crise histórica da humanidade se reduz à crise da direção revolucionária.⁵⁰

No entanto, aparentemente por estar apegado à tese de Marx e Engels, Trotski considerava essa possível catástrofe apenas como um momento que seria inevitavelmente superado. Isso é o que explicaria que poucos meses depois de ter escrito o *Programa de transição*, frente à proximidade da Segunda Guerra Mundial, formulasse uma posição extremamente facilista:

[...] o fascismo é apenas uma trégua. *O capitalismo está condenado. Nada o salvará do colapso.* Quanto mais decidida e audaciosa seja a política do proletariado, menos sacrifício provocará a revolução socialista e mais rápido entrará a humanidade em nova rota [...]. Sim, não duvido de que a nova guerra mundial provocará, *inevitavelmente*, a revolução mundial e o colapso do sistema capitalista.⁵¹

Mas essa concepção de Marx e Engels, sobre a qual hoje há condições de dizer que estava equivocada, produziu seu efeito particular depois dos processos do leste. Com a restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, veio a comprovação do erro dessa concepção. Isso alimentou o ceticismo, pois se identificou esse erro de Marx com o fracasso do marxismo e, assim, como diz o ditado alemão, muitos quiseram “jogar a água suja junto com o bebê”.

Hoje em dia, entre os quadros de nossa corrente, possivelmente ninguém defenda a ideia de que o socialismo é inevitável, mas nosso programa não é para consumo interno. É para ganhar para o marxismo a vanguarda operária e popular, e não podemos esquecer que milhões e milhões de ativistas em todo o mundo foram educados pelo *Manifesto comunista* e cresceram, militaram e muitos morreram com essa ideia. Quando no famoso filme *A batalha de Argel*, o dirigente

nos impediram de entender a realidade dos processos do leste europeu naquele momento.

50 TROTSKI, Leon. *Programa de transição para a revolução socialista*, Lisboa, Editora Antídoto, 1978, p. 22.

51 TROTSKI, Leon, “Só a revolução pode acabar com a guerra” in: *Escritos*, Bogotá, Editora Pluma, tomo X, p. 337.

da Frente de Libertação Nacional (FLN) diz, perante o tribunal que o condena, algo como: “Poderão nos reprimir, mas não poderão deter a roda da história”, não estava fazendo mais do que repetir o que Marx e Engels haviam dito no *Manifesto comunista*.

Como dizia Trotski, “devemos dizer às massas a verdade, por mais dura que seja”⁵² e, nesse caso, dizer a verdade é dizer com todas as letras que, em minha opinião, houve um erro em Marx e Engels, que esse erro foi assumido por quase todos os marxistas e que é nossa obrigação corrigi-lo.

Assumir esse erro não enfraquece o programa marxista, como não o fizeram as correções de Trotski em 1937. O que enfraquece o programa marxista é defender seus inevitáveis erros.

Marx e Engels não elaboraram uma bíblia nem os dez mandamentos. Elaboraram uma concepção do mundo que nos permite entendê-lo e tirar as conclusões práticas. E também nos permite corrigir os erros e imprecisões de seus autores. Nesse sentido, faço as críticas com o mesmo critério que Trotski as fez em 1937:

O *Manifesto* também requer correções e acréscimos. No entanto, como o evidencia a própria experiência histórica, *esses acréscimos e correções podem ser realizados com sucesso somente se procedermos de acordo com o método definido na base do próprio Manifesto*.⁵³

52 TROTSKI, Leon, *Programa de transição para a revolução socialista*, Lisboa, Editora Antídoto, 1978.

53 TROTSKI, Leon, “Noventa anos do Manifesto comunista” in: *Escritos*, Bogotá, Editora Pluma.

O teórico da “inevitabilidade” do socialismo é o renegado Kautsky (não Marx)

Francesco Ricci e Ricardo Ayala

“Os homens fazem sua própria história, mas não a fazem a seu livre arbítrio, sob circunstâncias eleitas por eles mesmos, mas sim sob aquelas circunstâncias com que se encontram diretamente, que existem e lhes foram legadas pelo passado” (Karl Marx, *O 18 Brumário de Luis Bonaparte*, 1852)

Um método justo que não nos isenta de cautela

Em seu texto “Sobre a ‘inevitável’ vitória do socialismo”, o companheiro Martín Hernández afirma com razão que, para os marxistas, não há evangelhos a serem defendidos. Sabemos que nossos mestres – Marx, Engels, Lenin, Trotski –, que foram, ao mesmo tempo, grandes teóricos e grandes dirigentes políticos, cometeram erros, não eram infalíveis. Ao atualizar e desenvolver o marxismo sobre suas próprias bases, criticamos os erros e eliminamos as partes que já não são atuais, de modo que o marxismo permanece como o que é: um método para interpretar o mundo e transformá-lo através da revolução socialista.

Nossos mestres teriam sido os primeiros a rirem de cada respeito sagrado sobre suas obras. É um fato. Mas esse fato não deve conduzir a uma crítica precipitada e sem fundamento. O marxismo é uma arma formidável, mas, justamente por isso, devemos ser muito cautelosos quando criticamos seus aspectos na tentativa de desenvolvê-lo, conscientes do ensinamento de Shakespeare, para quem “mal utilizada, mesmo a melhor lâmina perde o fio”.⁵⁴

54 SHAKESPEARE, William, *Sonetos*, n° 95.

A tese de Hernández

Assim, mais cautelosos devemos ser quando lidamos com alguns aspectos essenciais do marxismo, pilares sem os quais o edifício inteiro pode colapsar. Parece-nos que a tese que Hernández propõe em seu texto, uma tese que defende ter sido tirada de Nahuel Moreno⁵⁵, é equivocada. Qual é essa tese?

Hernández parte de uma frase do *Manifesto*, na qual se diz que a derrota da burguesia e a vitória do proletariado são inevitáveis. Essa não é mais uma frase dentre tantas, mas, segundo Hernández, “essa concepção sobre a inevitabilidade do socialismo influenciou o marxismo por mais de 100 anos”.

Certamente, acrescenta Hernández, Marx não entendia que o socialismo aconteceria independentemente da intervenção humana, mas estava convencido de que os trabalhadores saberiam encaminhar-se ao socialismo “inevitavelmente”, “a partir das leis da economia”. Sustentando essa tese (da inevitabilidade do socialismo), continua Hernández, Marx e Engels entravam em contradição com a própria concepção por eles elaborada.

Pode-se fazer uma afirmação tão importante e cheia de consequências baseando-se em uma frase? Pode-se ignorar tanto o resto daquele texto (o Manifesto) como as condições particulares nas quais ele foi escrito e o objetivo ao qual a obra deveria servir? E se pode falar de uma “contradição” em Marx e Engels sem detectar que se esta contradição existisse, todo o edifício da concepção materialista-dialética da história entraria em colapso?

O Manifesto, duplo instrumento de batalha

O *Manifesto* foi escrito por Marx nas primeiras semanas de 1848 e entregue à imprensa no final de fevereiro. É o programa da Liga dos Comunistas, e Marx foi encarregado de escrevê-lo porque foi o vencedor da batalha de frações que, com Engels e alguns outros (o Comitê de Correspondência Comunista), havia combatido na passagem da Liga dos Justos à Liga dos Comunistas, derrotando as posições de Weitling⁵⁶. Weitling concebia o socialismo como um horizonte de justiça social, um ideal a realizar. Não por acaso seu, livro mais famoso se intitula *A sociedade como é e como deveria ser*.

55 Moreno defendia essa interpretação, segundo Hernández, em *Conversando com Moreno*, uma longa entrevista dada em 1986 e transformada em livro.

56 Wilhelm Weitling (1808-1871): importante teórico do socialismo utópico e um dos fundadores do comunismo alemão.

O *Manifesto* deveria, então, servir como instrumento de uma dupla batalha: no movimento operário, contra os restos das posições utopistas como a de Weitling; e contra as classes dominantes que, segundo se previa, estavam para explodir na Europa.

Algumas frases que anunciavam a inevitabilidade da vitória se explicam também por isso: primeiro, contra os resquícios das posições de Weitling, era necessário especificar que o socialismo, objetivo da nova organização (a Liga dos Comunistas), não é o ideal abstrato de qualquer filósofo, mas o produto necessário das contradições da atual sociedade; segundo, incitando os proletários a unirem-se para a iminente batalha, o *Manifesto* contém frases que normalmente se usam para encorajar um exército (o proletário, neste caso) à luta e à vitória.

A concepção da história expressa no Manifesto

Explicamos como, em nossa opinião, lendo aquela frase do *Manifesto* em seu contexto histórico, é possível compreendê-la. Mas continuemos com o *reductio ad absurdum*⁵⁷ e assumindo como válida a interpretação de Hernández.

Admitamos que tal frase do *Manifesto* seja a demonstração de uma determinada concepção da história em Marx. Como definiremos essa concepção?

Se Marx pensava que o socialismo era inevitável, significa que sua concepção da história, ou seja, a concepção materialista da história, é uma concepção determinista em sentido absoluto; uma teleologia, como diriam os gregos antigos; uma visão finalista, na qual a história avança inevitavelmente até um fim empurrada por qualquer mecanismo (que, tratando-se de Marx – excluindo a religião – seria, segundo Hernández, econômico).

Mas é essa a concepção da história de Marx? Como primeiro passo, leiamos o *Manifesto*. O primeiro capítulo inicia com uma frase que resume toda a concepção de Marx: “Toda a história da sociedade humana até a atualidade é uma história de luta de classes”.

Então, se a tese de Hernández fosse verdadeira, se Marx tivesse acreditado na inevitabilidade do socialismo, como poderia conciliar essa certeza com a afirmação de que o destino da humanidade está confiado a uma luta que, como toda luta, tem um êxito incerto? Poder-se-ia responder que Marx acreditava ser inevitável o êxito desse choque entre as classes. Mas, continuando a leitura, três linhas depois, há uma segunda e claríssima afirmação:

57 Do latim: redução ao absurdo. (N. do T.)

Homens livres e escravos, patrícios e plebeus, senhores e servos, mestre de corporação e oficial; em uma palavra, opressores e oprimidos, frente a frente sempre, empenhados numa luta ininterrupta, velada umas vezes, e outras franca e aberta, numa luta que conduz em cada etapa à *transformação revolucionária de todo o regime social ou ao extermínio*⁵⁸ de ambas as classes em luta. [grifo nosso]

O que está dizendo Marx? Que assim como nas lutas do passado, também a luta entre proletariado e burguesia pode ser concluída “ou [com uma] transformação revolucionária de todo o regime social ou [com o] extermínio de ambas as classes em luta”. Os grifos são nossos e assinalam a conjunção disjuntiva: ou isto ou aquilo, ou revolução ou ruína geral, ou socialismo ou barbárie, para dizê-lo com as palavras geralmente atribuídas a Rosa Luxemburgo e sobre as quais retornaremos mais adiante.

A concepção marxista da história

Marx escreve o *Manifesto* (utilizando, inclusive, os materiais de Engels, razão pela qual se atribui a ambos) no início de 1848. Naquele período, com Engels, ele já havia formulado uma nova e revolucionária concepção da história. A novidade dessa visão de mundo não está, obviamente, no materialismo (que remonta aos tempos de Demócrito). A novidade está na combinação entre materialismo e dialética, aplicando-os à história.

Essa concepção já é claramente expressa no texto que os dois jovens escreveram em 1845, *A sagrada família*. Em especial, num capítulo escrito por Engels encontramos um fragmento que se contrapõe a toda concepção finalista da história:

A história não faz nada, não possui uma imensa riqueza, não empreende batalhas. É o homem, o homem de carne e osso, quem faz tudo isso, que possui e combate; a “história” não é, por assim dizer, um sujeito separado que se serve do homem como instrumento para alcançar seus próprios fins, a história não é outra coisa senão a atividade do homem que persegue seus objetivos.

Prossigamos vendo os outros livros anteriores ao *Manifesto*. Em 1846, Marx e Engels escreveram (e deixaram à “crítica mordaz dos ratos”, até que foi redescoberto pelos bolcheviques, mais especificamente por Riazanov) *A ideologia alemã*, na qual a concepção materialista da história encontra sua primeira sistematização completa.

58 Do alemão: *Untergang* (ruína). (F. R. e R. A.)

Aqui lemos uma explicação que nega toda mecânica causal entre o antes e o depois, que usa a dialética e concebe a ação recíproca entre as diversas forças (porém, o movimento econômico é, em última instância, o determinante):

A história [...] é um processo que, sobre o terreno especulativo, aparece de forma distorcida, ao ponto de fazer da história subsequente o objetivo da história anterior, de atribuir, por exemplo, ao descobrimento da América o objetivo de favorecer a eclosão da Revolução Francesa; então, desse modo, a história [...] se converte numa “pessoa ao lado de outras pessoas” [...], enquanto o que é designado como “destino”, “meta”, “gérmen”, “ideia” da história anterior não é outra coisa senão uma abstração da história posterior, uma abstração da influência ativa que a história anterior exerce sobre as seguintes.

Dessa crítica, emerge a concepção de Marx. Nesta, não há nenhuma predestinação, nenhuma ideia de um progresso contínuo que desemboque inevitavelmente no socialismo. E não se trata de buscar simples citações: essa concepção é claramente expressa por Marx em cada obra até seu texto principal, *O capital*. Aqui, contra cada ideia de progresso linear (e com uma antecipação *ante litteram* da ecologia), no décimo terceiro capítulo do primeiro livro, Marx aponta como a lógica do desenvolvimento do capitalismo acaba com a ameaça de destruição dos dois fatores que criam riqueza: a força de trabalho (explorada e marginalizada do processo) e o meio ambiente. Uma vez mais ressaltamos: nenhum mito evolucionista.

Marx e Engels influenciados pelo darwinismo?

A interpretação de Hernández não é comum. Na verdade, é raro que alguém atribua uma concepção rigidamente determinista ao Marx de 1848, quando ele havia acabado de romper com a esquerda hegeliana. É mais comum, pelo contrário, uma leitura que busque negar um enfoque dialético no Marx maduro (o que faz, por exemplo, Althusser, que reivindica uma ruptura epistemológica entre o jovem Marx e o Marx maduro). É ainda mais frequente (é quase um lugar comum) encontrar estudiosos que absolvam Marx do determinismo e culpem Engels, especialmente o velho Engels, que teria sido influenciado pelo darwinismo.

Mas houve uma influência decisiva do darwinismo em Marx, jovem ou velho, ou em Engels?

Antes de mais nada, é bom lembrar que, mesmo que essa influência tivesse acontecido, certamente não poderia ser exercida sobre

o Marx de 1848 (o Marx daquela frase do *Manifesto* da qual parte nossa discussão), dado que, naquela época, Darwin era ainda desconhecido... inclusive para si mesmo: *A origem das espécies* é de 1859. Quando o livro foi publicado, Marx e Engels logo o leram e expressaram admiração pelas teorias de Darwin, mas é interessante notar que – comentando em uma carta a Marx – Engels salienta com satisfação como Darwin fecha a porta a toda visão teleológica do mundo⁵⁹.

Em todo caso, numa famosa nota de *O capital*, referindo-se a quem quisesse aplicar as descobertas da história natural feitas por Darwin à história social, Marx afirma que não tem sentido “um materialismo modelado de forma abstrata nas ciências naturais”. Sem dúvida, não há em Marx nenhuma transposição do evolucionismo darwiniano à história.

É verdade, então, como afirmam alguns (e são muitos) que teria sido o velho Engels (no *Anti-Dühring* e, depois, nos escritos dos últimos anos) quem tentou combinar marxismo e darwinismo, baseado na aplicação esquemática da dialética hegeliana? Essa acusação que muitos atribuíram a Engels é completamente falsa. No *Anti-Dühring*⁶⁰, no capítulo 13 (“Dialética. Negação da negação”), Engels rejeita a interpretação de quem defende que Marx em *O capital* faz da tríade hegeliana um uso demonstrativo e uma espécie de lei histórica que determina mecanicamente o presente pelo passado (a referência é ao capítulo 24, onde é dito que a propriedade privada capitalista é a negação da propriedade individual, e o socialismo é a negação dessa negação). Leiamos juntos o que escreve Engels:

Marx não pensa, portanto, caracterizando este processo como negação da negação, em demonstrar, desse modo, que isso é um processo historicamente necessário. [...] Uma vez mais é, portanto, uma pura insinuação de Dühring sua afirmação de que a negação da negação deva servir de parteira, *extraindo o futuro do ventre do passado*. [grifo nosso]

Lenin definirá, depois, não por acaso (em *Quem são os amigos do povo?*, de 1894), esse capítulo de Engels como “uma magnífica lição” do que é realmente a concepção materialista da história, isenta de qualquer determinismo mecanicista.

Poucas linhas depois, ainda no *Anti-Dühring*, que, segundo uma lenda, seria a base do determinismo da II Internacional, Engels reitera que o sistema capitalista, em seu desenvolvimento, cria simplesmente as premissas de um possível socialismo, e assim o explica:

59 Ver carta de Engels a Marx, 11 de dezembro de 1859.

60 ENGELS, Friedrich, *Anti-Dühring*, Parte II: Economia Política.

A certeza da vitória do socialismo moderno se baseia nesse fato material [o desenvolvimento das forças produtivas e a crescente contradição com o modo de produção que a gerou] e tangível que se impõe com irresistível necessidade e de forma mais ou menos clara às cabeças dos proletários explorados; nisso, e não nas ideias de certo e errado.

Aqui, novamente Engels explica em que consiste a certeza do socialismo, polemizando com quem o reduz a um ideal abstrato e demonstrando que, ao contrário, Marx indicou as bases objetivas, certas, estudáveis. É evidente que Engels não usa a palavra “certeza” para indicar que o socialismo é inevitável. Pelo contrário, nesse mesmo parágrafo, escreve que a burguesia está guiando a sociedade “até a ruína, como uma locomotiva, cujo maquinista estava fraco demais para abrir a válvula de escape bloqueada”. Somente o socialismo pode impedir que a locomotiva acabe na ruína. Novamente: o caminho não é inevitável, ou socialismo ou barbárie, diria Rosa Luxemburgo (ainda que a expressão, como veremos, não seja sua).

Engels depois de Marx

Como vimos até aqui, carece de fundamento cada atribuição de um finalismo a Marx e a Engels, de um socialismo inevitável. Essa acusação não pode ser atribuída nem ao Marx, nem ao Engels do *Manifesto*, nem aos trabalhos posteriores, nem ao tão criticado *Anti-Dühring*. Olhemos os últimos textos de Engels – de depois da morte de Marx (1883) –, que continua por uma dúzia de anos a atividade política e teórica, orientando os partidos de todo o mundo.

Para além do trabalho sobre textos de Marx – que permite a publicação do segundo (1885) e do terceiro (1894) tomos de *O capital* –, Engels se dedica a alguns escritos próprios (em particular, a *Dialética da natureza* e *A origem da família, da propriedade privada e do Estado*), entre os quais, um dos mais importantes é, certamente, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã* (1886). É num apêndice a este que Engels publica, pela primeira vez, um texto de Marx que encontrou entre as cartas do amigo, escrito em 1845: *Teses sobre Feuerbach*.

Tanto o texto de Engels, quanto as breves teses de Marx (a mais sintética e eficaz exposição da concepção materialista-dialética da história) são incompatíveis com qualquer visão do socialismo inevitável.

No quarto capítulo de seu *Feuerbach*, Engels compara a história natural e a história social, e indica como principal diferença o fato de que, na primeira (à exceção da ação humana), atuam “agentes inconscientes e cegos”, enquanto na segunda tudo é determinado pelas ações dos homens: “aqui, nada acontece sem uma intenção consciente, sem um fim desejado”.

Quando se fala de prática humana, claramente, o fim não pode ser certo, inevitável e, portanto, Engels acrescenta:

[...] na maioria dos casos, os muitos fins perseguidos se entrecruzam uns com outros e se contradizem, quando não são em si irrealizáveis ou insuficientes os meios de que se dispõe para realizá-los.

As *Teses sobre Feuerbach* de Marx vão na mesma direção. Vamos revê-las juntos, recordando que Marx as escreve três anos antes da redação do *Manifesto* para esclarecer sua própria posição com relação ao materialismo a-dialético. Na primeira tese, Marx ressalta a diferença entre o materialismo anterior e o dialético. No velho materialismo (pré-marxista), a realidade não é concebida “como atividade humana sensível, prática”. Para Marx, pelo contrário, é o homem, com sua atividade social, quem faz a história. Evidentemente, não escolhe, ele mesmo, as condições em que atua, mas não é apenas produto das circunstâncias que, de fato (terceira tese), podem ser modificadas (“o próprio educador necessita ser educado”). É a intervenção ativa, a “prática revolucionária” (terceira tese), a única coisa que pode modificar o mundo. Por isso que, depois de séculos, “os filósofos não fizeram mais que interpretar, de diversos modos, o mundo, mas o que se trata é de transformá-lo” (décima primeira tese).

Se para Marx o socialismo fosse inevitável (como pretende Hernández), não seria necessária a práxis (e não se explicaria, na realidade, nem mesmo toda a batalha de Marx e de Engels para construir uma Internacional).

Engels: a história não é uma equação de primeiro grau

Vendo que alguns fazem uso distorcido e mecanicista da concepção materialista da história, Engels escreve, na década de 1890, várias cartas que têm como tema central esclarecer a concepção de história de Marx e a sua. Em particular, são duas as cartas mais im-

portantes sobre o tema: a “Carta a Conrad Schmidt”, de 5 de agosto de 1890, e a “Carta a Joseph Bloch”, de 21 de setembro do mesmo ano.

Na primeira, Engels, falando de como foi mal interpretada sua concepção da história, retoma uma velha piada de Marx: “se isto é marxismo, tudo o que sei é que não sou marxista”. “Algumas pessoas pretendem – escreve Engels – fazer previsões históricas certas, enquanto a única coisa que podemos fazer, estudando o sistema atual, é tentar descobrir a tendência geral na qual se moverá o sucessivo desenvolvimento”.

Não há sequer vestígio de um socialismo inevitável. E na carta a Bloch, Engels é ainda mais claro:

Segundo a concepção marxista da história, o elemento determinante da história é, em última instância, a produção e reprodução da vida real. Nem Marx, nem eu nunca afirmamos mais que isso; portanto, se alguém distorce isso o transformando na afirmação de que o elemento econômico é o único determinante, o transforma numa frase sem sentido, abstrata e absurda [...]. É um jogo mútuo de ações e reações entre todos estes fatores, no qual, através de toda a infinita multidão de casualidades [...], acaba sempre se impondo como necessidade o movimento econômico. Caso contrário, aplicar a teoria a uma época histórica qualquer seria mais fácil que resolver uma simples equação de primeiro grau.

A história (que é “história da luta de classes”) é determinada, em última instância, pelo fator econômico, mas no marco de fatores diversos que empurram em direções distintas e produzem “um grupo infinito de paralelogramos de forças, a partir do qual surge uma resultante: o acontecimento histórico (...)”.

A resultante de um paralelogramo de forças. O que isso tem a ver com o socialismo inevitável? É claro que, rejeitando assim, de modo claro, o determinismo, Engels se coloca sobre um terreno que não admite a inevitabilidade do socialismo.

Engels acrescenta na carta a Bloch:

Se não se entendeu isso, Marx e eu somos, em parte, responsáveis; enfrentando os adversários, tivemos de salientar este princípio fundamental⁶¹ e nem sempre tivemos tempo [...] de fazer justiça aos demais elementos participantes na interação.

61 A estrutura econômica como o elemento determinante em última instância. (F. R. e R. A.)

De onde nasceram as teorias do colapso e do socialismo inevitável?

O companheiro Hernández atribui a Marx e a Engels não só a teoria da inevitabilidade do socialismo, mas também, como premissa dessa, em referência a Moreno, a teoria do colapso do capitalismo.⁶²

No entanto, numa importante carta a Bebel⁶³ (26 de outubro de 1891), Engels protesta porque o dirigente social-democrata, numa intervenção pública, lhe atribuiu a profecia de um colapso do capitalismo para o fim da década. Engels diz não ter feito nunca semelhante profecia e, mais ainda, disse que era possível que se apresentasse uma crise revolucionária em pouco tempo. Se não fosse assim, diz ele, o capitalismo poderia prosseguir sua vida por décadas.

Kautsky, quando era ainda aquele mestre de marxismo sobre cujos textos se formava o jovem Lenin, em seu “anti-Bernstein”, de 1899, nega que em *O capital* haja uma concepção de colapso inevitável do capitalismo. Kautsky reitera que a única coisa inevitável são as contradições da sociedade capitalista que alimentam o enfrentamento entre as classes. O sucesso desse enfrentamento não é previsível. Portanto, não é garantido. O êxito depende, definitivamente, da dire-

62 Ao relacionar a teoria do colapso ou da derrubada do sistema capitalista, sem diferenciar as distintas versões, com a inevitabilidade do socialismo, parece-nos que Moreno (e Hernández) comete um equívoco. O debate sobre a derrubada do capitalismo surge a partir da formulação de Bernstein (*As premissas do socialismo*, 1899), ao afirmar que as crises do sistema capitalista ficavam para a história, atribuindo a Marx uma visão catastrofista. O debate sobre esse tema gerou três grandes correntes: os que levantaram a possibilidade de um desenvolvimento harmônico do sistema: Turgan Baranovski (*História das crises comerciais na Inglaterra*, 1901) e os austro-marxistas, Rudolf Hilferding e Bauer; uma segunda corrente, os catastrofistas, que tem início com a resposta de Heinrich Cunow (*Contribuição à teoria da derrubada*, 1899) a Bernstein, e, em seguida, o texto mais conhecido sobre o tema, de Rosa Luxemburgo (*A acumulação do capital*, 1913) e H. Grossmann (*A lei de acumulação do capital e da derrubada do sistema capitalista*, 1929); por último, no entanto, contrário à visão harmônica e catastrofista, o marxismo produziu uma ampla literatura: Kautsky (*A teoria das crises*, 1902); Bukharin (*O imperialismo e a acumulação do capital*) e Lenin (*O imperialismo, fase superior do capitalismo*, 1916); Rosdolsky (*Gênese e estrutura do capital*, 1968). Tampouco se pode demonstrar que a tese sobre a inevitabilidade do socialismo tem como premissa a teoria da derrubada, como deixa a entender a citação de Moreno utilizada; se fosse assim, Hernández não utilizaria a consigna de Rosa (Ver Lucio Coletti, *O marxismo e a “derrubada” do capitalismo*, Século 21, 1978).

63 August Bebel (1840-1913): um dos fundadores do Partido Social-Democrata Alemão (SPD) e um dos principais líderes da social-democracia. (Nota da edição brasileira)

ção política⁶⁴. E, de fato, é Kautsky quem teoriza primeiro o conceito de “consciência socialista vinda do exterior”, da constante luta de classe entre burguês e operário. Lenin reconhece a dívida e em *Que fazer?* cita como fonte um artigo de Kautsky publicado em 1902, no *Die Neue Zeit*.⁶⁵ É interessante ler a citação completa que Lenin menciona no segundo capítulo de seu livro porque lendo-a, se vê como Kautsky (naquele período) rejeita não só a ideia de um socialismo inevitável, mas também a ideia de que as condições objetivas geram, inevitavelmente, no proletariado, a consciência da necessidade do socialismo. Kautsky escreve:

Muitos de nossos críticos revisionistas consideram que Marx afirmou que o desenvolvimento econômico e a luta de classes, além de criar as condições necessárias para a produção socialista, engendram diretamente a consciência de sua necessidade. [...] Nesse sentido, a consciência socialista aparece como o resultado necessário e imediato da luta de classe do proletariado. Isso é falso de todas as formas. [...] o socialismo e a luta de classes surgem juntos, embora de premissas diferentes; não se derivam um do outro.

Se estudarmos a fundo a história da II Internacional, descobriremos que o primeiro a atribuir (injustificadamente) ao marxismo uma concepção determinista, fatalista, uma previsão certa do colapso do capitalismo e do igualmente certo futuro socialista, é Bernstein.

Engels morre em 1895, e é somente no ano seguinte que Bernstein (executor testamentário de Engels e, junto com Kautsky, seu principal colaborador) inicia a publicação na revista de Kautsky, *Die Neue Zeit*, de uma série de artigos (“Problemas do socialismo”), nos quais começa a pôr em discussão, com audácia crescente, os fundamentos do marxismo. Em 1899, publica *Os pressupostos do socialismo e as tarefas da social-democracia*, que constitui uma tentativa extrema de revisão que, na verdade, tenta destruir o marxismo.

É Bernstein quem defende que a concepção materialista da história, devido à influência – a seu juízo, desastrosa – da dialética hegeliana em Marx, estaria impregnada com o determinismo mecanicista, seria uma concepção que pressupõe um socialismo inevitável ditado por supostas leis históricas. Segundo Bernstein, Engels teria se arrependido de posições similares somente nos últimos anos. Com base

64 KAUTSKY, Karl. *Bernstein e o programa da social-democracia*, 1899.

65 Principal revista teórica do Partido Social-Democrata alemão. Circulou de 1883 a 1923. Após a morte de Engels, que foi parte do conselho editoria da revista, o *Die Neue Zeit* assume uma linha claramente revisionista do marxismo. (Nota da edição brasileira)

nesse ataque devastador à concepção marxista da história, Bernstein tenta, então, demonstrar que algumas previsões de Marx tinham se revelado falsas (não haveria polarizações crescentes das classes, não se pode prever um colapso etc.). Por último, propõe um “retorno a Kant” e o abandono de toda perspectiva revolucionária.

Em resposta a Bernstein, Kautsky (o Kautsky então marxista) restabelece qual é a real concepção da história em Marx, e defende que não há nela nenhuma teoria do colapso: não é por acaso que o coração da teoria marxista é a lei da queda tendencial da taxa de lucro, portanto, diferentemente de como muitos quiseram interpretar esquematicamente, cada tendência implica a possibilidade de uma contratendência, no marco da luta de classes, e o elemento histórico-subjetivo tem um papel fundamental. É isso o que explica Marx no terceiro livro de *O capital*.

Prossegue Kautsky:

Agora me pergunto: onde, no Programa de Erfurt⁶⁶, se fala de colapso econômico? [...] O Programa de Erfurt não diz nada da forma na qual se realizará o socialismo pela simples razão de que é impossível dizer algo.

Uma vez mais é rejeitada qualquer teoria sobre a inevitabilidade do colapso ou do socialismo.

Mas se é Bernstein quem descobre em Marx aquilo que em Marx não há, será seu próprio opositor, Kautsky, alguns anos depois, quem encarnará aquela caricatura do marxismo que havia imaginado Bernstein e, então, mudará completamente de posições e defenderá que o socialismo é inevitável. Porém, continuará refutando a teoria do colapso, defendida por tendências inclusive opostas no movimento operário: os mencheviques russos (que a conjugaram com sua concepção das etapas da Revolução Russa); os ultraesquerdistas, como Bordiga⁶⁷ (que localiza nesta a confirmação da própria concepção mecanicista); e Rosa Luxemburgo, com sua *A acumulação do capital* (1913). Há diferenças entre os vários teóricos do colapso do capitalismo. Rosa teoriza um colapso por causas econômicas (e considera que a luta ativa pode abreviar o parto). Outros setores da social-democracia defendem um colapso inevitável por causas socio-políticas.

⁶⁶ Programa que Kautsky ajudou a escrever com Bernstein e com sugestões de Engels. (F. R. e R. A.)

⁶⁷ Amadeo Bordiga (1889-1970): Dirigente e teórico comunista italiano. Foi um dos fundadores do Soviet de Nápoles. Participou da ala esquerda do Partido Socialista Italiano. Foi fundador e principal teórico do Partido Comunista Italiano. (Nota da edição brasileira)

De todas as maneiras, nenhuma dessas posições pertence a Marx e Engels. E, de fato, no desenvolvimento do marxismo de Lenin e na Internacional Comunista (antes de Stalin), a teoria do colapso é rejeitada.

Leiamos, como exemplo, o “Informe sobre a situação internacional e as tarefas fundamentais da Internacional Comunista”, pronunciado por Lenin no II Congresso da IC (1920):

[...] Agora vamos abordar a questão da crise revolucionária como base de nossa ação revolucionária. Para isso, necessitamos, sobretudo, ressaltar dois erros de generalização. De um lado, os economistas burgueses apresentam essa crise como um simples “incômodo” [...]. De outro lado, os revolucionários procuram demonstrar, às vezes, que a crise não tem absolutamente nenhuma saída. Isto é um erro. Situações absolutamente sem saída não existem.

Poucos anos depois, será o stalinismo que romperá novamente com o marxismo e com a dialética marxista. O *diamat* [materialismo dialético] da era Stalin retomava o fatalismo da social-democracia degenerada, porque não era possível defender a colaboração de classes baseando-se na concepção marxista da história. O socialismo inevitável foi herdado pelo renegado Stalin, digno herdeiro do renegado Kautsky. Uma vez mais, a teoria foi submetida aos interesses materiais da burocracia.

○ papel de Kautsky na degeneração da II Internacional

Então, é Kautsky o pai da teoria do socialismo inevitável. Mas quando se fala de Kautsky, devemos estar atentos para evitar a falsa interpretação de um Kautsky renegado desde sempre. Esta imagem difundida pelo stalinismo é rejeitada por Trotski⁶⁸. Há um jovem Kautsky, pré-marxista, fortemente influenciado pelo darwinismo. Depois, há o Kautsky que se aproxima do marxismo sem compreendê-lo realmente (visto as declarações mordazes de Marx contidas em uma carta a Jenny Marx, de abril de 1881, na qual o define “pertencente à raça dos filisteus”). Depois existe o Kautsky que, com Bernstein, estuda em Londres, na escola de Engels (desde 1885), convertendo-se, assim, no principal teórico da social-democracia e, depois da morte de Engels, o “papa vermelho” do movimento operário internacional, o defensor do marxismo contra o revisionismo neokantiano de Ber-

68 Para uma visão abrangente de Trotski sobre Kautsky, ver estes dois artigos: “Cartas de Engels a Kautsky”, outubro de 1935, e “Karl Kautsky”, escrito após a morte de Kautsky, em 8 de novembro de 1938. (F. R. e R. A.)

nstein. Então, Kautsky inicia uma lenta involução que o levará, em 1914, a converter-se num renegado do marxismo e, nesse caminho, a encontrar de novo Bernstein com quem compartilhará o papel de subsecretário no governo “da esquerda” que matou Rosa Luxemburgo em 1919.

A célebre frase de Kautsky em *O caminho para o poder* (1909, um texto que Lenin reivindicava), sobre o fato de que “a social-democracia é um partido revolucionário, não um partido que faz revoluções” não pertence ao renegado Kautsky: aqui Kautsky está somente polemizando com concepções blanquistas⁶⁹ e vanguardistas. Nesse sentido, também em vários textos de Trotski pode-se encontrar frases similares, no sentido de que o partido revolucionário guia uma revolução, mas não a faz. Apenas nos anos seguintes, Kautsky assumirá, de verdade, posições centristas e, depois, explicitamente reformistas, embora em 1914 Lenin – relendo com outros olhos os textos anteriores de Kautsky – observará certa ambiguidade. Porém encontrava essas ambiguidades não naquilo que já estava escrito, mas sim naquilo que faltava (por exemplo: Kautsky era evasivo sobre a questão central do Estado etc.).

A evolução (ou melhor, involução) de Kautsky atua em paralelo com a degeneração do SPD. O primeiro sintoma do burocratismo reformista emergiu muitos anos antes de Bernstein apresentar seu trabalho de revisão teórica. Já em 1891, um dirigente importante como Vollmar⁷⁰, ainda que isolado no partido, teorizava sobre a colaboração com os partidos burgueses “progressistas” e sobre uma via pacífica e gradual ao socialismo. Assim, para polemizar contra estas concepções, Bebel (incentivado por Engels) acusa Vollmar de teorizar que “o objetivo final não é nada, o movimento é tudo”, frase que depois Bernstein retomará, tornando-a o emblema de sua própria teoria.

Depois de alguns anos, também Kautsky realiza um giro radical. E é somente nesse momento que começará a defender a teoria do socialismo inevitável, como disfarce para a prática reformista e gradualista da II Internacional. É Kautsky que, pouco depois (em 1914),

69 Referente ao movimento liderado pelo socialista utópico francês Louis-Auguste Blanqui (1805-1881). Os blanquistas acreditavam que a queda da burguesia se daria pela ação de um pequeno grupo organizado, que atuaria de forma conspirativa, e seria seguido pelas massas. Desprezavam a luta permanente e a ação direta das massas como via de chegar ao poder. (Nota da edição brasileira)

70 Georg Heinrich Von Vollmar (1850-1922): dirigente SPD e importante teórico do reformismo. Foi deputado no *Reichstag*, o parlamento alemão. (Nota da edição brasileira)

renuncia tão claramente ao marxismo e escreve, em 1927, *A concepção materialista da História*, que é uma tentativa de fundir o marxismo com o darwinismo. Mas para fazê-lo, deve renegar toda a obra de Marx e Engels e substituir a dialética marxista pelo evolucionismo.

○ marxismo em tempos de Lenin e Trotski

Não é uma coincidência que Lenin, quando rompe com Kautsky, mergulhe no estudo da filosofia e, em particular, no estudo de Hegel. No centro dos *Cadernos filosóficos* (e, em particular, nas partes compiladas em 1914-1915), se dá a redescoberta da dialética como fundamento do marxismo em oposição ao evolucionismo de Kautsky, de Plekhanov e da II Internacional degenerada.

Nos *Cadernos filosóficos*, o socialismo não aparece como o produto inevitável da evolução da sociedade, mas como o produto possível da luta de classes. É, de fato, a união do movimento operário com a teoria socialista através do partido. Não é o produto certo de qualquer lei histórica ou da aplicação esquemática da tríade hegeliana. Porque para que o socialismo aconteça é necessária a combinação do fator objetivo com o subjetivo da luta de classes, cujo êxito ninguém pode prever, pois são historicamente determinados, mas não pre-determinados.

Quanto a Trotski, entre todos os marxistas de sua geração foi, desde jovem, o mais distante de qualquer concepção determinista e mecanicista. Não por acaso (como conta no capítulo “Minhas primeiras prisões”, de sua autobiografia) tinha se formado na concepção materialista da história estudando os textos de Antonio Labriola, correspondente de Engels e fundador do marxismo na Itália. Segundo a biografia de Broué⁷¹, Trotski relia frequentemente Labriola, tanto que tinha seus livros até no trem no qual liderou o Exército Vermelho na guerra civil.

Labriola, num de seus textos mais importantes, *Em memória do Manifesto comunista*, publicado em 1895 e elogiado por Engels, diz que o socialismo científico do *Manifesto* é diferente de qualquer socialismo utópico, porque explica a necessidade histórica do socialismo com base numa análise científica do capitalismo e de suas contradições. A história não é regida por leis de ferro, mas nela há

71 Pierre Broué (1926-2005): Historiador trotskista francês, participou da resistência nazista. Foi autor de várias obras importantes como *Revolução e guerra civil na Espanha*, *O partido bolchevique*, *História da Internacional Comunista* e do livro citado no texto, *Trotski*, entre outros. Foi o fundador do Instituto Leon Trotski. (Nota da edição brasileira)

tendências, e o socialismo é expressão de uma necessidade-possibilidade. Labriola explica que, se fosse um desenvolvimento inevitável da história, se a revolução fosse o produto inevitável da crise ou do colapso do capitalismo ou de qualquer outro mecanismo que estabelecesse uma relação certa de causa e efeito, não haveria a necessidade da intervenção ativa das massas e de uma direção revolucionária: o socialismo nasceria por si mesmo ou, ao contrário, faltando as causas determinadas, seria um feito impossível. Mas nesse caso a história não seria aquela pintada no *Manifesto*, isto é, a “história da luta de classes”.

Toda a concepção de Trotski da história está impregnada desta concepção dialética que Labriola (diferente de Plekhanov) evidencia em Marx. Quando Trotski corrige a visão mecânica de Plekhanov sobre o papel dos indivíduos na história, ou seja, quando (em *História da Revolução Russa*) restaura a dialética dos fatores que produziu Lenin como dirigente do bolchevismo, quando (nos seus *Diários*) explica o seu próprio papel indispensável na construção da IV Internacional naquele período, Trotski aplica a autêntica concepção materialista de Marx, uma concepção profundamente dialética, não determinista.

De fato, num texto de 1939⁷², Trotski explica que por inevitabilidade do socialismo em Marx deve-se entender uma necessidade histórica da revolução e não o produto de qualquer mecanismo que ignora a vontade e a ação do homem e, assim, conclui: “Somente uma revolução socialista pode abrir o caminho para o socialismo”.

Além disso, toda a teoria da revolução permanente, baseando-se na concepção do “desenvolvimento desigual e combinado”, é a negação de todo determinismo, excluindo que a revolução seja o produto inevitável do nível atingido pelas forças produtivas e colocando, em seu lugar, o socialismo (na época imperialista) como o produto da relação de forças entre as classes em nível internacional e do papel ativo da direção revolucionária, ou seja, do partido.

A verdadeira origem de “socialismo ou barbárie”

No livro *Junios – a crise da social-democracia*, que escreve no cárcere, Rosa Luxemburgo, em 1915, usa a célebre expressão: “socialismo ou barbárie”.

O que quer dizer? Rosa está convencida de que o colapso do capitalismo é inevitável, mas não por isso crê que também o socialismo seja inevitável. Quando o capitalismo tiver colapsado (e o movimento

⁷² TROTSKI, Leon, *O marxismo de nossa época*, 1939.

operário pode apressar este colapso), segundo Rosa, se abrirão duas vias: ou a sociedade se afundará ainda mais na barbárie, ou avançará até o socialismo.

Já vimos como esta teoria do colapso inevitável não pertence a Marx e como inclusive Lenin a rejeita. Mas aqui interessa outro tema: a frase e o conceito da alternativa “socialismo ou barbárie” pertencem a quem?

Rosa defende que a expressão é de Engels. Mas como está no cárcere, escreve sem dispor de seus livros, cita de memória, sem indicar a fonte precisa.

Como recorda Hernández, desde então, muitos tentaram encontrar em Engels esta frase sobre “socialismo ou barbárie”, mas não conseguiram. Como vimos, em nossa opinião, a alternativa “socialismo ou barbárie” está, na realidade, contida já naquela frase inicial do *Manifesto* sobre o possível “extermínio de ambas as classes em luta”, e no *Anti-Dühring*, Engels escreve que ou se conseguirá realizar o socialismo, “ou veremos perecer toda a sociedade”.

Um profundo conhecedor dos textos de Marx e Engels como Michael Löwy⁷³ defendeu que a referência de Rosa é retirada desta passagem do *Anti-Dühring*. No entanto, acrescentou que Rosa põe em primeiro lugar o problema em termos políticos, enquanto Engels o fazia em termos econômicos.

Martín Hernández, para confirmar sua tese de que em Marx (no *Manifesto*) estaria presente o conceito de inevitabilidade do socialismo, escreve que, pelo contrário, a possibilidade de que o socialismo não se realize e que se abra o caminho da barbárie não está presente nem em Marx, nem em Engels. Seria uma novidade introduzida por Rosa Luxemburgo.

O historiador Ian Angus, em recente artigo⁷⁴ anunciou triunfalmente ter encontrado, finalmente, a fonte original da frase de Rosa Luxemburgo em Karl Kautsky. Na verdade, encontrou num texto de Kautsky esta frase: “Tal como estão as coisas hoje em dia, a civilização capitalista não pode continuar; devemos avançar até o socialismo ou cair de novo na barbárie”. Não há dúvidas: Rosa citava literalmente uma expressão de Kautsky contida em seu *Comentário ao programa de Erfurt*.

Mas é preciso mostrar a Angus – que apresenta a questão como seu grande descobrimento – que, na realidade, para localizar em

73 LÖWY, Michael, “A significação metodológica de ‘socialismo ou barbárie’” in: *Dialética e revolução*, capítulo 6, 1978.

74 ANGUS, Ian, “A origem do slogan ‘Socialismo ou barbárie’ de Rosa Luxemburgo” in: www.rebellion.org/noticias/2014/11/192303.pdf.

Kautsky a fonte de Rosa era suficiente ter lido, se não o *Comentário* (que é um texto de 400 páginas), ao menos um conhecido ensaio de Massimo Salvadori, um dos principais historiadores da II Internacional (seus ensaios estão contidos, inclusive, na *História do marxismo*, de Eric Hobsbawm).

Já em 1977⁷⁵, portanto, muito antes de Angus, Salvadori aponta, precisamente no *Comentário* de Kautsky, a fonte da expressão de Rosa Luxemburgo.

Hernández sabe (e o aponta em seu artigo) que a frase é de Kautsky. No entanto, acrescenta, Kautsky não tirou nenhuma conclusão revolucionária. Pensamos que se equivoca: o Kautsky de 1892 (o ano do *Comentário ao programa de Erfurt*) era, então, um Kautsky marxista, que escrevia em estreita colaboração com Engels, que lia os rascunhos destes textos e enviava sugestões por carta a Kautsky e a Bernstein. Nesse sentido, Rosa – atribuindo a frase a Engels – não se equivocou muito! E uma vez mais temos que notar que no marxismo de Marx e Engels, e nos textos de seus mais estreitos colaboradores, não existe nenhuma teoria de um socialismo inevitável. Mas há uma coisa ainda mais interessante no *Comentário*: aqui, o mesmo Kautsky usa a expressão “inevitável” (no capítulo intitulado “O Estado do futuro”) com referência ao socialismo (ou seja, usa essa expressão no mesmo texto em que usa a frase “socialismo ou barbárie”), mas não é uma contradição, porque em seguida explica que esta inevitabilidade se refere às bases objetivas do socialismo científico, que se distingue do socialismo utópico por fundar a própria perspectiva possível sobre bases certas (nesse sentido, “inevitáveis”) das “tendências sociais em nossa época”. Em outras palavras: o socialismo não como utopia de algum sonhador, mas como produto do desenvolvimento das forças produtivas em nível internacional e da crescente contradição com as relações capitalistas de produção. Mas o êxito desta tendência não é inevitavelmente positivo e depende da *práxis*, isto é, “deixa a ela (a massa) somente escolher entre o embrutecimento inerte ou a derrubada ativa”.⁷⁶ Aqui está revelada a origem do conceito e da expressão “socialismo ou barbárie” e, ao mesmo tempo, o sentido com o qual Kautsky (com as sugestões de Engels em total continuidade com o Marx do *Manifesto*) usa o termo “inevitável” em relação à perspectiva do socialismo.

75 SALVADORI, Massimo, “Riforme e rivoluzione nella dottrina e nell’azione della socialdemocrazia tedesca prima del 1914”, 1977, republicado em *Depois de Marx*, Einaudi, 1981.

76 Citado da p. 104 da edição italiana de *O programa de Erfurt*, comentário de 1892 ao programa do SPD, Riuniti, 1971.

Nosso marxismo é aquele de Marx

Resumindo: o marxismo reduzido à previsão certa do êxito é uma caricatura idealizada por Bernstein para melhor discutir com o marxismo depois de ter removido a dialética; é uma posição rejeitada pelo Kautsky marxista (criador da expressão “ou socialismo ou barbárie”), mas é logo assumida pelo renegado Kautsky, como cobertura teórica do gradualismo da II Internacional. Nesse ponto – e somente nesse ponto – Kautsky substitui a concepção marxista com um rígido determinismo. Para justificar a revisão do marxismo, tanto Bernstein quanto Kautsky têm, no entanto, de anular do marxismo a dialética, e assim o fazem, elaborando uma teoria que não tem nada a ver com o marxismo.

Hoje, a caricatura do marxismo, reduzido a um determinismo mecânico, é típica da pós-modernidade para contrapor as supostas certezas do marxismo à teoria sobre a “impossibilidade de conhecer a totalidade” e o “pensamento frágil”. Desse modo, reduzindo o marxismo a uma profecia e denunciando o fato de que essa profecia não se fez realidade, podem concluir que o marxismo não serve para nada.

Mas Marx e Engels não têm nada a ver com essa caricatura. Toda sua obra – não só literária, mas inclusive política! – coloca no centro a ligação com a *práxis*: o homem não como objeto da história, mas como sujeito ativo, que modifica o ambiente pelo qual é “determinado”.

Na história, como a conceberam Marx e Engels, não há fatalismo, não há nada predestinado. Por outro lado, também não há nada arbitrário e casual. Se é possível falar de determinismo com referência ao marxismo, é só e unicamente nesse sentido: que a história não é o conjunto de fatos caóticos e incompreensíveis que pretendem os pós-modernos; que as estruturas determinam – em última instância – as superestruturas; que a luta de classes (compreendendo sua manifestação aguda, isto é, as revoluções) na sociedade dividida em classes é inevitável; que o capitalismo não pode evitar as próprias crises e que cada crise tende a ser mais grave que a precedente; que o capitalismo continua criando, inevitavelmente, os próprios coveiros, a própria negação. Nada mais que isso. A menos que se reduza a dialética de Marx às tríades hegelianas (erro contra o qual alertou Engels e, depois dele, Lenin e Trotski) ou se confunda Marx com o velho materialismo, com o Barão D’Holbach⁷⁷ e com sua ideia de um homem prisioneiro daquela que chamava “a gravitação sobre si mesmo”.

77 Barão D’Holbach (1723-1789): Paul-Henri Thiry, filósofo do Iluminismo francês. (Nota da edição brasileira)

Numa importante carta de 1877 a Mikhailovski, diretor de uma revista russa, Marx polemiza com aqueles que transformam sua concreta análise do capitalismo “numa teoria histórico-filosófica da marcha geral que o destino impõe a qualquer povo, quaisquer que sejam as circunstâncias históricas em que ele se encontre”. Não, precisa Marx: causas análogas geram efeitos muito diversos, enquanto os efeitos não são determinados por nenhuma finalidade inevitável da história, mas são, no entanto, produtos do desenvolvimento concreto da luta entre as classes.

A concepção materialista-dialética da história rompe com toda concepção teleológica, assim como com os elementos dessa que permanecem na filosofia de Hegel (a “razão da história”). Marx concebe uma história científica (a investigação materialista dos fatos), mas não uma ciência histórica capaz de fazer previsões certas, como é certo na ciência química que dois átomos de hidrogênio ligados a um átomo de oxigênio, sob determinadas condições de temperatura e pressão, geram um líquido que chamamos água. Nenhuma lei dirige a história e, no próprio campo econômico, como precisa Marx em *O capital*, se pode falar de leis somente para simplificar, mas se entende tendência⁷⁸.

Se os homens são os que fazem a história (mesmo em circunstâncias que não determinaram), isso significa que o êxito da luta de classe que eles combatem não pode estar garantido, pois o socialismo para Marx não é inevitável.

Quando o companheiro Hernández atribui a Marx a concepção da inevitabilidade do socialismo, o faz, obviamente, com motivações opostas àquelas dos pós-modernos: não para abandonar o marxismo, mas, pelo contrário, para superar o que vê como um limite em Marx.

Tanto nós quanto o companheiro Hernández estamos totalmente de acordo sobre o fato de que o marxismo de hoje não pode ter nada a ver com o determinismo vulgar, ou seja, com previsões de um socialismo inevitável.

Mas a diferença entre nós e o companheiro Hernández é que nós não pensamos que seja necessário corrigir este erro em Marx, porque não é em Marx que esse erro se encontra, mas sim, no renegado Kautsky. Em Marx, será necessário corrigir outros erros, certamente, mas não esse.

No texto de Hernández se conclui:

78 MARX, Karl, *O capital*, Livro III, capítulo 10.

Mas essa concepção de Marx e Engels, sobre a qual hoje há condições de dizer que estava equivocada, produziu seu efeito particular depois dos processos do leste. Com a restauração do capitalismo nos ex-Estados operários, veio a comprovação do erro dessa concepção. Isso alimentou o ceticismo, pois se identificou esse erro de Marx com o fracasso do marxismo e, assim, como diz o ditado alemão, muitos quiseram “jogar a água suja junto com o bebê”. [grifo nosso]

Em nossa opinião, a questão é colocada de certa forma, de cabeça para baixo. A restauração do capitalismo na ex-URSS e na China não contradiz a concepção exposta por Marx no *Manifesto* de 1848, dado que essa concepção não implica nenhum inevitável avanço vitorioso da história até o socialismo, mas somente indica nas contradições do capitalismo as bases objetivas que fazem possíveis as revoluções que podem avançar para o socialismo. Os desenvolvimentos do século 20 confirmaram, também (infelizmente com uma lição pela negativa), outro aspecto da tese do *Manifesto*: o socialismo não pode ser outro que uma sociedade superior ao capitalismo, uma sociedade que pode ser, portanto, construída somente sobre o desenvolvimento das forças produtivas, realizável unicamente em escala internacional: “Proletários de todos os países, uni-vos!”.

As premissas objetivas do socialismo continuam, inevitavelmente, reproduzindo-se. É responsabilidade dos revolucionários construir as condições subjetivas necessárias, eliminando, nas lutas, todos os obstáculos que possam impedir a vitória. E, ao fazer isso, podemos reivindicar plenamente a concepção materialista-dialética de Marx e Engels. Para eles, como para nós, o socialismo não é inevitável, mas é uma possibilidade concreta. Mais ainda: como escreveu Kautsky quando ainda era marxista e tinha Engels como mestre, a alternativa continua sendo “socialismo ou barbárie”. E será somente nossa capacidade de construir a direção operária internacional, armada com o programa da revolução permanente, que vai dirigir a história num sentido ou em outro.

Leituras para aprofundar

Para aprofundar os argumentos deste artigo remetemos, em primeiro lugar, à leitura dos textos de Marx, Engels, Lenin e Trotski que citamos (fazendo referência às edições utilizadas). Em particular, é fundamental a leitura do *Manifesto do Partido Comunista* (edição italiana: Einaudi, 1998); de *O capital* (edição italiana: Editori Riuniti, 1987); do *Anti-Dühring*, de Engels (edição italiana: Editori Riuniti,

1985); e, sempre de Engels, *Ludwig Feuerbach e o fim da filosofia clássica alemã*, 1888 (edição italiana: Editori Riuniti, 1969); de Lenin, *Quem são os amigos do povo?* (edição italiana: Lotta Comunista, 2006); e *Cadernos filosóficos* (edição italiana: Editori Riuniti, 1976); de Trotski, é útil ler, especialmente, os *Escritos filosóficos* (CEIP, 2004) e *O marxismo de nossa época* (publicado na revista *Trotskismo oggi*, n° 5 e 6 de 2014).

Sobre o contexto no qual foi escrito o *Manifesto*, remetemos à leitura de vários autores, *Il Manifesto e il suoi interpreti* [O Manifesto e seus intérpretes], de G.M. Bravo (Editori Riuniti, 1973); Gian Mario Bravo, *Da Weitling a Marx: la Lega dei Comunisti* [De Weitling a Marx: a Liga dos Comunistas] (La Pietra, 1977); *Documents constitutifs de la Ligue des communistes* (em francês, Aubier Montaigne, 1972); E. F. Dias, *Revolução e história. Das Teses ao Manifesto* (Sundermann, 2011). *Uma síntese, em F. Ricci, La Lega dei Comunisti e il Manifesto* (em *Trotskismo oggi*, n° 6, 2014).

Uma análise profunda das fundamentais *Teses sobre Feuerbach*, em Pierre Macherey, *Marx 1845. Les "thèses" sur Feuerbach* (em francês, editora Amsterdam, 2008).

Os textos de Antonio Labriola que citamos se encontram em *Saggi sul materialismo storico* [Ensaio sobre o materialismo histórico] (Editori Riuniti, 1977) e em *Scritti filosofici e politici* [Escritos filosóficos e políticos] (Einaudi, 1973).

Uma boa parte do ótimo livro de Sebastiano Timpanaro, *Sul materialismo* [Sobre o materialismo] (Unicopli, 2007) é dedicada a contrastar as leituras deterministas de Marx.

Sobre Engels, e em particular as lendas sobre seu suposto giro determinista dos últimos anos, é útil ler: W. O. Henderson, *The life of Friedrich Engels* [A vida de Friedrich Engels] (Routledge, 1976).

Para aprofundar o estudo da II Internacional, da evolução de Kautsky até as posições gradualistas e da polêmica com Bernstein, são úteis os textos que citamos aqui na continuação: M. Waldenberg, *Il papa rosso. Karl Kautsky* [O papa vermelho. Karl Kautsky] (1972, ed. italiana: Editori Riuniti, 1980). Essa é certamente, a mais completa biografia sobre Kautsky; entretanto, o melhor texto sobre Bernstein é, provavelmente, de P. Angel, *Edouard Bernstein et l'évolution du socialisme allemand* [Edouard Bernstein e a evolução do socialismo alemão] (em francês, Didier, 1961). Mas, em geral, sobre a II Internacional, aconselhamos o segundo volume da *História do marxismo*, de Hobsbawm (traduzido em várias línguas, a edição italiana utilizada é Einaudi, 1979); os livros do principal especialista na matéria, G.

Haupt e, em particular, *La Seconda Internazionale* [A II Internacional] (La Nuova Italia, 1973); W. Abendroth, *La socialdemocrazia in Germania* [A social-democracia na Alemanha] (Editori Riuniti, 1980); H. J. Steinberg, *Il socialismo tedesco da Bebel a Kautsky* [O socialismo alemão de Bebel a Kautsky] (Editori Riuniti, 1979); Bo Gustafsson, *Marxismo e revisionismo* (ed. em espanhol: Grijalbo, 1975).

Os ensaios de Massimo Salvadori (autor que citamos no artigo com referência ao descobrimento sobre a paternidade do conceito “socialismo ou barbárie”); além disso, *História do marxismo*, de Hobsbawm; também *Dopo Marx* [Depois de Marx] (Einaudi, 1981) e *Kautsky e la rivoluzione socialista* [Kautsky e a revolução socialista] (Feltrinelli, 1978).

Além disso, sugerimos a leitura do livro de Valério Arcary, *O encontro da revolução com a História* (Sundermann, 2006) que rejeita a interpretação segundo a qual em Marx existiria o conceito de inevitabilidade do socialismo. Na página 24, Arcary escreve: “Marx e Engels, sem dúvida, sempre foram hostis a esquemas fatalistas. [...] O socialismo era um projeto, mas não se iludiam que sua realização pudesse ser antecipada, ou que fosse inevitável”.

Por último, é importante ler um ótimo livro do historiador francês Michel Vadée, cujo título já expressa a tese do autor, argumentada em quase 600 páginas: *Marx, penseur du possible* [Marx, pensador do possível].

Dossinê

A escola de Longjumeau

A formação marxista na recomposição do bolchevismo

Alicia Sagra

Não é muito conhecido o fato de que, em 1911, no momento da recuperação da classe operária russa, quando a fração bolchevique tinha chegado à sua menor expressão, Lenin apostou na formação teórica dos quadros operários russos como alavanca para a reconstrução do partido revolucionário. Assim, surgiu a escola de Longjumeau que teve um papel importante na recomposição do bolchevismo.

1911, um ano de inflexão

Transcorria 1911, e se anunciavam grandes acontecimentos mundiais. As lutas dos trabalhadores franceses em 1910 tinham sido derrotadas. O movimento operário europeu retrocedia sob o peso da crescente repressão e da economia belicista que preanunciava a iminência da Primeira Guerra Mundial.

Contraditoriamente, nesse mesmo ano, a classe operária russa começa a se recuperar. Depois da derrota da revolução de 1905, o que se seguiu foi a repressão, o desarmamento das milícias operárias, a prisão dos dirigentes, a deportação dos operários revolucionários. A classe operária se recolhia. Sua vanguarda também. Para os dirigentes do Partido Operário Social-Democrata Russo (POSDR), era a emigração mais uma vez. E, longe do país, os debates e as polêmicas para tirar as lições do vivido e se preparar para o futuro.

Mas no final de 1910 as greves estouraram em São Petersburgo, Moscou e Varsóvia. Tudo parecia indicar que se começava a sair do profundo retrocesso produzido pela derrota da revolução de 1905.

Lenin, exilado em Paris, vê com indignação como os socialistas que não apoiaram as lutas operárias de 1910 agora capitulam ao discurso patriótico. A situação na Rússia não é menos angustiante. Sucedem-se as greves operárias, mas não existe um partido revolucionário que possa se colocar à frente do incipiente ascenso. O POSDR, reunificado

desde 1906, vive uma crise permanente, com fortes enfrentamentos fracionais que o levaram à paralisia. Não é muito diferente da realidade da fração bolchevique, atravessada por profundas lutas intestinas que envolvem problemas políticos, programáticos e ideológicos.

Nesse contexto, Lenin tem uma obsessão que norteia todas as suas atividades: reconstruir o partido revolucionário que possa se colocar à cabeça da próxima revolução russa, que considera inevitável.

A luta política e ideológica na fração bolchevique

A derrota da revolução de 1905 e a desmoralização que provocou abriram espaço para todo o tipo de políticas oportunistas e sectárias e criou um grande caldo de cultura para velhas concepções idealistas que apareciam como coisas novas. É o caso do empiriocriticismo⁷⁹ de Richard Avenarius e Ernst Mach.

A fração bolchevique não ficou imune a esse tipo de pressão. Por volta de 1908, aparecem em seu interior diferentes correntes. Algumas delas eram verdadeiras frações. Juntaram os que se uniram a dirigentes mencheviques para rechaçar qualquer tipo de atividade clandestina, aos quais Lenin chamava liquidadores e com os quais cortou qualquer tipo de relação. Como resposta unilateral a esse setor, aparecem os que, por outro lado, exigiam a renúncia dos parlamentares da Duma e que se abandonasse todas as atividades legais. Eram os otzovistas, liderados por Bogdanov⁸⁰, surgidos na polêmica sobre o boicote à III Duma⁸¹. Um setor dos otzovistas, liderados Lunacharski⁸² (conhecidos como deístas ou “criadores de Deus”), cha-

79 Uma das correntes de pensamento do positivismo, idealizada pelo filósofo alemão Richard Avenarius e continuada pelo também filósofo austríaco Ernst Mach. Considerada por Lenin uma “filosofia reacionária, o empiriocriticismo baseia-se na experiência pura para a elaboração de um conceito de mundo, negando fatores materiais externos, ou seja, opõe-se ao método científico. (Nota da edição brasileira)

80 Alexander Bogdanov (1873-1928): militante da velha guarda bolchevique. Sustentava que o partido só poderia funcionar como organização clandestina. Foi expulso do partido bolchevique em 1909. Mais tarde, passou a escrever sobre economia, filosofia e cultura. Foi um dos organizadores do *proletkult* (movimento de cultura operária) após a Revolução de Outubro. (Nota da edição brasileira)

81 Em agosto de 1907, quando a questão foi debatida na conferência do partido, Lenin foi a favor da participação. Bogdanov e a maioria da fração bolchevique foram contra. Lenin votou com os mencheviques e travou uma dura luta contra esta “ala esquerda”.

82 Anatoli Lunacharski (1873-1930): militante da velha guarda bolchevique. Escritor e crítico literário, foi um importante intelectual russo. Em 1909, dirigiu o jornal *Vperiod*, rompendo com Lenin e se juntando aos mencheviques. Após a Revolução de Outubro, foi comissário do povo para a Instrução Pública, mantendo-se alheio às

mavam ainda a uma síntese entre o marxismo e a religião. Ligados a eles, os ultimatas, influenciados por Gorki⁸³, eram uma espécie de otzovistas envergonhados que exigiam que a fração parlamentar realizasse golpes ultimatas para imprimir à suas intervenções um curso mais revolucionário. Havia também os *komitetchiks* (literalmente, “homens do comitê”), que rejeitavam qualquer democracia interna e combatiam a proposta de Lenin que defendia maioria operária nos comitês do partido. Algumas importantes figuras bolcheviques – o mais representativo foi Kamenev⁸⁴ – se ligaram aos conciliadores, que agrupavam figuras mencheviques, como Riazanov, e dirigentes independentes (nem bolcheviques, nem mencheviques), como Trotski, que defendiam manter um partido unificado, aberto a todas as correntes socialistas, que agrupasse desde os liquidadores até os bolcheviques.

Lenin, espantado com as barbaridades que se dizia em nome do marxismo, dedicou dois anos ao estudo da filosofia, o que o levou a escrever, em 1908, *Materialismo e empiriocriticismo*, polemizando com as posições de Avenarius e Mach que estavam na base das posições dos otzovistas e ultimatas.

Os otzovistas ganharam espaço e atuaram como fração com seu próprio jornal, o *Vperiod* (Avante). Em 1908, tomaram a ofensiva e organizaram, apoiados por Gorki, uma escola em Capri (e, mais adiante, outra em Bolonha, de menor repercussão) para quadros operários levados da Rússia. A escola criou uma importante expectativa nos militantes que viviam sob a opressão da ditadura czarista.

Lenin ficou em minoria dentro da fração bolchevique. Mesmo assim, não capitulou e travou uma dura batalha em todos os terrenos. Rompeu categoricamente com os liquidadores. Não duvidou em enfrentar Bogdanov, um de seus principais quadros, e Lunacharski, a quem considerava o maior talento que produziu a intelectualidade russa. Lenin não aceitou o convite para dar algumas conferências na

disputas internas do partido. (Nota da edição brasileira)

83 Máximo Gorki (1868-1936): ativista político, escritor e dramaturgo. Exercia forte influência entre os membros do partido. Entre suas obras mais conhecidas estão *A Mãe* e *Pequenos burgueses*. (Nota da edição brasileira)

84 Lev Ivanovich Kamenev (1883-1936): militante bolchevique desde 1901, expulso do partido duas vezes e deportado. Voltou do exílio para assumir a direção do *Pravda* e a direção da fração parlamentar da Duma. Foi detido e condenado à deportação perpétua em 1914, mas foi anistiado após a vitória da Revolução. Opôs-se às “Teses de abril” de Lenin. Foi membro da Troika junto com Zinoviev e Stalin. Rompeu com este último em 1925. Juntou-se a Zinoviev e Trotski na Oposição Unificada, até que, em 1936, foi executado nos primeiros Processos de Moscou. (Nota da edição brasileira)

escola de Capri, caracterizando-a como atividade fracional e acusando seus organizadores de empiriocriticistas.

Bogdanov e sua corrente foram separados da fração bolchevique porque não aceitaram abandonar essa atividade fracional. Como parte desta batalha, Lenin dedicou grande parte de seu tempo a realizar uma série de conferências sobre a situação russa, a política para a terra e a situação do partido para os emigrados russos.

Não obstante, a dureza do combate político, teórico e ideológico não lhe impediu de ter uma política em relação aos que considerava importantes quadros. Manteve correspondência permanente com Gorki, preparou conferências especiais para os estudantes operários de Capri que passaram por Paris, convidou Plekhanov e Lunacharski para serem professores de seu grande operativo: a Escola de Longjumeau.

Porém, seguiu firme, sem fazer concessões que questionassem seus princípios. Assim, quando em agosto de 1910 cumpriu seu compromisso com Gorki de visitar a escola de Capri, disse-lhe: “Eu sei que você espera me reconciliar pelo menos com os machistas [seguidores de Ernst Mach] [...] É impossível! Não faça nenhuma tentativa, te imploro”.⁸⁵

A formação dos militantes

A formação teórica foi uma característica da II Internacional. Seu partido mais importante, o alemão, fundou em 1906 uma escola marxista. Nela aconteciam, uma vez por ano, cursos que duravam seis meses para 30 militantes selecionados. Os temas eram a história do socialismo, economia, materialismo histórico, sindicalismo etc. De 1907 a 1914, Rosa Luxemburgo assumiu os cursos de economia, aos quais dedicava grande parte de seu tempo militante.

Lenin era parte dessa tradição. Quando, em 1893, chegou a São Petersburgo, o principal centro operário do país, se dedicou pessoalmente a organizar grupos operários para estudar *O capital*, colocando em risco sua vida⁸⁶.

A política de Lenin de formar os operários na escola do marxismo, especialmente os jovens, foi uma constante em sua atividade para desenvolver e enraizar a organização social-democrata na classe operária. Os círculos que abordavam o estudo de *O capital* para os operários avançados e a redação de panfletos, que reuniam os militantes

⁸⁵ Citado por Alain Veysset em *A escola do partido bolchevique em Longjumeau* (A. S.).

⁸⁶ Neste momento a *Okhrana*, polícia política do czarismo, o tinha condenado à morte (A. S.)

mais capazes para a agitação política entre as massas, buscavam ampliar a batalha contra o regime.

Durante seu exílio, sua atividade de formação e propaganda centrou-se na grande quantidade de conferências que fez entre 1902 e 1914 para os emigrados russos (em Paris e outras cidades europeias) sobre diferentes temas: a revolução de 1905, a situação da classe operária russa, o problema da terra e a situação do partido.

Esta atividade permanente de propaganda e formação teve um intervalo em 1911 com a construção da Escola de Longjumeau.

A escola de Longjumeau

Segundo as *Memórias* de Nadezhda Krupskaja⁸⁷, em 1906, Lenin confiava que ganharia os mencheviques e por isso apostou na unificação do partido. Mas essa expectativa durou muito pouco. O resultado da unificação foi uma onda de crises, enfrentamentos fracionais, dispersão e paralisia. O apoio de Plekhanov (o pai da social-democracia russa), que tinha formado sua própria fração – “os mencheviques do partido” –, e atuava em frente única com os bolcheviques contra os liquidadores, fortaleceu Lenin. Contudo, isso não o impediu de ver a difícil realidade do partido. Em abril de 1911, escreveu a Gorki:

Temos uma criança coberta de abscessos [...]. Ou acabamos com eles, curamos a criança e a educamos [...] ou a criança morrerá [...]. Neste último caso, viveremos sem a criança (ou seja, reconstituiremos a fração) e, mais adiante, daremos à luz um bebê mais sadio.⁸⁸

A tarefa não parecia fácil, uma vez que os problemas não estavam só no partido, mas também na fração bolchevique. Segundo Trotski:

Em 1910, éramos umas poucas dezenas de militantes em todo o país. Alguns estavam na Sibéria, mas não estavam organizados. Lenin podia chegar por correspondência ou através de algum agente a trinta ou quarenta pessoas.⁸⁹

87 Nadezhda Konstantinovna Krupskaja (1869-1939): Em 1891, entrou para um círculo marxista ilegal. Por causa de suas atividades, foi presa e deportada por três anos em 1896. Em 1898, casou-se com Lenin e se transformou em sua principal colaboradora. Organizou a rede clandestina do *Iskra*. Foi membro da Comissão de Controle do Comitê Central, teve vários cargos políticos, principalmente na área de educação, e fez parte do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética (PCUS) em 1927, após a morte de Lenin. (Nota da edição brasileira)

88 Citado por Pierre Broué em *O partido bolchevique*

89 TROTSKI, Leon. “Lutando contra a corrente” in: *Escritos*, tomo X, abril de 1939.

Eram épocas difíceis, não só pela forte repressão que se vivia na Rússia, mas também pela grande confusão política, teórica e programática que, como vimos, também atingia os bolcheviques. No entanto, era também o momento do ressurgimento da classe operária russa. Isso fez com que Lenin apostasse nos jovens operários do partido, confiando, como sempre, na teoria marxista.

Assim surgiu o grande operativo da escola. O esforço grandioso que significou para os emigrados políticos – que tinham de se esquivar da polícia francesa que trabalhava em acordo com a *Okhrana* – organizar uma escola marxista clandestina, tirando secretamente os dirigentes operários que militavam num dos momentos mais repressivos do regime czarista, para que passassem dois meses se entupindo da cultura marxista e ascendendo à cultura universal, para depois voltarem, também clandestinamente, e continuarem o trabalho de construção.

Em Longjumeau, uma tranquila aldeia de 2.440 habitantes, próxima a Paris, alugaram por dois meses (julho e agosto de 1911) uma antiga carpintaria, onde aconteceram os cursos, e mais cinco quartos, onde funcionou o restaurante coletivo e onde se alojaram os estudantes e os encarregados da organização. Lenin, sua companheira Krupskaja e sua sogra se alojaram em dois quartos de uma casa próxima. O mesmo fez Zinoviev, sua esposa e seu pequeno filho. O resto dos professores viajava de Paris cada vez que tinham suas aulas.

Quem eram os professores

Emigrados russos, alguns bolcheviques e outros não, mas todos dispostos a colaborar com Lenin na tarefa de reconstruir o partido, colocando seus conhecimentos a serviço da formação dos jovens operários. Eram treze, dos quais seis eram bolcheviques: Lenin, Krupskaja, Inessa Armand⁹⁰, Zinoviev, Kamenev e Semachkov; dois eram otzovistas: Lunacharski e Volski⁹¹; cinco eram simpatizantes

90 Inessa Armand (1874-1920): nascida na França, ingressou no POSDR em 1903. Em junho de 1907, foi presa por distribuir material de propaganda. Ficou exilada na Sibéria por dois anos. Foi secretária do Comitê de Organizações Estrangeiras que organizava os bolcheviques da Europa Ocidental. Foi presa novamente em 1912. Depois disso, passou a viver Lenin e Krupskaja, sendo editora e redatora da publicação *Rabotnitsa* (Mulheres Trabalhadoras). Fez parte da *Zhenotdel*, o Departamento de Mulheres Trabalhadoras e Camponesas do Partido Bolchevique. Em 1920, organizou e foi uma das principais participantes da Primeira Conferência Internacional das Mulheres Comunistas, ao lado de nomes como Clara Zetkin e Alexandra Kolontai. (Nota da edição brasileira)

91 Vasili Timofeievich Volski (1897-1946): militante e militar russo, era um dos defensores de que o partido deveria abandonar todas as atividades legais e atuar na

mais ou menos próximos: Riazanov, Steklov⁹², Rappoport, Davidson e Finn-Enutaesvski. Plekhanov também foi convidado para dar o curso de materialismo histórico, mas acabou não participando.

Krupskaia, especializada em tudo que tinha a ver com o trabalho clandestino, ficou encarregada da conexão com as organizações locais do partido na Rússia e da organização da saída e da viagem dos estudantes. Inessa Armand foi a responsável por todos os aspectos da organização da escola. A direção geral ficou nas mãos de Lenin e Krupskaia.

Quem eram os estudantes?

No total, eram 18, entre eles uma mulher, que partiram dos principais centros operários russos (São Petersburgo, Moscou, Baku e Kiev) e da Polônia. Suas idades variavam entre 18 e 25 anos. Todos eram operários ou proletarizados que passaram pelo cárcere, pela tortura e pela deportação. Foram selecionados a partir de voluntários que se propunham, levando-se em conta que, para poder sair clandestinamente do país, não podiam ser figuras muito conhecidas. Onze eram bolcheviques; uma era otzovista; três eram partidários de Plekhanov. Um foi excluído da escola no início por pressão dos outros estudantes (ver quadro); dois eram provocadores que conseguiram se infiltrar.

A dinâmica de trabalho e os cursos realizados

Pela manhã, os professores faziam suas exposições. Depois do almoço, os estudantes trabalhavam sobre o tema, respondiam perguntas, faziam exercícios, levantavam dúvidas. Lenin era o principal cursista. Fez 29 conferências sobre economia política (43 horas); 12 sobre a questão agrária (18 horas); 12 sobre a história e a prática do socialismo; e três sobre a concepção materialista da história, que originalmente estavam programadas para Plekhanov.

Aos outros professores couberam outros temas: história do partido russo, história do movimento operário ocidental, aspectos do Direito, aspectos de contabilidade, literatura, técnicas jornalísticas. A

clandestinidade. Após a Revolução de Outubro, juntou-se ao aparato stalinista e foi um dos comandantes do Exército Vermelho. (Nota da edição brasileira)

92 Iuri Steklov (1873-1941): historiador e militante bolchevique, afastou-se em 1903. Foi deportado e condenado a trabalhos forçados durante anos. Defendia a reunificação entre mencheviques e bolcheviques. Em 1917, apresentou-se como revolucionário independente, mas ligado aos bolcheviques. Foi presidente executivo dos soviets. Morreu executado nos processos de Moscou. (Nota da edição brasileira)

arte não ficou de fora. Em duas oportunidades, Lunacharski levou os estudantes para visitar o Museu do Louvre.

A importância dada por Lenin à formação dos militantes cria uma relação com a teoria marxista e a cultura universal dos militantes bolcheviques que Pierre Broué descreve assim:

Os revolucionários estudam. Alguns, como Piatakov, que escreve um ensaio sobre Spengler durante o período em que a polícia o detém na Ucrânia, em 1918, ou como Bukharin, são intelectuais de relevo. Os outros, ainda que menos brilhantes, estudam também sempre que podem, já que para eles o partido é uma escola, e isto não somente no sentido figurado. Em suas fileiras normalmente se aprende a ler e a escrever, e cada militante se converte em um guia de estudos, reúne um grupo em torno de si com o qual vai estudar e discutir política. [...] Naturalmente, nem todos os bolcheviques são poços de ciência, mas sua cultura se eleva muito acima do nível médio das massas. Em suas fileiras encontram-se alguns dos intelectuais mais brilhantes de nossa época.⁹³

Em 2011, quando esta escola fez seu centenário, a Associação Lenin em Longjumeau publicou uma tese de um de seus integrantes, o professor de história Alan Veysset, intitulada *A escola do partido bolchevique em Longjumeau*. Esse texto, do qual reproduzimos alguns fragmentos, faz uma descrição interessante desta audaz experiência leninista, não só no que se refere à formação teórica dos militantes, como no que diz respeito aos diferentes aspectos humanos que aconteceram na relação que, durante dois meses, mantiveram estes revolucionários (professores e estudantes) que se preparavam para responder aos importantes acontecimentos vindouros.

Confiança no marxismo e na classe operária

Não há dúvidas de que tudo o que Lenin fazia, em especial este enorme esforço, tinha como objetivo a reconstrução do partido. Que “a preparação da Conferência de Praga” – que marcou, em 1912, o início da recomposição do bolchevismo – “contribui com todo tipo de garantia de efetividade da escola de quadros de Longjumeau”⁹⁴ e mostra o acerto de sua aposta. Também não há dúvidas de que, já naquele momento, Lenin via essa reconstrução a partir da fração bolchevique.

Levando isso em conta, chamam a atenção dois fatos. O primeiro é que os estudantes não eram só bolcheviques, mas representavam

⁹³ BROUÉ, Pierre. *O partido bolchevique*. (A. S.)

⁹⁴ *Ibid.*

todo o partido, sendo que havia também mencheviques e otzovistas. O segundo, que Lunacharski, a quem Lenin acusava de ser empirio-criticista, e Riazanov e Steklov, que se identificavam como mencheviques conciliadores, foram professores da escola, e que também foi convidado Plekhanov, a máxima figura menchevique.

A explicação que podemos dar a esses dois fatos é, por um lado, que Lenin queria os melhores para formar os operários e não abandonava a batalha para recuperar estes talentos, deixando de fora só os liquidadores. Por outro, tinha uma enorme confiança no marxismo, na classe operária e nos quadros operários do partido. Estes jovens dirigentes operários, que refletiam o novo ascenso, podiam estar muito confusos, mas ele confiava que, se lhes dessem as ferramentas do marxismo, eles veriam a justeza de sua política e de seu programa.

E não se equivocou. A totalidade dos estudantes de Longjumeau (à exceção dos provocadores da Okhrana) se integrou às fileiras bolcheviques, fenômeno que não se limitou só aos estudantes. A escola de Longjumeau foi decisiva para que Kamenev abandonasse suas expectativas conciliadoras. Foi durante a escola que escreveu, sob a direção de Lenin, seu livro *Dois partidos*. Também foi importante para a aproximação de Lunacharski, Riazanov e Steklov, ainda que a entrada desses só tenha se concretizado em 1917, como parte da organização “interdistritos”, junto com Trotski.

Dos alunos e professores da Escola de Longjumeau, não saíram dirigentes que pudessem estar à altura de Lenin. Não se resolveu aí o problema de direção. Mas essa escola alcançou uma unidade teórica que foi fundamental para encarar a reconstrução do partido, que permitiu que, na Rússia, pudesse se concretizar o que foi votado pelo Congresso da Basileia da II Internacional: transformar a guerra imperialista em guerra revolucionária, conquistar o grande triunfo de outubro de 1917 e, a partir daí, conseguir a grande vitória organizativa da classe operária mundial: a construção da III Internacional.

A escola do Partido Bolchevique em Longjumeau [EXTRATOS]

Alain Veysset

Os estudantes

Os 17⁹⁵ militantes vieram da Rússia, da mesma forma que a maior parte dos estudantes das escolas de Capri e de Bolonha, com uma ligeira diferença a favor de Longjumeau. A diferença se explica pelo fato de que foi a fração bolchevique em sua totalidade que tomou a ideia da escola de formação e não uma dissidência. Da mesma maneira, aumentou a qualidade dos militantes trazidos da Rússia, graças ao fato de que isso foi tomado como uma tarefa geral.

Os estudantes livres

Eram três: Sergo (Ordzhonikidze), Semion (Schwarz) e Zakhai (Breslev). Pode-se supor que esses estudantes são livres no sentido de que não estavam previstos no programa, mas estiveram presentes desde o início do curso. Assim, Sergo, depois de ter mantido uma correspondência particularmente ativa e amigável (segundo Krupskaja) entre o grupo bolchevique do Cáucaso e o de Paris, emitiu uma carta em relação à luta nas fileiras da emigração que ficou sem resposta.

Depois, um dia – conta Krupskaja – nosso zelador veio nos dizer: “Um homem veio aqui, não fala uma palavra de francês, sem dúvida deve ser para vocês”. Eu desci e percebi um homem de aspecto caucasiano que sorria. Era Sergo.

Krupskaja anotou como “livres” os militantes que chegaram da Rússia czarista por seus próprios meios. Sem dúvida, porque não estavam previstos na programação.

⁹⁵ Inicialmente, eram 18. Aqui não está incluído o que foi retirado da escola pelos outros estudantes. (A. V.)

Semion Schwarz era um militante bolchevique de longa data, bem conhecido dos Ulianov. Começou sua carreira revolucionária distribuindo panfletos secretos numa fábrica, fingindo embriaguês. Ele tinha sido operário na cidade de Nikolaiev.

Zakhai Breslev era igualmente conhecido dos Ulianov. Em 1905, tinha trabalhado em São Petersburgo, usando o pseudônimo de Piotr; no distrito de Moskovski.

É muito importante que esses recém chegados sejam conhecidos do centro bolchevique da emigração para evitar infiltrações de provocadores. Devemos notar que em todos os casos se trata de jovens proletarizados, ou seja, revolucionários que, num momento ou em outro, trabalharam numa fábrica.

Ordzhonikidze, Gregori Konstantinovich, ou Sergo, nascido em 1886 na Geórgia, saído da pequena nobreza, era estudante de enfermagem em Tiflis e militava desde 1903 na fração bolchevique. Foi preso em 1905 enquanto recebia um carregamento de armas. Em 1907, foi preso em Baku e novamente condenado. Partiu para a Pérsia (Irã) em 1909, onde participou da revolução que ali se desenvolveu.

Velho amigo de Lenin e amigo ainda mais antigo de Stalin: “Impetuoso e brutal, de riso fácil e cólera rápida, Sergo é o prático e o impetuoso, um prático em que a coragem política não está à altura da temeridade do impetuoso”. Conhecia Stalin e outros comunistas georgianos.

Em 1906, fazia parte da redação do jornal *Dro* (jornal político da Geórgia) e se juntou a Lenin em 1911. Foi um dos primeiros estudantes de Longjumeau que, depois de ter sido educado, Lenin propôs para ser membro do Comitê Central, em 1912, e do Bureau Russo do Comitê Central do Partido Bolchevique. Era georgiano como Stalin. Assim como ele, era membro do Comitê Central de Baku. Ordzhonikidze entrou ao mesmo tempo em que Stalin no aparato. A diferença é que não era “um simples revolucionário do interior”. Ordzhonikidze visitou o Irã e Paris, regressou à Rússia, voltou a Paris, foi a Praga em 1912. Mas, como Stalin, não gostava dos debates de ideias. Voznesenski, em seu poema *Longjumeau*, nos apresenta Sergo dormindo.

Os estudantes propriamente ditos

Os organizadores da escola aceitavam membros bolcheviques e mencheviques com um rechaço mínimo. Lenin devia considerar que o quadro da escola e as discussões políticas desenvolvidas eram suficientes para convencer os indecisos da justeza de suas posições.

A viagem

Podia durar quatro ou cinco dias e muito mais para os que, como Sergo, vinham da Pérsia. O transiberiano, recém terminado, demorava três semanas para atravessar o continente. Pode-se supor que, como no Velho Oeste americano, as viagens de trem eram feitas em um ou dois dias. O tráfego através da Europa devia ser muito regular. As rotas mais usadas passavam através da Polônia e da Alemanha. As mais seguras, pela Finlândia, Suécia, Dinamarca e Alemanha, ou de barco pelo Mar Negro e pelo Mediterrâneo até Marselha. Mas, ainda que seguros, esses dois últimos eram muito longos. Supõe-se, portanto, que os estudantes pegaram o itinerário mais curto pela Polônia. De fato, essa era a rota que oferecia maiores vantagens. Pouco conhecidos pelos serviços de polícia, com a necessidade de conseguir documentação falsa a toda prova, chegavam dispersos. Em caso extremo – caso de prisão na Polônia – a poderosa social-democracia alemã tinha mais opções que ninguém para fazer pressão para libertar os prisioneiros.

Era, portanto, uma viagem que se tornava arriscada por causa do bloqueio da polícia czarista. No caso de Longjumeau, chegaram todos, ainda que alguns atrasados, como foi o caso do estudante polonês Matzev. Se tivesse havido maiores impedimentos, Krupskaia teria registrado.

O caráter dessa viagem é bem conhecido. Um folclore está associado a estes trens internacionais que não chegavam nunca. Os bolcheviques viajavam nas classes mais econômicas, seu orçamento era muito limitado e era nos vagões mais humildes que o prazer era maior. Como havia pouco para fazer, a leitura era o que oferecia a melhor chance para passar o tempo. A maior motivação para os estudantes da primeira escola socialista da social-democracia russa era ler, ler mais, aproveitando a capital quase mundial da cultura: Paris.

Havia, certamente, orgulho nesses operários, antigos camponeses, por passarem a ser homens cultos. Uma vontade profunda de conhecer, às vezes para fazer alarde, mas, principalmente, para poder enfrentar o inimigo de classe com as mesmas armas com que eles os esmagavam.

Quem são eles?

Os primeiros a chegar foram os estudantes de São Petersburgo. Isso se explica pela facilidade de circulação clandestina que existia entre a Europa e a capital da Rússia czarista. Eram três: Belostotski,

Vladimir e Georgi (pelas notas de Krupskaja, não é possível saber seus sobrenomes). A última era uma mulher, Vera Vasileva, operária, também de São Petersburgo, participante do grupo *Vperiod*. Vera foi a única aluna mulher em Longjumeau. Esses eram camaradas muito conscientes e desenvolvidos do ponto de vista político. Na tarde de sua chegada, Lenin os convidou para jantar num café, conversou calorosamente com eles, perguntou sobre seus trabalhos, buscando descobrir os índices de recuperação do movimento operário. Os recém chegados foram instalados provisoriamente próximos à casa de Semachko, em Fontenay-aux-Roses. Enquanto esperavam a chegada dos outros estudantes, foram-lhes recomendadas algumas leituras. Mas não como distração: tinham de se envolver no trabalho seriamente o mais rápido possível.

Depois, chegam os operários de Moscou: Prisiaguin, operário de curtume; e um operário têxtil, cujo nome escapou à memória de Krupskaja.

Prisiaguin, segundo Krupskaja, era um operário “fora de série”. Dirigia um jornal clandestino na Rússia, dos operários de curtumes. Ele também dominava a arte de escrever, o que, efetivamente, era raro nos operários social-democratas, mais agitadores que propagandistas. Krupskaja destaca, paradoxalmente, sua extrema timidez: “quando começa a falar, suas mãos tremem de emoção”.

Se Prisiaguin foi aceito imediatamente pelos camaradas de São Petersburgo, ainda que Belostotski tenha o costume de zombar de sua timidez, não aconteceu o mesmo com o outro operário de Moscou. Tratava-se de um camarada pouco culto, que mostrava muita autosuficiência. Escrevia em verso e tentava falar com um estilo floreado. Um dia, Krupskaja chegou à escola, e ele, o primeiro a vê-la, chamou os estudantes anunciando: “Mister Krupskaja chegou”. Belostotski não perdeu a ocasião para zombar impiedosamente dele. Eles se confundiam com várias de suas respostas. Finalmente, Krupskaja disse:

Os camaradas de Peter [São Petersburgo] insistem para que este moço seja excluído da escola: “Ele não compreende absolutamente nada, fala de prostituição e diz besteiras”. Nós tentamos (com Lenin, sem dúvidas) tranquilizar os descontentes dizendo que este moço acabaria aprendendo, mas os camaradas de Peter não pararam de reclamar. Nós conseguimos depois um trabalho na Alemanha para ele.

Vimos este início tragicômico que fez passar o número de estudantes de 14 para 13. Esse episódio esclarece vários pontos. Em pri-

meiro lugar, a ampla gama de recrutamento de estudantes, as dificuldades para selecionar os capazes, de modo que pudessem chegar até o final. Em segundo lugar, o esforço de Lenin e Krupskaja para fazer progredir mesmo os operários mais atrasados (“Eles acabaram aprendendo bastante”), seu otimismo aberto em relação às possibilidades da classe operária russa. Em terceiro lugar, o atrativo extraordinário que representa a cultura, expresso na ingenuidade deste operário, sua autossuficiência para tentar passar-se pelo que ele não pode ser (esse atrativo explica o papel de Lunacharski, que leva os estudantes de Longjumeau a visitar o Louvre). Finalmente, o peso que pode ter um grupo de pressão para impor seu ponto de vista no marco da escola: o afastamento de um dos estudantes, com argumentos no mínimo curiosos, como “ele fala de prostituição” e “diz besteiras”.

“Dizer besteiras” está ao alcance de todos, mas “falar de prostituição” parece que se tratava de um tema surpreendentemente tabu. Pode ser por causa da pornografia que fazia estragos no período da reação stolipiniana⁹⁶? Lenin, que valoriza trabalhar na serenidade própria de uma escola de formação teórica, prefere separar-se do objeto de litígio, enviando-o a trabalhar na Alemanha, mesmo correndo o risco de desagregar seu curso.

Depois, chegam todos os outros estudantes, entre eles, Andreev, operário da vila de Nikolaev, jovem de entre 18 e 25 anos, que já tinha sofrido deportação. A formação na deportação é eficaz, e Andreev, sem dúvida, passou por esse curso, já que Lenin, de brincadeira, o chama de “o primeiro estudante”.

Dois vêm de Baku, Sema (Semko) e Dogadov (Pavel). Não há mais detalhes sobre eles. Outros dois vêm de Kiev, Andrei Malinovski e Tchugurin, partidários de Plekhanov, portanto, mencheviques. Krupskaja explica que Andrei Malinovski é um agente provocador.

Tchugurin, operário de Somovo, aldeia próxima a Kiev, na Ucrânia, passou por uma prisão prolongada. Está, portanto, formado politicamente, mas tem também os nervos à flor da pele. A vida clandestina, os anos de prisão e de exílio deterioram rápido esses homens que, em sua maior parte, entraram no movimento revolucionário em sua adolescência e que são, desde os 20 anos, velhos militantes do movimento revolucionário, carregados com suas auras: greves, condenações, anos de prisão, deportação, evasão, firmeza frente à polícia, estudos para voltar e retomar o trabalho. “Os revolucionários acredi-

96 Referente ao primeiro ministro do czar, Piotr Stolipin (1906-1911), que impôs um regime extremamente repressivo.

tavam naquilo que pregavam”, disse Trotski sobre eles – “nada mais poderia tê-los convencido a enfrentar essa via sacra”.

Outro partidário de Plekhanov, Savia (Zevin), vem de Ekaterinoslav. Vassili (S. Iskrianistov) vem de Ivanovo-Voznesensk, norte de Moscou. Bom estudante, mas com uma conduta estranha (fica fechado em seu quarto, se nega à missão que lhe encomendam ao voltar para a Rússia). Sua conduta se explica por sua consciência pesada por ter se tornado um agente da polícia. Krupskaia explica assim:

Era um trabalhador sério que, durante muitos anos, aceitou trabalhos perigosos. Sua vida é muito penosa. Sendo suspeito do ponto de vista político, não consegue trabalho; ele e sua família, composta por sua mulher e dois filhos, não têm mais meios de subsistência que o magro salário de sua mulher que é tecelã. Percebemos muito tarde que Iskrianistov, cansado de guerra, tinha se tornado um provocador. Ele começa a beber. Em Longjumeau, se mantém sóbrio. Regressa de Longjumeau, não resiste mais e coloca fim a seus dias. Uma tarde tira sua mulher e seus filhos de casa, acende a estufa, abre a chave. No outro dia, encontram seu cadáver. Seu “trabalho” de provocador não dura um ano e foi remunerado miseravelmente: não recebia mais que uma dúzia de rublos por mês.

Triste aventura, decadência de um militante operário por causa da sombria miséria da exploração capitalista e da negativa em denunciar os participantes da escola. Expressão do que é esta sociedade, sua polícia não pode contra a razão, contra a vontade dos homens de mudar o mundo.

Finalmente chegam os dois poloneses que estão presentes na escola: Oleg (Prukhiak) e Mantzev.

O passatempo dos estudantes

Não se pode ignorar um aspecto importante da escola, que diz respeito aos laços tecidos entre bolcheviques, à vida em comunidade, essa apreciação de cada um do valor do outro. Examinaremos essa questão em função do passatempo que tinham os membros da escola naquele verão de 1911.

Sua distração essencial era o passeio pelo campo. O verão estava muito quente, e eles andavam pelas sementeiras de trigo, se banhavam no rio Ivette, que tinha então água clara e cristalina, e conversavam sobre amenidades. Era, principalmente, à noite que efetuam esses passeios, acompanhados de cantos populares russos.

Segundo Krupskaja, Lenin os acompanhava às vezes. A preparação dos cursos e o trabalho político não lhe permitia sair constantemente. Ainda que, como precisa Krupskaja, não tivesse problemas para trabalhar em pleno campo. Foi assim que discutiu com Kamenev, que estava prestes a escrever sua obra *Dois partidos*, ideias e conteúdo do livro. Krupskaja se lembra das longas conversas, deitados na grama, num barranco próximo à aldeia. Nessas condições, Lenin escreveu o prefácio dessa obra de Kamenev.

Às vezes, saíam em grupos pelos arredores próximos, em lugares muito pitorescos. Subiam o monte Rochers de Saulx, pico alto da floresta, que domina o sul do Ivette, coroado por maciços rochosos de areia e silício e de onde se vê, ao longe, em direção ao norte, a aglomeração cinzenta de Paris. Para o sul, via-se as planícies douradas, as ladeiras verdes onde emerge a Torre de Montlhery, vestígio, em outro tempo, de um muito temido castelo feudal.

Longjumeau sofreu profundas transformações, mas elas são recentes, e as gerações mais maduras se lembram ainda de sua infância numa região onde era bom viver. Assim, em Longjumeau mesmo, sobre a atual zona industrial, ao lado do rio Ivette havia um bosque onde se encontrava morangos silvestres. Não há dúvidas de que os bolcheviques aproveitaram a ocasião de agregar um prazer a mais a seus banhos.

Ócio, distrações serenas, onde deveriam se formar amizades, camaradagem entre esses homens – frequentemente forçados a correr de um lugar a outro ou ficar escondidos – que agora podiam descansar assim ao ar livre, sem riscos de ter de pegar as malas para evitar uma batida policial. É nessas ocasiões fugazes – dois meses é pouco na vida de um homem – que os laços se tecem e que a lembrança desses dias tranquilos se mantêm.

•

Em suma, férias tranquilas, um repouso estudioso e merecido para esses jovens militantes imbuídos de levar a cabo a ação revolucionária na Rússia. Estrangeiros incongruentes, mas discretos, que não se ligam à população, que passam seu tempo pacificamente em passeios, discussões incompreensíveis e que não têm nada de inquietantes.

Para a organização que Lenin quer criar, esse é um passo importante que está em vias de se concretizar. Lenin, por seu método – um estudo profundo do comunismo num marco distendido, onde o ócio

com caráter desportivo tem um espaço importante – pode determinar política e praticamente sua futura equipe de direção do partido na Rússia. Enquadrar, selecionar, formar uma equipe dirigente: essa é a questão essencial de uma organização revolucionária. Lenin se deu os meios. Longjumeau se torna uma etapa essencial da vida do partido, com consequências consideráveis que vamos estudar agora.

Uma vida pacífica e retirada

“É que os estudantes da escola, ao finalizarem seus estudos, deveriam partir para a Rússia e era importante tomar as medidas para manter o mais secreto possível sua estada na França”, disse Krupskaja. De fato, esses estudantes, já vimos, eram, em sua maior parte, da Rússia, de onde saíram clandestinamente com documentação não muito segura. É conveniente, portanto, evitar que as autoridades francesas soubessem da escola, já que podem denunciar os militantes à polícia czarista.

Além disso, os estudantes, ao voltarem para a Rússia, teriam de realizar uma atividade clandestina. Em alguns casos, sua identidade não podia ser revelada para evitar que fossem presos na pátria. Paradoxalmente, os dois infiltrados da Okhrana na escola não denunciaram ninguém, já que não houve prisões depois que os estudantes regressaram. Os professores selecionados por Lenin, de meu ponto de vista, também tiveram uma conduta irrepreensível. Na emigração parisiense, a Okhrana possuía bons informantes. Krupskaja justificava, assim, seus numerosos deslocamentos a Paris: “Eu era obrigada a ir sempre a Paris para manter as relações com os camaradas.” Isso era indispensável para evitar suas visitas a Longjumeau e divulgar a presença da escola, o que podia cair num “ouvido mal intencionado”, com o risco de atrair uma visita policial. Vemos uma séria preocupação na seleção dos estudantes, que se fez para evitar a polícia e poder trabalhar nas melhores condições. Mesmo assim, foi insuficiente, porque as infiltrações aconteceram nessa seleção de militantes.

O excelente trabalho político realizado na escola pode ser feito porque, por algum motivo, os espões não realizaram seu trabalho. A natureza humana é complexa, e existem problemas de consciência mesmo nos policiais ou em seus prepostos.

Outro perigo nesse período em que Lenin tinha previsto se separar dos mencheviques era a possível intervenção de seu partido para perturbar a escola. No entanto, nada sustenta essa hipótese nos documentos que lemos.

A integração na população

Em Longjumeau, não era fácil para esses operários russos se passarem por pacíficos pescadores. Portanto, eles se fizeram passar por professores de escola russos que estavam num seminário de férias. Cobertura mais ou menos permeável, já que podia ser surpreendente ver esses professores – instalados em condições tão pouco confortáveis – se reunirem numa sala tão miserável e, ainda, num verão magnífico, fechados da manhã até a noite.

A imagem tradicional da Rússia faustosa, seus balés, seu czar, seu prestígio difundido entre as massas médias de 1911, devia receber certo golpe ao ver estes “professores escolares” russos.

Essa imagem se enfumaçava um tanto, e Krupskaja acrescenta: “O que principalmente surpreendia os franceses era que nossos ‘professores’ normalmente passeavam descalços (esse verão fez um calor tórrido lá)”.

[...] Enfim, esses russos não passaram realmente despercebidos, mas pouco importava: os pequenos burgueses de Longjumeau não parecem fazer nada além de se interrogar sobre esses estrangeiros.

O médico francês que atendeu Savia quando teve febre tifóide disse sorridente: “Vocês professores parecem bem estranhos”. Tendo visto de perto, estava certo de que não tinha um ar intelectual. Os proletários que saem das fábricas, sob todos os céus do planeta apresentam praticamente os mesmos sintomas, que o olho exercitado de um médico descobre facilmente. Mas o que não pode perceber esse médico, por seu aspecto exterior ruinoso, é que ele fazia parte da elite do proletariado russo, dos operários altamente conscientes que estavam se formando em todos os campos das ciências humanas para combater, com as armas do conhecimento, a burguesia, o que se parece pouco com a imagem do professor orgulhoso, de mãos cuidadas, da III República.

A large, light gray, stylized letter 'S' is centered on a black background. The letter is thick and has a modern, sans-serif appearance. It is positioned behind the text, which is centered within its negative space.

Seminário Internacional sobre
ORGANIZAÇÃO E ESTRUTURA PARTIDÁRIA

No nº 4 da revista *Marxismo Vivo – Nova Época*, transcrevemos os debates que ocorreram durante o primeiro dia do Seminário Internacional sobre Organização e Estrutura Partidária, que aconteceu no Brasil entre os dias 22 e 26 de janeiro de 2014. Nesta nova edição, publicamos a transcrição dos debates do segundo dia e, como na edição anterior, também reproduzimos uma parte importante dos textos que foram estudados.

O seminário contou com a participação de 60 pessoas de oito países e foi coordenado por André Freire e Henrique Canary, da Fundação José Luis e Rosa Sundermann, e por Martín Hernández, da revista *Marxismo Vivo*.

Os temas centrais abordados no segundo dia foram: 1) Organismos e estrutura partidária; e 2) Regime partidário (relação entre centralismo e democracia).



INTERVENÇÕES

Transcrevemos aqui algumas falas
do segundo dia de debates do Seminário
sobre Organização e Estrutura Partidária.



HENRIQUE CANARY

Abertura

O problema da estrutura partidária

A primeira coisa que nós queríamos chamar a atenção, que eu acho que ficou bastante evidente nos textos, é o problema da flexibilidade da estrutura bolchevique. Essa é a ideia fundamental. O que deu para ver pelos textos é que, em distintas fases e em distintas regiões, o partido bolchevique teve distintas estruturas. Distintas tarefas objetivas em distintos estágios de organização determinam distintas formas organizativas do partido de tipo bolchevique. Isso é bastante discutido no livro *O partido bolchevique*, de Pierre Broué: ele mostra como o partido é diferente regionalmente e temporalmente, ou seja, tem uma enorme flexibilidade nas táticas organizativas. Trotski se refere bastante a isso também. Ele fala que é impossível que dois partidos de tamanhos completamente distintos tenham a mesma estrutura organizativa. Quando isso acontece, faz com que o partido menor se

pareça com uma criança de seis anos que usa o terno do pai e, portanto, é errado. A forma organizativa deve ser totalmente flexível. Além disso, Moreno fala do problema do “fetichismo da forma organizativa”. Por quê? Porque o sentido da organização é a *intervenção sobre o movimento de massas*. A estrutura do partido não deve responder à necessidade do aparato de garantir o seu próprio funcionamento ou transmitir as suas resoluções. A organização deve responder ao problema da intervenção no movimento de massas e, por isso, tem de ser flexível. Portanto, a arte da organização “ou o conteúdo da organização” também significa o seguinte (e este é o conteúdo imutável): incorporar todos os militantes na luta política cotidiana, nas tarefas políticas cotidianas. Esse é o conteúdo da forma organizativa, que é desenvolvido nas “Teses sobre a estrutura organizativa, os métodos e a ação dos partidos comunistas”, aprovadas pela III Internacional. Lenin aborda isso quando fala da necessidade de “especialização do trabalho militante”. Moreno tem a famosa citação que fala sobre “localizar, dar iniciativas e motivar”. Ele fala: “temos de evitar a praga da regulamentação”. Portanto, cada militante deve realizar uma atividade diferente, e a estrutura organizativa do partido deve responder a isso. Então,



aqueles organismos que não servem para preparar a intervenção do partido no movimento de massas, para preparar a tarefa de cada militante, não servem como organismos. Reuniões em que os militantes vêm e saem sem tarefas não são reuniões bolcheviques, não respondem ao problema essencial.

Mas isso que eu estou dizendo não resolve o nosso problema, apenas o coloca. Nós começamos a estudar, e esse é um debate que queremos fazer aqui. Vocês viram que as teses da III Internacional colocam com bastante ênfase a ideia de que a estrutura partidária, no final das contas, deve ser de pequenos grupos. Porque os pequenos grupos são os que respondem melhor à necessidade de divisão cotidiana de tarefas. Isso é muito importante, porque é o que diferenciava os partidos da III Internacional dos da II Internacional, que, segundo um dos textos, reuniam os operários para fazê-los escutar alguns oradores e mais nada. Ao contrário, os partidos da III Internacional eram os partidos da intervenção real e cotidiana no movimento de massas. Então, parece que as teses da III Inter-

nacional separam as duas coisas. Uma coisa são os organismos que respondem à intervenção direta e às tarefas que os militantes têm. Outra coisa, aparentemente (esta é uma hipótese que nós estamos levantando), é a necessidade que temos de responder ao problema da discussão política, do centralismo democrático como regime. São duas coisas diferentes. Ou seja, nós precisamos de uma estrutura que responda ao problema da centralização democrática “ ou seja, da disciplina e da liberdade de discussão “ e uma estrutura que responda ao problema da intervenção cotidiana. Não queremos colocar aqui a resposta, mas queremos levantar o problema. Parece-nos que Broué fala disso quando cita as comissões assessorias, as reuniões de especialistas etc. Isso aparece bastante nos textos.

A centralização política

Queremos levantar uma hipótese para o debate: a de que a centralização política requer, necessariamente, *descentralização da atividade concreta na base*, o que nos textos aparece como “ampla autonomia da iniciativa e da atividade”. Isso é bastante desenvolvido no texto “Carta a um camarada”, de Lenin. Broué também fala disso. Quanto mais centralizado politicamente o partido, maior deve ser a iniciati-



va da base, porque a direção responde aos problemas em maior profundidade, mas em menor amplitude. E esse é um problema que nós temos de discutir. Num momento, Lenin fala: “Devemos dar a cada comitê de base, sem colocar muitos empecilhos, o direito de escrever panfletos e distribuí-los. Se cometerem algum erro, não terá muita importância, os corrigiremos “amavelmente” no *Vperiod*⁹⁷”. Portanto, é uma concepção que deixava a iniciativa para a base. Moreno fala bastante disso. Nós vamos ter de debater esse problema do ponto de vista da nossa própria organização, mas, em primeiro lugar, queremos fazer essa discussão teórica, desfazer os vários fetiches e mitos que se criaram em torno da forma organizativa como algo único, estrito, piramidal, onde a direção abarca a tudo e a todos, a todas as questões. Isso não aparece assim nos textos.

○ regime centralista democrático

Sobre esse tema, o que queremos aqui é resgatar um aspecto

⁹⁷ *Vperiod* (Avante): jornal criado e dirigido por Lenin em 1905, após a ruptura do comitê de redação do *Iskra* (A centelha) (H. C.).

específico do centralismo democrático. Achamos que é necessária uma revalorização, digamos assim, da democracia partidária. Não se trata apenas de uma revalorização na nossa própria organização, mas uma revalorização teórica e histórica.

Evidentemente, a disciplina e a centralização não estão em questão. Lenin fala que a atividade centralizada é uma necessidade social da classe trabalhadora porque tem a ver com um problema que o Valerio⁹⁸ falava ontem: o fato de a classe trabalhadora ser oprimida, explorada e dominada. Portanto, é uma classe que age coletivamente e necessita do caráter coletivo não só para produzir, mas também para atuar. Um operário sozinho não enfrenta o burguês nem coloca uma fábrica em funcionamento. A classe operária age coletivamente. Portanto, a disciplina e a centralização são necessárias para a sua atuação política.

No entanto, nós achamos que, ao longo do tempo, acabou se estabelecendo entre nós uma certa subvalorização da democracia partidária. Isso se reflete na forma como nós discutimos e também em nosso funcionamento. Em *O partido e a revolução*, Moreno fala: “Mas a fórmula ‘centralismo democrático’ compõe-se de dois polos que, em úl-

⁹⁸ Valerio Arcary: dirigente do PSTU do Brasil. (Nota da edição brasileira)



tima instância, são antagônicos”. Significa, esquematicamente, o seguinte: quanto mais centralismo, menos democracia; quanto mais democracia, menos centralismo. Depois, Moreno explica isso como sendo o resultado da maior ou menor autoridade da direção, de seus acertos ou erros. É um texto bastante conhecido. Nós queremos questionar esse esquema que Moreno apresenta, essa simplificação. Esse é o sentido do texto seguinte, de Trotski. Em *A revolução traída*, Trotski reconhece a relação entre a democracia e o centralismo como uma relação variável. Inclusive, usa os mesmos argumentos que Moreno: diz que depende da realidade objetiva e subjetiva, da autoridade da direção, de seus acertos etc. Porém, Trotski não fala em relação *antagônica*. Não sei se perceberam isso. Ao contrário, ele fala o seguinte: “O regime interno do partido bolchevique é caracterizado pelos métodos do centralismo democrático. A união dessas duas noções não implica qualquer contradição”. Portanto, centralismo e democracia são opostos somente enquanto estão separados. Uma vez juntos, as coisas

mudam. O centralismo democrático é a síntese dialética entre esses dois conceitos, não é uma oposição dialética, uma luta permanente. Então é uma visão diferente. É o contrário do que diz Moreno. Trotski fala ainda: “O Comitê Central apoiava-se sobre esta base efervescente e dela recebia a audácia para decidir e ordenar”. Vejam: “base efervescente”! A democracia era a fonte da autoridade da direção, um “precioso capital moral da centralização”. Portanto, é uma fórmula distinta, onde o centralismo e a democracia caminham juntos, não são contraditórios e um fortalece o outro. Quanto maior a centralização, mais democrático é o partido; quanto mais o partido é democrático, mais eficiente é a centralização. Não deve haver uma oposição entre esses dois conceitos.

Portanto, o partido de tipo bolchevique é um partido onde há enorme liberdade e alta centralização. Não há contradição. Broué também fala que, na fração bolchevique, “a unidade surge da discussão quase permanente, tanto sobre as questões fundamentais quanto sobre as táticas a seguir a cada momento”. Obviamente, isso não quer dizer que eram discussões intermináveis. Há textos sobre isso também. Não era um mesmo assunto sendo tratado interminavelmente no partido, mas sim um par-



tido que vivia um processo permanente de distintas discussões políticas, debates. Broué fala ainda que “a história do partido [...] desde 1903 [não é mais] que uma longa sucessão de conflitos ideológicos que Lenin supera sucessivamente, com uma grande dose de paciência”. É assim que Lenin vai conformando, através do conflito de ideias, a coluna de ferro do partido.

Esse é um debate, uma crítica pontual à sistematização de Moreno. Por outro lado, na discussão com o PST Peruano, Moreno levanta uma questão fundamental. Ele fala que há uma forte pressão da realidade sobre o partido, que pressiona no sentido de um regime interno bonapartista: o ritmo de atividades, a tendência a passar por cima dos organismos etc. É preciso tomar esse problema de maneira consciente e resistir a essa pressão: saber que as discussões entre os bolcheviques são lentas, se policiar para não exercer a verdade em abstrato etc. É todo um cuidado que a direção precisa ter.

Mais uma última questão em relação ao centralismo democrático: ele existe porque o partido quer acertar. Não é uma conces-

são ao indivíduo. Isso em primeiro lugar. Em segundo lugar, porque tem a ver com a própria estratégia. Em todos os processos revolucionários, o partido vitorioso acabou transmitindo ao Estado o seu próprio regime. Isso foi assim com os partidos-exércitos e também com o partido bolchevique. Então, esse é um problema estratégico. Moreno fala de *princípio*, e é isso o que estamos discutindo aqui.

LETÍCIA HASTENREITER

Queria me referir ao fato, já tocado por algumas companheiras, de que ontem nenhuma mulher falou. Hoje até falaram, só que isso não tira a nossa dificuldade. Eu queria destacar tudo o que já foi dito, mas agregando o problema geracional. Para os jovens, é ainda mais difícil falar. A gente acha que fala mais besteira ainda. Não tem a experiência e não tem a autoridade que os mais velhos têm. Isso foi muito bem colocado no texto da apostila, e eu queria ler uma frase para que se entenda a importância disso. A frase diz: “somente através de uma colaboração ativa e constante com a nova geração, dentro da estrutura da democracia, é que a velha guarda [do partido - N. do E.] irá se preservar como um fator revolucionário”⁹⁹.

99 LEON, Trotski, *Novo curso*, 1924. (Nota da edição brasileira)



É muito forte o que está escrito aqui. O que está escrito aqui é que, se não houver essa colaboração entre os mais jovens e os mais velhos, os velhos deixam de ser um fator revolucionário dentro do partido. É muito forte! Por isso, é necessário que haja a síntese entre as gerações: para que esses, que são a salvaguarda de nosso programa e que têm a experiência, consigam de fato se manter como fator revolucionário. Só queria destacar essa frase do texto, que achei muito bom, porque acho que este é um desafio que o partido e a Internacional têm. Isso é necessário para sermos vitoriosos na nossa tarefa de construir o partido para a tomada do poder.

Outro tema que eu queria falar é que a gente se deu o desafio de pensar e elaborar sobre a nova forma, a nova estrutura de partido, para dar conta da nova situação política no país. Estamos estudando isso. Inclusive o ponto de contato entre ontem e hoje é que a gente segue discutindo qual o partido que a gente tem e para que serve o partido. Para tomar o poder? Essa foi a primeira pergunta de ontem. Por que se precisa de partido?

Então, sobre a estrutura propriamente dita, tem um grande ensinamento que é a flexibilidade. Depois desse grande ensinamento, e se o levarmos até as últimas consequências, nós vamos ser capazes de elaborar a estrutura, mas acho que é importante sabermos que não tem fórmula mágica e não vai ser acabando com os comitês zonais ou criando núcleos grandes que nós vamos ser capazes de preparar o partido para dirigir a tomada do poder. Não é assim, não vai ser isso. Na verdade, é atacando os problemas que nós temos e vendo como nos aproximamos mais do partido bolchevique. Aí tem a questão do centralismo democrático e tudo o que isso significa para nós, porque somente com esse regime é que seremos capazes de nos prepararmos para a tomada do poder e de exercer esse poder depois. E aí, dentro do centralismo democrático, tem uma questão muito importante que é a disciplina. Sobre a questão da disciplina eu queria pegar um texto que não está na apostila, mas está no *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, de Lenin. “A primeira pergunta que surge é a seguinte: como se mantém a disciplina do partido revolucionário do proletariado?” E, então, Lenin vai tentar responder a isso. Ele fala: “Em primeiro lugar, pela consciência da vanguarda proletária e



por sua fidelidade à revolução”. Depois, continua:

Segundo, por sua capacidade de ligar-se, aproximar-se e, até certo ponto, se quiserem, de fundir-se com as mais amplas massas trabalhadoras, antes de tudo com as massas proletárias [...]. Finalmente, pela justeza da linha política seguida por essa vanguarda, pela justeza de sua estratégia, e de sua tática políticas.¹⁰⁰

Ou seja, não é pela autoridade, não é pelo poder. Mas a verdade é que nós tentamos implementar esta disciplina o tempo todo no partido: através do poder. Eu estava falando com o Pierre que é um negócio engraçado. A tarefa dos quadros é “resolver problemas”, como o Freitas falou. Pode ser isso também. Mas a maior tarefa dos quadros, na prática, é “mover o partido”. É sempre isso: “mover o partido”, “mover”, “mover”. A gente nunca lembra que a tarefa é politizar, é dar mais teoria. Só fala em “mover”. Tem uma coisa que acontece assim: se algum militante não quer ir a uma atividade, nós escolhemos alguém para ligar para essa pessoa. E escolhemos aquele que tem mais autoridade sobre essa

pessoa. E então ligam seis pessoas que têm autoridade para tentar mover essa pessoa. Isso está errado. Porque não pode ser pela autoridade, tem de ser pela firmeza ideológica, e isso não vem sem teoria, não vem, não adianta. Essa frase de Lenin: “pela consciência da vanguarda proletária, sua fidelidade à revolução, por sua firmeza, seu espírito revolucionário, seu sacrifício, seu heroísmo [...]”. Lenin fala que isso é a primeira coisa para conseguir a disciplina. Não vem sem teoria e não vem sem política. Não vem. Eu acho que aí está o grande nó da nossa organização.

ANA PAGAMUNICI

Muitas vezes, trabalhamos com uma concepção de que os núcleos pequenos são a única forma de garantir a democracia interna, revelando uma incompreensão a respeito do que é mutável ou permanente na questão organizativa. A III Internacional orientava que se construíssem organismos pequenos. Lenin, por sua vez, dizia que essa era uma experiência “muito particular”, “muito russa”. O que isso significa? Que essa norma deveria ser aplicada a todas as seções, como dizia a III Internacional? Ou era um caso especificamente russo? Que o tamanho da célula estava diretamente ligado ao centralismo? Na verdade, o tamanho da célula deve ser

100 LENIN, Vladimir, *Esquerdismo, doença infantil do comunismo*, 1920. (N. do E.)



estipulado de acordo com a necessidade da atividade partidária e não como condição para a centralização política.

O regime do partido, o centralismo democrático, é permanente e está vinculado à nossa estratégia. O centralismo democrático é uma forma de elaboração da política do partido. A centralização política pressupõe o debate, a discussão e a ação política coordenada. A estrutura partidária está vinculada à necessidade organizativa de cumprir determinadas tarefas em determinados períodos. Por isso, é mutável. A estrutura tem de estar a serviço do regime, pois apesar de não se confundir com ele, pode ser um entrave à sua realização.

O exercício do centralismo democrático envolve muitos aspectos que vão além do tamanho da célula, tais como: teoria, equipe e exercício da autoridade dirigente. A teoria é parte do método. O estudo é parte da elaboração da política. Quando há uma estrutura organizativa que impede isso, ou seja, que impede o estudo necessário ao processo de elaboração, acaba impedindo também um outro processo que é a produção teórica a partir da

ação na realidade. Sem esse mecanismo, não é possível ter centralismo democrático.

O centralismo pressupõe trabalho em equipe, divergências, especialização, divisão de tarefas. A estrutura tem de estar a serviço disso. Sem equipe, não há síntese coletiva. Como Moreno dizia, a conformação de uma equipe é resultado do conjunto das debilidades dos companheiros que se superam de forma coletiva. Quando menosprezamos isso, colocamos as pessoas acima da elaboração. O exercício do centralismo se transforma na busca da homogeneidade política.

Da mesma maneira, o exercício da autoridade do dirigente, quando não se dá no marco de uma ampla liberdade de discussão no partido, é o exercício da autoridade para hegemonização da política, não para a busca da elaboração precisa. Não queremos um partido conduzido por “grandes homens” (no sentido genérico), inteligentes, “mentes brilhantes”, como dizia Lenin, mas por dirigentes que estimulam que os militantes falem, elaborem, exponham suas divergências. Tudo isso para fazer com que o partido acerte. Não podemos confundir mentes brilhantes com autoridade política, pois essa não decorre de uma grande ideia individual, mas da elaboração coletiva.



NAZARENO GODEIRO

Eu vejo que nós temos toda a flexibilidade do mundo, ir para um canto ou para o outro, e a especialidade de Moreno era justamente a flexibilidade. Agora, essa flexibilidade opera dentro de seis princípios organizativos segundo minha opinião. Vou enumerar estes seis princípios organizativos.

O primeiro princípio organizativo é que todos os militantes são militantes *ativos*, têm uma atividade cotidiana na vida real. Segundo, é o *centralismo democrático*. Terceiro, um partido *operário* por sua composição social e por uma direção operária. Quarto, um partido *legal e ilegal*, combinação obrigatória dos dois aspectos. Quinto, a *combinação da luta econômica, política e teórica*, juntando três aspectos num único feixe. Sexto, mas não menos importante, que o partido é parte constitutiva de uma *Internacional*.

Para mim, são esses seis princípios organizativos, e a flexibilidade está justamente na combinação entre esses seis princípios organizativos. Eu queria falar sobre o tema da composição social do partido. Isso tem de ser

uma obsessão nossa. Está provado que o partido bolchevique e o partido comunista alemão e os outros partidos comunistas tinham uma forte composição operária, e os nossos mestres davam uma importância muito grande a isso. E não só isso. Nós vimos também que eles tinham uma estrutura muito dirigida às fábricas. Nós vemos no texto o exemplo de Moscou e Odessa, onde, em Moscou, as assembleias de fábrica eram a base da pirâmide partidária. Em Odessa, eram os círculos de fábrica. O partido comunista alemão, em 1923, criou um departamento que era o de células de fábrica. Então a gente vê uma obsessão. Em Lenin vemos outra obsessão: a utilização dos operários na condução, na direção do partido. Ele perdeu quase todas as votações sobre esse tema no partido bolchevique. Das poucas votações que perdeu, essa foi uma delas: a que obrigaria o partido a ter oito operários para dois intelectuais na direção. Essa ele perdeu, e creio que perdeu a última, quando propôs integrar 100 operários no Comitê Central do partido. Ele já estava à beira da morte, e não foram os 100 operários para o CC.

Por que eu quero centrar nesse tema? Porque nós, trotskistas, temos um problema, devido à nossa existência histórica determinada. Nós fomos separados



da classe operária. Então, a IV Internacional nasceu separada da classe operária. A classe operária era comunista, depois castrista, depois peronista, depois lulista, depois chavista. É “tudoísta”, menos “trotskista”! (risos). Qual é o problema? Nossa corrente dentro da IV Internacional foi a que mais tentou buscar esta ligação com a classe operária. Então, voltando a Moreno, o que ele fez? Ele tirou leite de pedra! Moreno construiu a maior corrente da IV Internacional e a mais operária. Vocês viram os dados na apostila, não é? Ele pegou jovens muito capazes e os inseriu na classe, e formou uma corrente internacional com isso. Construiu um partido e disputou o movimento. Construiu um partido como o MAS¹⁰¹. Porém a classe operária era peronista, e nós não conseguimos penetrar na classe operária. E isso, em minha opinião, foi decisivo depois da morte de Moreno e determinou a dinâmica infernal da crise e do burocratismo que se instalou no MAS e que deu a dinâmica até a explosão da organização.

Moreno tentou ir para a classe operária com peso e força, com a

101 MAS: Movimiento al Socialismo, partido trotskista argentino fundado por Nahuel Moreno. (N. do E.)

política de proletarização e sindicalização e todo o resto. Deu errado! Depois, neste seminário, nós vamos ver tudo. Porém, pouco antes da morte de Moreno, ele teve um acerto gigantesco aqui no Brasil, que foi a política de sindicalização do partido brasileiro. E esta é a maior conquista histórica de um partido trotskista no mundo. É a inserção sindical, política que nós temos na classe operária brasileira. E nós somos um partido trotskista que tem um líder operário como o Zé Maria, que é o orgulho, ou melhor, deveria ser o orgulho do trotskismo internacional. Eu sei que ele vai ficar irritado porque eu falei isto, mas não estou nem aí (risos).

Agora, vejam só: essa conquista histórica, que foi termos construído o maior partido trotskista do mundo, vem com duas contraindicações (risos). A primeira é que nós sobrevivemos à hecatombe mundial com dois problemas, e o primeiro é que a ação política do partido é estropiada com o tal do sindicalismo, a ação reduzida. Não é a luta política para ganhar a massa para a tomada do poder. É uma luta rebaixada. E a segunda é que o regime movimentista, empírico e bonapartista que têm os aparatos dos sindicatos está incrustado na direção do partido. Esses dois elementos estão travando o salto do partido. Então eu vou defender duas coisas (só anunciando para os próximos pontos do seminário).



rio): Primeiro, que nós joguemos todo o nosso peso em construir 500, 600 “ quantas sejam “ células de fábrica e que mudemos o centro de funcionamento “ o centro de movimentação, digamos “ do aparato do sindicato para as células de fábrica. Com isso, inclusive, nós podemos conseguir que o nosso partido se transforme e possa dirigir a reorganização e dirigir a classe operária brasileira desde os próprios locais de trabalho. Isso pode permitir reviver e oxigenar os aparatos dos sindicatos com um rodízio geral de poder. Para isso, evidentemente, a tarefa fundamental de todos os camaradas aqui é formar 200 operários genuínos, oriundos da classe, fazer cursos de um mês inteiro, que serão ministrados por Martín, por Edu, por Ana Pagamunici, para educar esses camaradas, para dar condições para que eles dirijam a classe operária a partir dos locais de trabalho. Isso é o que nós devemos fazer no próximo período.

LUIZ CARLOS PRATES (MANCHA)

Acho que foi um acerto a realização deste seminário, em particular a ideia de fazê-lo no

âmbito da LIT. Porque agora nós estamos discutindo, por exemplo, a questão do centralismo democrático, mas o centralismo democrático esteve em questão na própria LIT. Houve uma divisão, e não se tratava de uma minoria. Ele esteve em questão pela maioria da direção naquele momento, e a LIT foi salva por um voto¹⁰². Também nesse período, se travou uma luta em defesa dos princípios, do programa e da organização em geral. Eu acho que essa luta em defesa dos princípios “ inclusive este seminário é parte disso “ abre uma outra etapa, que seria a etapa da afirmação. Porque não é verdade, por exemplo, que a nossa corrente sempre encarou os organismos com fetiche. Moreno e a nossa corrente (enquanto ele viveu) eram muito flexíveis, e isso se expressava em diversos países, se expressa nos documentos que nós lemos, se expressava no MAS. Onde estavam os quadros? Em determinados momentos estavam no bairro, depois na fábrica. Aqui no Brasil, isso se refletiu nas mudanças. Em determinado momento, era a política do Ali-

102 Em 1997, em meio a uma forte crise no seio de sua direção, a LIT realizou um congresso extraordinário, onde a proposta de transformá-la em uma federação internacional descentralizada de partidos foi colocada em votação, tendo sido rejeitada por apenas um voto de diferença. (Nota da edição brasileira)



cerce¹⁰³. Depois, a proletarianização, a Convergência Socialista, o PT etc. Em dez anos, foram cinco ou seis táticas de construção. A mesma coisa acontecia na Argentina, na Colômbia, nos diversos locais. Isso era uma característica da nossa corrente, pois, como disse o Nazareno, nós tentamos durante todo esse tempo romper a marginalidade por um lado, e construir uma organização operária por outro. Eu acho que esse defensismo no terreno da política acabou se expressando também de outra maneira: no defensismo no terreno da organização. Não se ousou mais também porque essas ousadias levaram a situações meio *sui generis*. Por exemplo, no Brasil, durante as “Teses de 90”¹⁰⁴, nós acreditá-

103 Alicerce da Juventude Socialista: nome que assumiu a Convergência Socialista, principal corrente que deu origem ao PSTU, no ano de 1980, quando girou toda a sua atividade para o movimento estudantil.

104 As “Teses de 90” são um conjunto de documentos, concepções e opiniões, surgidas no início da década de 1990, no âmbito da LIT, que apontavam a perspectiva imediata de revoluções socialistas dirigidas diretamente por nossos partidos em vários países. Naturalmente, tratava-se de uma concepção completamente impressionista, que absolutizava o fato progressivo da queda das

vamos que tínhamos 200 operários na GM ou 300 operários na Embraer porque nós fazíamos reuniões amplas lá dentro da fábrica. Chamávamos essas reuniões de “grupos do partido”. Aquilo era um delírio, mas era parte de ter uma determinada ousadia. Mas deu errado e levou, mais tarde, à defesa do regime interno do partido, a nos voltarmos para dentro, reconstruirmos etc. Enfim, tudo aquilo que nós vimos depois. Então, nesse terreno, nós podemos iniciar um debate. Iniciamos o debate pegando os elementos teóricos, pegando os problemas estratégicos e, depois, vamos materializar na discussão sobre nossa própria organização. Por último, eu tenho acordo com tudo o que foi colocado em relação ao problema do peso operário e ao ambiente do partido. Além disso, uma coisa que nós começamos a retomar nos congressos e que agora é preciso aprofundar é o tema do trabalho em equipe. Isso é uma questão que o próprio capitalismo esta se apropriando. O trabalho em

ditaduras stalinistas nos países do leste europeu, sem levar em consideração todos os outros elementos, como a ofensiva ideológica neoliberal e o giro à direita das direções tradicionais do movimento de massas. Esta visão acabou levando a uma política oportunista e ultra-esquerdista por parte da maioria das seções, o que desencadeou uma gigantesca crise em toda a Internacional. (Nota da edição brasileira)



equipe conseguiu aumentar a produtividade no capitalismo porque colocou os operários para trabalharem em times, em conjunto, trabalhar com divisão de tarefas, e eles roubaram o conhecimento dos operários, tanto através dos programas de sugestões, quanto através do trabalho padronizado. Até o capitalismo percebeu isso. Então, o mundo operário, a produção capitalista também traz para dentro do partido “ ou melhor, poderá trazer para dentro do partido “o trabalho em equipe, a disciplina e a divisão de tarefas.

OTÁVIO CALEGARI

Eu gostaria de tocar em dois temas, numa perspectiva diferente, mas dois temas que já foram bastante tocados. Em minha opinião, estes são os centros dos problemas que nós encaramos. Um tem a ver com a nossa inserção na classe operária, o reflexo da classe operária no partido. O outro é o problema da formação marxista. Eu queria começar, para falar da classe operária, com uma história do livro de John Reed¹⁰⁵, *Dez dias que abalaram*

105 John Reed (1887-1920): revolucionário e jornalista norte-americano. Foi enviado à Rússia para cobrir a Revolu-

o mundo. Esse é um livro muito bonito em que ele conta sobre a tomada do poder pelos bolcheviques e os dias que se seguiram de organização do poder. Esta historinha é interessante, pois ajuda também a desmistificar um pouco o que foi a Revolução Russa e o partido bolchevique e sua organização. John Reed relata um episódio que é o seguinte: depois que os bolcheviques tomam o poder, Kerenski reúne algumas tropas, e a contrarrevolução começa a tomar algumas cidades e seguir em direção a Petrogrado. John Reed está em Petrogrado e, num determinado dia, cruza com dois comissários do povo, ministros bolcheviques, que estão discutindo: “Nós vamos pegar um carro agora e ir pro *front* organizar as tropas para combater Kerenski”. John Reed se coloca no meio da conversa e diz “Eu quero ir junto”. Eles falam: “Não, você não”. Logo em seguida, chega um outro bolchevique que era amigo de John Reed e ambos entram no carro, ninguém consegue tirá-los de lá e eles vão. Na hora que estão partindo de Petrogrado, um comissário da guerra, um dos mais importantes quadros bolcheviques, vira para o outro

ção de Outubro. É dele uma das mais importantes obras de reportagem sobre o processo revolucionário russo, *Os dez dias que abalaram o mundo*. Durante esse período, transforma-se em abnegado militante comunista. (Nota da edição brasileira)



e diz “eu acho que é bom a gente comprar comida, porque nós estamos indo para outra cidade, num país com sérios problemas de abastecimento e eu acho que nós vamos ficar quatro ou cinco dias fora, é bom a gente comprar comida. Vamos fazer uma vaquinha, mas ah!, eu não tenho dinheiro”. O outro “eu também não tenho”. Aí John Reed “eu também estou sem”. O bolchevique que sobrou, o “intruso”, então disse: “Eu tenho, então vamos lá comprar comida”. E eles vão lá e compram comida. Foram até o *front*, chegaram à cidade que era seu destino. Lá conversaram com algumas lideranças do soviet. O boato era que Kerenski ia tomar a cidade no dia seguinte. O comissário da guerra, então, perguntou para o presidente do soviet da cidade: “Como está a resistência por aqui?”. Esse respondeu: “O partido e o soviet estão completamente organizados na cidade para resistir. Nós já cavamos as trincheiras, os operários estão com uma grande disposição de luta. Só há um problema: nós não temos munição”. Então, o comissário responde: “Certo. Este não é um problema tão grande, porque lá no palácio dos soviets nós

temos munição, nós temos um milhão de balas... faça o seguinte: eu vou te escrever uma ordem e você vai rápido lá para a sede do soviet de Petrogrado e pede a munição”. O Comissário, para redigir a ordem, pergunta: “alguém tem uma caneta e papel?”. Apenas o bolchevique que viera com eles de jeep tinha papel e caneta. Então ele escreve a ordem, o cara vai e busca as balas e eles conseguem resistir à ofensiva de Kerenski.

Por que estou falando isso? Estou falando isso porque a classe operária, quando ela se organiza, ela consegue fazer maravilhas. A revolução precisa da classe operária. O partido precisa ter a classe operária em seu interior, e ela é quem vai iniciar e terminar esse processo, porque quando a classe operária começa ela não quer parar. Essa é uma das grandes questões da revolução permanente. E aqui eu faria um destaque para as mulheres operárias, porque as mulheres operárias quando rompem com tudo o que têm de romper, quando começam, não estão de brincadeira. Temos de ter isso no interior do partido, classe operária, mulheres operárias. É preciso que o partido expresse em sua composição e em sua direção a classe operária, porque é a classe operária que vai fazer a revolução. É essa classe que depois vai tomar o poder e vai organizar o poder.



Agora, aí temos um problema, que tem a ver com o segundo ponto, que é o problema da relação com a teoria. Em outra passagem do livro de John Reed ele conta que quando o partido toma o poder, os estratos médios de Petrogrado, os trabalhadores do Estado, os funcionários públicos, todos entram em greve. Todos! Então Trotski, designado como comissário do povo para Relações Exteriores, entra no Ministério dos Assuntos Exteriores e não tem ninguém. Uma das bandeiras do partido bolchevique era trazer a público todos os documentos secretos assinados durante a guerra. Então ele chega ao ministério, e o homem que cuidava dos documentos dos assuntos diplomáticos, os documentos secretos, havia sumido com os documentos, roubado todos. E ele é obrigado a dizer para as massas: “nós não vamos publicar agora porque os documentos sumiram”.

Em outro episódio, os operários tomam o controle da central telefônica, um dos lugares mais estratégicos de Petrogrado. Todas as funcionárias da central estavam em greve, exceto uma, que começa a ensinar para cada

operário, barbudão, com roupa de soldado e um fuzil, como eles poderiam operar os telefones da central. Com esse exemplo, quero mostrar uma coisa: a burguesia conseguiu, ao longo do tempo, expropriar a classe operária do saber. Ela conseguiu. Ela expropriou. Cada vez que nós conseguimos nos aproximar do conhecimento, a burguesia dá uma pancada na gente e, às vezes, nós temos de voltar e começar tudo de novo. A classe operária tem a capacidade de, muitas vezes, entender o processo produtivo. E no seu conjunto, ela entende e coloca para funcionar.

O problema de nossa relação com a teoria e o conhecimento não é um problema só de agora. Ele não é um problema só para organizarmos nossa tática, olhar para as correntes sindicais, fazer uma melhor caracterização das forças políticas para a tomada do poder. Ele vai ser um problema fundamental depois que tomarmos o poder. Porque aí é que nós vamos ver todos os técnicos que hoje estão a serviço da burguesia fugirem do país. Nós vamos ver todo o conhecimento que foi expropriado da classe operária ao longo do tempo sumir de repente. E aí nós vamos ter de lidar com essa situação.

Lenin dizia que um dos principais problemas que enfrentou o partido bolchevique depois da revolução era que a classe ope-



rária era inculta. Não porque a classe operária não tem capacidade de aprender as coisas, mas é porque o seu conhecimento foi apropriado. E se o partido, a direção do partido, da Internacional e os quadros do partido não entendem que é fundamental aprofundarmos nossa relação com a teoria, fundamental para que a gente organize a tomada do poder hoje, mas também porque estamos nos propondo a dirigir a sociedade; se a gente não entender isso, nós estamos destruídos. Se a gente não entende o papel do internacionalismo, por exemplo, que não entrou como tema neste seminário, nós estamos perdidos. Como será possível fazermos, por exemplo, uma discussão com a classe operária brasileira como os bolcheviques tiveram de fazer com a classe operária russa? De que, se fosse necessário, os operários russos teriam de se sacrificar para que a revolução triunfasse na Alemanha. Se não incorporarmos em nossas atividades cotidianas a questão do internacionalismo a cada momento, vamos ter de pagar um preço muito alto futuramente.

ANA LUISA MARTINS

Queria abordar um tema discutido no nosso grupo sobre o regime do partido. Foi impossível, ao ler todos os textos, não parar para pensar no seguinte: o que explica as unanimidades dos nossos últimos três congressos? Fiquei pensando sobre isso quase toda a leitura. No Congresso de 2005, houve uma grande unidade em torno da bolchevização¹⁰⁶, que tinha, naquele momento, o eixo da discussão no problema dos organismos e da disciplina. No Congresso de 2008, outra grande unidade no partido em torno da proletarização¹⁰⁷. E, no Congresso de 2011, separando a luta política e teórica que aconteceu no ponto de mulheres, outra grande unidade política sobre o tema “atuar como um partido político revolucionário”¹⁰⁸.

106 Em 2005, o congresso do PSTU votou uma série de resoluções que buscavam resgatar os mecanismos de funcionamento orgânico e disciplinado da organização, processo que ficou conhecido como “bolchevização” do partido. (Nota da edição brasileira)

107 Em 2008, o congresso do PSTU votou medidas de aproximação da classe operária industrial, processo que ficou conhecido como “proletarização” do partido. (Nota da edição brasileira)

108 Em 2011, o congresso do PSTU definiu como sua principal tarefa a superação do economicismo em sua atuação cotidiana, de forma que a organização passasse a atuar realmente como um partido político. (Nota da edição brasileira)



Não acho que não exista luta política e teórica em nossa organização. Mas a questão que levanto é por que fazemos tão pouca luta política e teórica. A realidade não foi desafiadora nestes últimos dez anos, período destes últimos três congressos? Bem, foram os anos da Frente Popular dirigindo o país...

Nós não cometemos erros políticos e de várias outras ordens, ao longo desse período, no terreno da análise, da caracterização e da política? Cometemos muitos erros políticos ao longo desse período. Então, o que explica tão pouca luta política e teórica? O que respiram os organismos do partido? O que respiram os organismos de direção do partido? A começar pelo núcleo central de direção do partido. É a vida da classe? Porque, em minha opinião, é do que tratam todos os textos sobre o partido bolchevique.

Tivemos ontem polêmicas sobre as fases de construção do partido. Mas acho que tivemos acordo que, nesse momento, vivemos a fase de construir fortes partidos, de construir um programa para a revolução em todos os partidos da Internacional, de fazer agitação e propaganda sobre o conjunto da

classe, de preparar um programa que dê resposta global ao problema da classe, de toda a classe.

Na escola de quadros sobre concepção de partido, discutimos muito que o programa do comunismo é um programa para toda a sociedade. Uma coisa é o que partido vai organizar nas suas determinadas fases de construção, nas diferentes conjunturas políticas, condições objetivas existentes, escolher onde vai organizar, onde vai concentrar seus quadros etc. Outra coisa é que o partido precisa ter um programa para o conjunto da classe, para a sociedade, adequado a cada país, a cada partido quando muda a situação. E essa não é a natureza da preocupação cotidiana dos organismos do partido. Não me refiro aos organismos intermediários, regionais, mas me refiro aos organismos de direção do partido, da direção central do partido. Não discutimos essencialmente a vida classe. Esse não é centro da nossa preocupação. Nessa mesma escola [concepção de partido], tem um texto (não está aí na seleção) do Moreno que diz “nós não somos um partido que está em todas as lutas, mas nós somos um partido que tenta ter um programa para todas elas, que tenta ter um programa que atinja e abarque toda a vida da classe operária”. Não a vida fracionada da classe operária, da fábrica, dentro da estrutu-



ra da classe, mas a vida completa da fábrica, que inclui o tema de opressões, por exemplo.

Voltando. Nossos organismos não servem para isso, eles não têm essa preocupação, eles não respondem a isso. Penso que esse não é um tema menor, pois estamos, por aproximação (congressos de 2005, 2008, 2011), tentando identificar o cerne da questão, dos nossos problemas estruturais, onde está o cerne da questão, o que nos afasta de ser um partido bolchevique. Qual é o centro? Não acho que encontraremos a resposta num aspecto isolado. Ou temos uma resposta global, ou vamos fracassar.

Penso que isso tem várias expressões. Vou tratar de uma para exemplificar: os profissionais. Reivindico toda a estratégia que está ali contida nos textos dos princípios organizativos. Nossa estratégia é um partido com uma direção profissional, dirigentes operários experimentados na luta de classes e que se profissionalizem. Acho que cada passo, mesmo que ainda estejamos distantes dessa estratégia, deve estar de acordo com ela.

Fazendo um paralelo com o que Trotski dizia sobre os diri-

gentes mais experimentados do partido bolchevique e a nova geração que entra no partido bolchevique: a razão da existência do nosso partido, a responsabilidade dessa trajetória até aqui, é a camada de dirigentes do final da década de 70 e da década de 80, essa geração que se formou e construiu o partido e foi parte da construção de nossa Internacional.

Neste momento, as novas gerações do partido também têm de ser experimentadas, precisamos ser mais parte da classe, precisamos ser mais experimentados na realidade. Isso não é uma polêmica com o número de profissionais. Eu nem sei quantos tem, qual é a proporção, não é uma polêmica com a questão do número. Eu sou a favor que a gente tenha tantos quantos forem necessários. Agora, eu acho que a nova geração do partido precisa experimentar viver junto à classe para poder dirigir a classe. Senão, não vamos dirigir. Eu acho que a gente tem de fazer mais parte do mundo real. Eu reivindico fazer mais parte do mundo real, eu mesma.

LEANDRO SOTO

Primeiro eu vou pedir a vocês um pouco de paciência com a minha intervenção, porque eu vou apresentar aqui algumas opiniões, conclusões confusas, impre-



cisas, pensar um pouco alto com vocês. São ideias que surgiram no próprio debate do grupo. Vocês verão que em vários aspectos a intervenção que farei remete às intervenções que outros companheiros fizeram e com as quais eu tenho bastante acordo.

Eu quero problematizar sobre o debate do regime e da estrutura interna. Para isso, vou tentar desenvolver dois temas. O primeiro se refere ao problema da seleção dos quadros e da construção de uma direção revolucionária. O segundo é o tema da relação entre centralismo democrático, política e divisão de tarefas. Insisto: não são pensamentos acabados, ideias apaixonadas. Vou apresentá-las aqui e, provavelmente, ao final deste plenário, chegue a outras conclusões sobre estes temas.

A seleção dos quadros

Primeiro, sobre o problema do regime. É o tema que alguns companheiros desenvolveram, e eu vou pegar alguns aspectos aqui. Eu queria começar com a citação que alguém mencionou e não pode citar, pois estava sem a apostila. São duas frases de Lenin, em *Que Fazer?*, que têm mui-

ta importância na medida em que Lenin era muito cuidadoso na escolha das palavras. Vejamos o que ele diz: “o único princípio sério em matéria de organização deve ser: segredo rigoroso, escolha rigorosa dos membros, formação de revolucionários profissionais. Reunidas essas qualidades teremos algo mais do que o democratismo, uma confiança plena e fraternal entre os revolucionários”.¹⁰⁹

Eu entendo que, nesse trecho, Lenin reivindica que o único princípio sério em matéria de organização é desenvolver uma relação de confiança plena entre os revolucionários. Até porque, na luta de classes, pode haver momentos em que não vai ser possível qualquer espécie de democracia e, ainda assim, nós vamos ter de confiar muito uns nos outros para seguir construindo o nosso projeto.

Eu digo isso porque, quando a gente entra no tema da confiança, nós estamos entrando no tema do tipo humano e na questão da seleção dos quadros. E o problema do tipo humano, para nós que somos marxistas, não é um problema metafísico, não tem a ver com qualidades inerentes das pessoas, que elas trouxeram do berço, mas tem a ver com a vida que elas vivem, tem a ver com as relações que

109 LENIN, Vladimir, *Que Fazer?*, 1902. (Nota da edição brasileira)



elas estabelecem com a vida, com as relações que elas estabelecem com as diferentes classes, com a moral das diferentes classes em luta.

Vejamos a citação de Trotski sobre a questão da incorporação dos quadros operários na direção¹¹⁰. Ele reivindica essa política não em base a um critério obreirista. Tampouco em base a um critério de refletir mais a consciência da classe na hora de elaborar a política. Mas sim, no critério do tipo humano que é o quadro operário quando ele fala das relações que estabelece, da experiência de vida que tem, da relação que tem com a classe operária. Estou dizendo isto para discutir a questão do prestígio, do problema da ambição e as contradições entre ambição e prestígio.

Nesse marco, eu penso que esse alerta de Trotski deve pesar na hora de definirmos os profissionais do partido, a direção do partido e, também, para definirmos a relação da coluna dirigente com a classe e quais devem ser suas tarefas prioritárias.

110 LEON, Trotski, "Observações adicionais sobre o regime partidário", in: *Carta a James P. Cannon*. (Nota da edição brasileira)

Eu vejo um problema em nossa organização que é a superestruturalização dos profissionais e da direção. Vejo que muitos quadros vivem a vida do aparato do partido, estão distantes da classe. Essa distância gera uma série de desvios e nos torna mais suscetíveis às pressões das outras classes, mais suscetíveis ao prestígio e até gera um certo grau de burocratização. Leva-nos a pensar as nossas atividades em base a critérios equivocados, em como nós vamos nos manter nas tarefas em que estamos, em como vamos nos manter como profissionais ou como vamos ter tarefas mais importantes, colocando essa ambição acima do desenvolvimento da própria organização.

Então, nos tornamos defensivos, pouco abertos a críticas, tentando sempre demonstrar que nós somos, às vezes, mais capazes do que realmente somos. Nós perdemos os mecanismos de verificar os nossos próprios erros, de nos questionar. Isso tudo está relacionado ao ambiente que se descreveu aqui, quer dizer, quando há um ambiente pequeno-burguês em que se valoriza o prestígio, fica difícil você dizer: "olha, eu tenho todos os defeitos e, embora eu queira ser melhor, eu não consigo".

Eu acho que o distanciamento da classe é importante, é o decisivo em matéria de seleção dos



quadros, dos profissionais, escolha dos dirigentes. Estou dizendo isso por quê? Para mim, não interessa muito o debate se temos muitos ou poucos profissionais, que apareceu aqui, mas eu acho que estamos no momento de debatermos *quais* e *como* os profissionais vão se relacionar com a classe e como a militância do partido vai controlar os profissionais, a direção e sua atividade. Este talvez seja um debate que deva ter mais hierarquia em nossas discussões.

A minha experiência é muito ruim neste sentido. Quanto menos tarefas eu tive no partido, quanto menos hierarquia, quando estive na base do partido, foi quando eu estive mais próximo da classe operária, tinha mais tempo para estudar o marxismo, mais tempo para elaborar política. Quanto mais eu recebo tarefas de direção no partido, mais difícil se torna para mim me conectar com a classe, mais eu vivo para dentro do partido, menos eu elaboro e menos tempo tenho para estudar.

Então, como impedir que a necessidade de uma superestrutura partidária, de um aparato, de profissionais, gere um afasta-

mento da direção do partido da classe operária? Essa é uma primeira preocupação, que está relacionada à seleção e ao controle dos quadros dirigentes pela base operária do partido.

Centralismo democrático e política revolucionária

A segunda questão tem a ver com o tema que o Henrique tocava no informe, o problema da flexibilidade da estrutura. Parece-me que tanto Lenin, em “Carta a um Camarada”, quanto Moreno, em *Problemas de Organização*, localizam que a flexibilidade organizativa está relacionada à situação da luta de classes e ao tamanho do partido. Mas também me deu a impressão de que há alguns elementos permanentes para além do centralismo democrático, da *forma* centralismo democrático, porque o centralismo democrático é uma forma que está subordinada a um conteúdo determinado. Qual conteúdo? A elaboração da política revolucionária.

Portanto, se o conteúdo não é a elaboração da política revolucionária a partir da teoria marxista e da intervenção sobre a classe operária, a forma centralismo democrático se deforma, perde o seu sentido. O centralismo democrático só pode se realizar se a política está no centro da atividade do partido. Inde-



pendentemente da estrutura que o partido tenha, é preciso que a política esteja no centro da atividade do partido. Isso tem a ver com a razão de ser do partido, que é a disputa pela consciência da classe operária.

O partido existe porque a luta da classe operária não produziu o marxismo como teoria, não produziu a política marxista. Essa teoria tem outra origem, não é um produto objetivo da luta da classe operária. Portanto, o partido desenvolve um programa a partir dessa teoria, e a partir desse programa elabora coletivamente, em base ao centralismo democrático, uma política revolucionária e a leva para a classe operária. Esse exercício deve ser o centro da atividade do partido, e qualquer estrutura tem de estar hierarquizada por isso. A estrutura interna deve estar hierarquizada pelo desafio que é disputar a consciência da classe operária para a política revolucionária a partir de um programa marxista.

Mas há outro elemento que está nos textos e que o Henrique também desenvolveu no informe dele, que é o problema da especialização e da divisão e descen-

tralização das tarefas. E tanto Lenin quanto Moreno dão muito peso a isso. Lenin, em “Carta a um Camarada”, diz: “saber utilizar tudo e todos, a mais completa divisão do trabalho possível”. Depois ele sintetiza e combina esse tema com o problema da centralização política. No mesmo texto, ele coloca como condição para a centralização política a descentralização de tarefas, a descentralização das atividades:

[...] descentralizar o quanto possível a responsabilidade diante do partido, de cada um de seus membros individualmente, de cada participante do trabalho, de cada um dos círculos do partido ou próximo dele. Esta descentralização é a condição indispensável para a centralização revolucionária e a seu necessário corretivo.

No final, ele fala sobre algo que todos nós nos identificamos muito: as “intermináveis reuniões a propósito de tudo”. Porque a gente não divide tarefas. Todo mundo quer opinar sobre tudo, e fazemos reuniões e mais reuniões, vivendo cada vez mais para dentro do partido. Não é por acaso que a política não está no centro da vida do partido. É porque o centro da vida do partido são as atividades, a garantia das tarefas. Se não há divisão de tarefas não pode haver centralização política. O partido debate exaus-



tivamente como garantir as atividades, mas não debate a política.

Surge então a questão das circulares e do jornal. O Henrique disse uma vez: “o executivo se reúne e produz uma circular, que é uma orientação de atividades e não produz um jornal que é uma orientação política”. Isso remete à metáfora muito utilizada de que nós dirigimos o partido com as mãos e não com a boca, ou seja, não com as ideias. Isso se reflete na forma como nós tratamos o jornal.

Aqui se falou da importância do jornal no partido bolchevique. E, me corrijam se estiver errado, a verdadeira razão que levou à divisão do partido no congresso de 1903 foi a definição dos membros da redação. Houve ruptura dos economicistas, depois polêmica sobre o estatuto. Mas a divisão entre bolcheviques e mencheviques se concretizou no momento de definir a composição da redação do jornal. Isso demonstra a importância que Lenin dava ao jornal como parte fundamental da aplicação do centralismo democrático.

Então, para sintetizar, eu nos vejo muito distantes do modelo do partido bolchevique. Não há

uma divisão de tarefas, não há uma descentralização das tarefas e das atividades. E na medida em que não há mais autonomia para as iniciativas, não há uma maior centralização política, um maior debate político nos organismos. Os organismos discutem tarefas que foram orientadas pela direção. Não debate a política para, a partir daí, eles mesmos terem iniciativas e se proporem a cumprir tarefas. Temos uma centralização de atividades e uma descentralização política ou um desarme político.

Eu acho que este critério do centro da vida do partido ser, me permitam um exagero, a execução de ordens e saber conduzir os outros para executar ordens é o principal problema. Eu posso estar exagerando, os demais camaradas poderão corrigir meus exageros. Mas me parece ser uma deformação, pois, em nosso partido, o centralismo democrático não está a serviço da elaboração política, e sim a serviço da garantia das atividades.

Eu dizia no grupo sobre o que os camaradas das outras seções iriam pensar do partido brasileiro depois deste seminário, porque a gente “carrega as tintas” nos problemas. Quando estamos discutindo entre nós, nós exageramos um pouco os problemas. Não poderia ser diferente, é parte da nossa tradição. Então, insisto que os demais camaradas



corrijam os possíveis exageros da minha intervenção.

Mas, por fim, eu penso que esses problemas estão entrelaçados. A questão da seleção dos quadros, da definição e controle dos dirigentes, do distanciamento da classe, da vida para dentro está relacionada à falta de hierarquia da elaboração política e da disputa da consciência política da classe. São essas ideias que queria apresentar.

GENILDA SOUZA

O papel da teoria e das experiências é conseguir traduzir, na nossa intervenção, na nossa vida cotidiana, aquilo que apreendemos dos conceitos. A discussão central no grupo foi o tema da estrutura e do regime do partido, do centralismo democrático. Começamos a discussão com uma pergunta: afinal de contas, o que o partido deve centralizar? E assim se abriu a discussão no grupo. Aquilo que o partido deve centralizar é a sua política, sua ação política na luta de classes, e essa ação política como a tradução de um programa, de uma estratégia. Mas, afinal, o que um dirigente do partido centraliza no dia a dia? Na verdade, esse é

o problema central que enfrentamos. Toda a nossa preocupação é centralizar, exclusivamente, as atividades de cada militante, e não a sua atuação política. Em nossa atuação como dirigentes, queremos saber se os militantes cumpriram as metas, sejam elas quais forem. Se o militante estava no lugar votado, a cada semana, nas inúmeras atividades que vão se sucedendo, não nos interessa como. No entanto, não queremos saber quais são as reflexões que o militante faz sobre as atividades que exerce, porque não fazemos balanço. Não nos permitimos refletir sobre cada atuação na luta de classes, nem permitimos que os militantes o façam. E vamos à outra atividade!

Um partido que se hierarquiza pela centralização das atividades deforma o regime do centralismo democrático. Por quê? Porque se a hierarquia é a centralização das atividades, o que prima no regime centralista democrático é o centralismo, a disciplina para cumprir e alcançar os resultados em cada uma das intervenções do partido na luta de classes, sem a devida, cuidadosa e, muitas vezes, lenta discussão nos organismos e, principalmente, sem o balanço daquilo que foi feito. Isso acaba criando uma deformação na concepção do regime do partido. É por isso que há tanto mal estar quando aparecem diferenças ou dúvidas



entre os militantes. Parar para discutir, elaborar, pensar. Isso “atrapalha as atividades”, quebra o ritmo de “ordem unida”, com o qual atuamos.

O texto “Carta a um Camarada”, de Lenin, deveria se chamar “Carta a um Camarada do nosso partido”. Esse texto foi escrito em 1902, mas é uma descrição muito clara e concreta do que são os nossos problemas e da forma como nós agimos. O trecho a seguir exemplifica bem isso:

[...] comitês formados, de um lado, por um punhado de pessoas, cada uma das quais dirigindo todos e cada um dos assuntos, sem designar-se funções específicas no trabalho revolucionário, sem responsabilizar-se por atividades especiais, sem se preocupar em estudar cuidadosamente, sem preparar minuciosamente e levar a cabo as tarefas já iniciadas, perdendo uma quantidade enorme de tempo e forças de agitação aparentemente importantes.

Se o dirigente não sabe de tudo e não controla a tudo e a todos, não é um bom dirigente. Se ele não está presente em cada atividade do partido, o balanço é negativo, e a culpa que ele sente é enorme. A base tem a mes-

ma concepção, porque assim foi educada. Na medida em que temos de saber de tudo e estar em todos os lugares, não há espaço para estudar e refletir, porque essas coisas são consideradas perda de tempo, isto é, um tempo roubado das atividades. Isso é uma deformação grave no nosso regime.

Moreno, em 1984, escreveu um texto em que arrisca uma fórmula ou uma política sobre o que é a tarefa de um dirigente do partido: “a preocupação do dirigente tem de ser dar iniciativa, localizar o militante, motivá-lo”. No texto, ele explica o que é cada uma dessas coisas. Não fazemos isso, camaradas! O dirigente do partido, com raríssimas exceções, é um tocador de boiada. Não temos como preocupação central localizar cada militante, detectando seus pontos fortes e fracos. Não deixamos que o camarada tenha iniciativas, não sabemos para que o companheiro serve, como ele ou ela quer fazer as coisas, como imagina que tem de ser feito e, muito menos, motivamos alguém. Estamos mais para o que Moreno chama de “os especialistas em insensibilidade”.

Esses são grandes problemas que temos e, ao resolvê-los, podemos dar passos importantes na construção de um regime partidário saudável, com centralismo e democracia dentro de cada uma das nossas organizações.



CILENE GADELHA

Vou apresentar algumas opiniões bastante iniciais, fruto de um estudo também muito inicial. Queria focar no tema da estrutura do partido. Acho que se encaixa no partido brasileiro a afirmação de Moreno de que o trotskismo foi vítima do fetiche da organização socialista, fruto do fenômeno do stalinismo. Pois é fato que, há muito tempo, temos uma fórmula rígida de organização. Mas a pergunta que deve ser feita é: por que isso se deu? É só porque existe um fetiche de que não se deve mudar fórmulas organizativas? Eu arrisco dizer que esse fato guarda uma relação, na prática, com uma concepção errada de como se exerce o centralismo democrático. Em segundo lugar, também guarda relação com uma visão errada de qual é a natureza de nosso partido, de qual é a essência do papel do nosso partido. Essas duas visões equivocadas é que terminam por engessar a nossa forma de organização. Eu vou arriscar desenvolver um pouco este raciocínio.

O regime

Sobre o centralismo democrático, essência do nosso regime: na

prática, nós aplicamos uma compreensão de que o que garante o centralismo democrático é a forma organizativa. É a relação entre os organismos. É a presença de quadros ou não em vários organismos, inclusive se repetindo muitas vezes em vários organismos. É a centralização das tarefas. É a necessidade de estar em todos os ambientes da atividade partidária. Esta relação célula de base – comitê zonal – comitê regional etc. Construimos uma compreensão de que esta estrutura piramidal e a presença dos dirigentes em todas elas é o que garante o centralismo democrático. Ou seja, os organismos em si são o que garante o centralismo democrático. Essa é uma visão empírica e formal do que é o centralismo democrático. Na verdade, os organismos são apenas um instrumento para que se exerça o centralismo democrático. Na verdade, a essência do nosso regime é a centralização política através do debate democrático e através do debate político. A existência em si dos organismos ou da quantidade de organismos ou da presença dos quadros no organismo não é a garantia em si da centralização e da democracia. Eu acho que construimos uma falsa ideia de que a garantia do centralismo democrático se dá pelos organismos e não pela política.



Como funcionamos

O segundo tema tem a ver com a natureza do partido. Na prática, nós não levamos a fundo o fato de que somos um partido que quer dirigir uma revolução. Isso se perde no cotidiano partidário, pois o que a gente exerce no dia a dia, como essência, é que nós somos o partido das lutas, o partido da intervenção. É isso que explica que o posto de mando dos organismos e da direção é a atividade e não a política. Muitas vezes, uma atividade política alienada. Quem de nós não organizou uma panfletagem em que a militância sequer sabia o que estava escrito no panfleto? Ou seja, nossa essência não é preparar os eixos da agitação política, é a entrega em si do panfleto, do papel e não a agitação política, quando o papel é o instrumento da agitação política, das ideias. A nossa preocupação central não é com quais são os eixos de propaganda, quais são os principais temas para disputar a consciência da vanguarda, mas com quantos jornais cada um vendeu. Quando a gente vai preparar a ação do partido de agitação e propaganda, é uma preparação despolitizada, de resultados.

Eu estava lendo um texto que é uma transcrição de uma fala do Moreno que, na verdade, é uma polêmica dele com a circular interna, aquela conhecida como “antiperfil”, com a direção argentina, em que ele faz exatamente esta discussão. No documento, a direção argentina escreve, na época da ditadura: “somos o partido que participa de todas as lutas, que procura conduzir todos os enfrentamentos com a ditadura”. E o documento orienta que o partido tem de estar em todos os processos de resistência e que o que vai garantir o crescimento da organização é a intervenção do partido nas lutas. Moreno polemiza com essa circular dizendo que não somos o partido da intervenção em todas as lutas. Primeiro porque seria arrogante dizer isso, porque não é verdade, não é possível dar essa tarefa para o partido. Segundo, porque o mais importante não é intervir nas lutas, mas para que e de que forma nós intervimos nelas. Moreno, criticando a circular interna, diz que não há uma preocupação em estudar a caracterização daquele processo, o que pensavam as correntes, qual a política das correntes, quais as consignas mais acertadas. Ou seja, a preocupação essencial é organizar a intervenção e não acertar, caracterizar cientificamente e tirar a política. Moreno fala que “isso leva ao economi-



cismo, a um reformismo, a uma perda de nossa estratégia na prática”. E os nossos organismos funcionam muitas vezes assim.

Por fim, esses dois processos levam a outro problema que Moreno discute em outro documento que é saturação dos quadros. Essa saturação tem, na raiz, essas concepções erradas que levam a uma despolitização geral do partido e que levam a uma trava para o crescimento do partido. Moreno vai fazer um balanço de um documento que ele havia feito num momento anterior, em 1986, do porquê tinha dado errado o projeto de construção. E ele diz: “porque a gente não identificou um problema que era o problema da despolitização dos quadros, da necessidade de formação e de colocar a política no centro da atividade do partido”. Eu penso um pouco que é por aí o caminho. Se ficarmos pensando só nas formas organizativas, eu acho que a gente não vai conseguir achar o fio da meada dos problemas centrais da nossa organização.

JOSÉ DIAS DE FREITAS

Eu estava um tanto inseguro para falar. Então eu vou tentar

reproduzir o que eu coloquei no grupo.

Sempre que eu falo, acabo colocando um exemplo pessoal da minha relação com o partido. No último congresso do partido, quando eu fui como delegado, eu me lembro que estava inseguro, não queria falar, e aí alguns companheiros vieram me incentivar. Mesmo assim eu não falei. Aí eu vi o Zé Maria falar, e ele falou o que eu ia falar e que não falei. Eu não falei porque achei que eu ia falar bobagens, achei que não tinha importância.

Depois eu chamei o Zé Maria e falei: “pô, Zé Maria, eu achei que eu ia falar bobagem e você foi lá e falou as bobagens que ia falar”. Enfim, eu estou falando isso porque tem uma coisa que eu acho que é muito importante, que atenta contra o regime do partido, uma coisa que, em minha opinião, existe.

Não é fácil criticar a direção

É muito difícil a gente fazer uma crítica à direção do partido. Não é fácil. Um dos motivos que, em minha opinião, leva a isso é a baixa formação política da base. A gente está sempre na insegurança de que um quadro da direção é mais formado do que a gente. Isso cria certa intimidação. Por exemplo, na apostila, naquele relato de Stalin sobre como ele via Lenin, eu não acho



que é assim que a gente vê todos os quadros do partido, mas é um pouco assim, porque a gente confia na nossa direção. Tem esta parte da apostila, na página 37, num dos últimos parágrafos, que ele fala assim: “quanto maiores forem os acertos políticos da direção, maior será a confiança da base nessa direção”.

Isso é bem verdade, mas eu acho que a gente tem de tomar um pouco de cuidado com isso, porque isso vai fazendo uma sombra, e a gente pega toda a discussão de que nós precisamos formar quadros, quadros críticos que vão criticar e vão polemizar. E aí, a autoridade que a direção tem pode atrapalhar. E um quadro que está na direção tem muita autoridade sobre a base. Eu achava que não, mas na regional Campinas, eu sinto um pouco isso com relação a mim, que sou parte da direção da regional. O que dirá da direção [nacional]! Eu estou dizendo isso porque alguém falou aqui, e isso foi notado por muitos companheiros e companheiras que nenhuma companheira tinha falado ontem e, com certeza, isso acontece com as militantes mulheres e com os militantes com

menos formação, com os operários mais ainda.

A gente, para poder ter coragem para enfrentar a direção – porque uma coisa é você falar, outra coisa é você enfrentar politicamente –, eu acho que a gente tem de passar por um processo de fortalecimento psicológico para ver que o cara que está do lado de lá sangra também, que vai doer nele, que ele vai para casa chateado, mordido.

O Congresso de 2011 aprovou e manteve a política de proletarização e colocou lá nas resoluções a promoção de quadros mulheres, operários e jovens. Só que, se a gente não pavimentar para que os operários avancem, os operários vão ter de disputar, vão ter de falar “eu estou aqui, eu quero falar, eu quero elaborar, eu quero dirigir e tudo o mais”.

A importância da disciplina partidária

Eu queria falar sobre o centralismo democrático. Reivindico o centralismo, e é uma coisa que me faz acreditar muito neste partido. Quando eu entrei, achava que iria pegar um fuzil e sair dando tiros na burguesia. Pensava que era isso que era para fazer. Aí eu vi que não era assim a coisa, e o que me deixou muito confiante, logo no começo da minha militância no partido, foi perceber que é um partido sé-



rio, que tem disciplina. Eu vim da classe trabalhadora, onde via que as greves sem disciplina não funcionam, e uma organização sem disciplina não vai tomar o poder. A disciplina é uma coisa que eu reivindico muito.

Porém, muitas vezes, a autoridade da direção cria uma confusão sobre até que ponto o centralismo democrático vai permitir que o quadro fale, qual é o grau de desacordo político que ele pode manifestar. A base do partido é centralizada. A gente vê isso. Eu acho que a formação é fundamental para resolver isso!

Os operários na direção

Aí eu vou entrar nas citações de Lenin sobre a formação de quadros operários como parte da direção do partido. Eu sou meio confuso sobre o que ele quer dizer com isso. Porque, se você por oito operários e um intelectual, eles vão ficar calados ou eles vão falar as experiências das vidas deles. Enfim, vai levar muito tempo para ele se formar no nível de elaborar.

Eu fico na dúvida sobre o seguinte: o que Lenin está querendo dizer, qual o aporte dos quadros operários na direção? Por

que se for só formação teórica, deixa os intelectuais lá.

Estou falando isto porque, realmente, eu não consigo compreender e acho que isso é muito importante. A gente discutiu que estamos com a política de proletarização, que estamos com a política de formação de quadros operários, que tem poucos quadros operários no partido. Eu acho que, muitas vezes, muitos quadros operários não ficam no partido por conta disto, por não se sentirem motivados, não se sentirem disputados, não se sentirem promovidos. Eu acho que se a gente não conseguir pavimentar, se a gente não construir meios de formar e entender, os quadros operários não vão ter condições de dirigir.

A questão dos balanços

Só mais uma coisa que é sobre balanços. Eu acho que a gente não sabe fazer balanço. Eu acho que gente tem problemas com fazer balanço. E eu acho que a gente não sabe fazer balanço porque a gente, muitas vezes, tem medo do balanço negativo. Porque o balanço negativo vai tirar a gente da tarefa, vai tirar a nossa autoridade, e isso faz com que a gente faça balanços com desvios. Não estou falando que a gente faz por mal, com desonestidade, mas com desvios, com



nossos medos, centreado para não aprofundar o balanço.

Ai é o seguinte: o balanço positivo aparece, está tudo beleza, e nós nunca vamos promover mais ninguém porque estes caras estão acertando sempre. E aí nós vamos ter problemas. Para ir finalizando: eu era novinho de partido e perguntei para alguém: “O que é um quadro? Falaram assim para mim: quadro é aquele que resolve problema” (risos).

Hoje eu acredito que é isso mesmo, quadro resolve problema, mas eu vou falar uma coisa para vocês: quadro no partido é igual peixe! Tira da água para você ver como o bicho fica! Antes de morrer, ele se bate, se bate e machuca a gente. Eu quero dizer o seguinte: a gente, quando tira um quadro operário da fábrica, qualquer quadro de qualquer lugar, ele vai se bater no partido, ele vai querer voltar a um ambiente que é dele. E se o partido não for o ambiente dele, a gente vai sufocar esse quadro.

Eu falei um monte de coisas aqui, e, de repente, vocês vão ter de resolver aí, porque, afinal, quadro resolve problema, certo? (risos).

ANDRÉ FREIRE

Há uma necessidade de recuperar a importância da discussão sobre a teoria de organização e estrutura de um partido revolucionário, coisa que há muito tempo a gente não faz com tanta centralidade. Vocês viram nos primeiros textos que Moreno fala que, em certa medida, a organização é o centro da atividade marxista. Lenin fala que é a qualidade mais profunda e permanente da revolução. É necessário, então, que a gente revise este debate e busque, nesse momento, tentar fixar alguns conceitos fundamentais.

Houve um entendimento bastante equivocado, durante os últimos anos, sobre o debate de organização e estrutura do partido. E ele tem uma importância para o projeto nosso.

Em primeiro lugar, existe ou não um modelo de estrutura partidária, de organização partidária? Existia um modelo leninista de estrutura e organização partidária? Acho que essa é uma primeira reflexão que a gente tinha de fazer, lendo os textos inclusive. Porque são muito diferentes os debates que Lenin faz em *O que fazer?*, quando havia um objetivo evidente, do que ele faz, por exemplo, em 1906, depois da revolução de 1905. São debates distintos de organização partidária, em que ele enfoca temas diferentes.



Por exemplo, em 1903, era a necessidade de fortalecer uma coluna de quadros que garantissem a intervenção do partido e a disputa da consciência a partir de fora. Em 1906, era abrir o partido para que a classe operária, a juventude estudantil e operária entrasse no partido. São critérios de organização diferentes.

Se a gente buscar uma estrutura pura, leninista, nós não vamos conseguir encontrar, em relação à estrutura partidária, porque ela vai mudar. Por exemplo, comparem depois da tomada do poder todos os critérios restritos para a entrada no partido que Lenin defendeu para evitar a descaracterização do partido, com a política que ele tem, em 1906, por exemplo, propondo abrir o partido, polemizando com os *komitetchiks*¹¹¹.

É diferente. E o que significa essa diferença? Porque justamente o modelo de partido bolchevique não se concentra no tema da estrutura. Concentra-se

111 Em tradução livre, “homens do comitê”. Designa os dirigentes internos do partido bolchevique, os organizadores clandestinos da fase pré-revolucionária, em oposição aos militantes que exerciam um trabalho revolucionário diretamente sobre as massas. (Nota da edição brasileira)

em outros temas. Inflexibilidade nos princípios e flexibilidade nas táticas.

Em relação ao partido, o inflexível é o regime centralista democrático, mas não a estrutura. Não há um modelo. Mas então quais são os critérios? Quais são os critérios fundamentais que estão discutidos nos textos e que eu acho que a gente tem de recuperar?

Primeiro, a situação da luta de classes. Por isso, este debate se coloca com muita força agora, com a mudança que houve da situação política. Mas poderia ter se colocado antes também. Mas se colocou agora porque há uma alteração na luta de classes. E talvez seja isso o que fez com que Moreno tenha escrito *Problemas de organização* naquele momento e, também, a batalha que Lenin travou contra os *komitetchiks*, porque havia uma alteração na luta de classes. Então o critério é: qual é a situação na luta de classes para você organizar o seu partido para responder a ela?

E o segundo critério é o desenvolvimento do próprio partido. Vocês perceberam que no texto, quando se fala do partido bolchevique, quando se fala da organização bolchevique em Odessa e Moscou, se demonstra que o partido tem estruturas partidárias diferentes num mesmo momento? Por quê? Porque estava respondendo a diferentes



tipos de partidos do ponto de vista do seu tamanho, do número de militantes, de seu estágio de construção, da relação com a classe em diferentes locais. Por exemplo, se a gente quisesse trazer para nossa realidade, existem regionais que têm um tipo de desenvolvimento, e outras que têm outro tipo.

Outra coisa fundamental é o que Henrique falou no início. A estrutura tem de permitir aproveitarmos o que tem de melhor de todos os camaradas. Não pode ser que um partido revolucionário que quer dirigir o Estado operário, destruir o Estado burguês e construir outro Estado que aproveite só uma parte das características que os trabalhadores que entram no partido tem. Nós temos de ter a capacidade de organização, de aproveitar as melhores características de todos os camaradas. Características que são diferentes. Uns servem para serem agitadores, outros propagandistas, como traduzido no texto.

E, por fim, um critério importante é que a estrutura partidária deve estar absolutamente subordinada aos objetivos políticos do partido. Não há uma

estrutura partidária em si. Ela é subordinada. Por exemplo, os companheiros, corretamente, especialmente os operários que intervieram aqui, falaram que a atual estrutura não serve para a nossa proletarianização. Isso é muito importante.

Nós não fizemos uma discussão em nível de estrutura partidária, por exemplo, que sirva para organizar mais operários. Porque essa era a consequência prática. Que estrutura partidária serve para organizar mais operários? Por exemplo, em *Problemas de Organização*, há temas em relação a isso. Reuniões mais próximas das fábricas, reuniões menores em torno do jornal, inclusive na hora do almoço, dividida em vários dias. Podem estar certo ou errado o objetivo e o plano, mas qual era a obsessão? Que a estrutura servisse para reunir mais operários. Então, valia uma reunião de quatro dias, dividida cada dia uma hora no almoço para reunir mais operários. É o que está escrito em *Problemas de Organização*.

Portanto, se o objetivo do partido é proletarianizar, há de se ter uma discussão sobre a organização do partido para atender a esse objetivo. Não pode ser que meu objetivo seja aproveitar um ascenso da juventude ou então proletarianizar o partido, e a estrutura organizativa permaneça idêntica, a mesma.



Não pode ser. Tem alguma coisa equivocada nisso.

Outra questão que já foi falada aqui: a estrutura do partido se relaciona, sim, com o problema da teoria e com o problema do regime, porque ela se subordina. Nós temos de ter uma estrutura partidária que possibilite concretizar no partido o objetivo que nós estamos discutindo sobre a necessidade de os militantes estudarem e mudarem a sua relação com a teoria marxista. Essa estrutura partidária que nós precisamos ter tem de estar subordinada a esse objetivo também. Senão, se choca. Tem um objetivo, mas a estrutura não permite, não ajuda. Em muitos casos, pode ser até um empecilho para que isso seja executado. Por exemplo, o excesso de reuniões, entre outros elementos.

E, também em relação ao regime, nós precisamos incorporar em nossa concepção de organização e estrutura de partido que o regime do partido é mais firme com os quadros de direção e mais livre com a base. Moreno fala “semianarquia nos núcleos”. Isso significa que nós precisamos dar liberdade de iniciativa, de erro. E nós corrigimos pela linha

política geral do partido. O centralismo se exerce por essa linha geral do partido e não exatamente porque aquele núcleo fez isto, aquela regional fez aquilo. Porque, se o partido depois define, é necessário, fundamentalmente, confiar em nosso programa.

Por último, infelizmente, nós não somos um partido com influência de massas em vias de ganhar a direção da classe operária. Portanto, não determinamos o movimento que as massas vão fazer. Um dia, quem sabe, a gente possa influenciar desta forma. Mas, em relação à estrutura do partido, a situação é diferente. Está em nossas mãos. Nós temos a estrutura do partido que quisermos. Não há um modelo, nós temos de discutir e definir. Eu digo que os conceitos que a gente está discutindo nos textos são muito importantes e que a gente os fixe bem.

Quando a gente for discutir o nosso partido, vai acontecer um forte conservadorismo, pois é natural que qualquer organismo tente se conservar. Nesse momento, esta visão conservadora da estrutura partidária pode ser mortal para nossos objetivos políticos. Nós vamos precisar nos dar o direito de errar aí também. De repente, ter uma estrutura imperfeita que depois nós vamos corrigindo com o tempo. Agora, é necessário incorporar a fundo que esta estrutura nossa está es-



gotada. Nós precisamos mudá-la a partir de critérios que o marxismo revolucionário acumulou e que são eles que nós estamos discutindo nos textos. É hora de fixar isso para que, quando nós formos discutir nosso partido, não dê medo de mudar o núcleo, o comitê zonal, a direção regional etc. Agora não é hora de ter medo de mudar. Agora é hora de encarar a necessidade de uma revolução em nossa estrutura partidária.

MARTÍN HERNÁNDEZ

Fechamento

Depois de minha intervenção de ontem sobre a questão do partido com influência de massas, alguns companheiros comentaram que ela provocou várias discussões. Até aí, está tudo muito bem, porque nossas intervenções não têm como objetivo fechar qualquer discussão e seria bom que surgissem diferenças ou matizes, pois estamos num processo de elaboração. Isso não me preocupa. O que sim me preocupa é que, pelo que me informaram e pelo que vi hoje na plenária, se entendeu o oposto do que eu disse. Então isso é ruim, porque cria confusão. Uma coisa é que

haja discussão, outra é que haja confusão, porque a confusão não ajuda. Por isso, eu queria fazer alguns esclarecimentos sobre o debate de ontem¹¹².

Houve companheiros que interpretaram o seguinte: que eu estava contra que nossos partidos ganhassem influência de massas. Que eu quero um pequeno partido, que o partido da revolução teria de ser um pequeno partido e não um partido com influência de massas.

Não foi isso o que disse e não é isso que eu penso. Por outro lado, um companheiro, numa intervenção hoje, disse que eu teria dito que todos os operários, para fazer uma revolução, teriam de compreender a ideologia dos marxistas e, respondendo a essa ideia, ele disse: “isso é impossível, a revolução não é assim”.

Eu não disse isso e concordo com o companheiro que uma revolução não é assim. Mas não concordo com o que ele disse, que o partido bolchevique ganhou a direção com três consignas. Também não é assim. O partido bolchevique não ganhou ninguém com estas três consignas. As consignas paz, pão e terra eram consignas mínimas. Os operários não seguiram o partido bolchevique e foram com ele até a morte na guerra civil porque concorda-

112 Referente ao primeiro dia do seminário sobre o qual há um dossiê na Revista *Marxismo Vivo* n° 4.



ram com essas três consignas. Essas consignas serviram para ganhar as amplas massas, mas eles ganharam a classe operária com algumas consignas centrais: “Esse não é nosso governo! Esse é o governo dos capitalistas! Os operários tem de governar! Todo poder aos soviets! Não haverá paz, nem terra, nem pão se os soviets não tomarem o poder!” E, dessa forma, concretizavam o programa bolchevique e ganhavam os operários, e esses davam a vida pelo partido.

Eles ganharam a maioria da classe operária e, por isso, fizeram a revolução. Não porque ganharam a classe operária para entender o conjunto das elaborações de Marx. Eles ganhavam operários analfabetos que nunca tinham lido o *Manifesto comunista* nem nada. Mas esses operários eram do partido bolchevique e davam sua vida por ele.

Agora, para ser categórico: por que eu digo que a consigna de nossa corrente “construir um partido com influência de massas”, que todos defendemos, não é útil? Que tipo de consigna é essa? Não é uma consigna para as massas. É uma consigna interna. A consigna “por um partido

com influência de massas” é uma consigna interna, para os militantes, para saber o que queremos construir.

As consignas expressam uma determinada tarefa em duas ou três palavras. Têm de ser precisas, para que todo aquele que, por exemplo, vá a um congresso do partido, possa dizer: “Eu sei o que tenho de fazer. Eu sei qual é a estratégia. E qual é nossa estratégia? Um partido para tomar o poder. Um partido que seja capaz de dirigir a classe trabalhadora para tomar o poder”. E como se concretiza isso? Lenin disse que o partido para tomar o poder tem de dirigir a maioria da classe operária e ter a simpatia, no mínimo, de outros setores populares, camponeses etc. Agora lhes pergunto: Lenin deixa claro, nessa formulação, qual é nossa estratégia? Para mim, sim. Ele disse “Não basta dirigir a classe operária”. Não se enganem. Se não conseguirmos a simpatia de amplos setores populares, podemos tomar o poder, mas não vamos mantê-lo. Mas ele tem uma estratégia que é dirigir a classe operária. Nós, para tentarmos avançar a partir de Lenin, fizemos uma formulação que é a de “partido com influência de massas”. Eu pergunto: essa definição acrescenta alguma coisa à de Lenin? Para mim, não. Ao contrário. É um retrocesso, porque Lenin fala de um partido que dirija a



classe operária, e nós falamos de um partido que influencia as massas sem falar da classe operária. O que é ter influência de massas? Se temos muitos votos, temos influência de massas. Se dirigimos vários sindicatos e várias lutas, podemos ter influência. Porém isso não quer dizer que dirigimos a classe operária. Eu sou a favor de melhorar a formulação de Lenin, mas não acho que “influência de massas” melhore a formulação de Lenin, porque não é uma definição de classe.

Na Rússia, os SRs¹¹³ foram para o campo e se tornaram de massas. Os bolcheviques não foram ao campo. Aprendamos com esta lição histórica. Não foram porque seu objetivo central não era ganhar influência de massas. Queriam dirigir a classe operária e, a partir daí, chegar aos outros setores.

A relação entre os militantes

Agora sobre os temas que foram debatidos hoje. Há uma questão muito importante que

113 Socialistas-revolucionários, também chamados “esseristas”, organização revolucionária camponesa, fundado na Rússia em 1901 e extinto em 1922. (Nota da edição brasileira)

apontou uma companheira quando falava das relações de confiança, dos critérios para eleger os dirigentes. Aparentemente, a intervenção não tem muito a ver com as questões centrais que estamos discutindo aqui. Seria uma coisa paralela. Mas em minha opinião não é assim. Acho que ela aborda um dos problemas centrais que estão em debate. Moreno, por exemplo, dizia que as relações de confiança são mais importantes que o programa, porque sobre o programa pode haver diferenças, debates etc. Porque, nos partidos, não surgem só diferenças táticas. Muitas vezes, surgem diferenças de programa e, se no partido existe um regime sadio, essas diferenças podem ser discutidas, ainda que, às vezes, essas diferenças possam levar a divisões. Mas quando se rompem as relações de confiança, não existem mais possibilidades de militância em comum.

Então, atenção com o que a companheira está dizendo. É a mesma coisa que vêm dizendo as companheiras em relação ao machismo, como isso destrói as relações de confiança. Mas o que quer dizer romper as relações de confiança? É quando um companheiro opina que tudo o que outro companheiro está propondo tem o objetivo de prejudicá-lo, ou prejudicar outro companheiro ou o partido. Ou seja, se dei-



xa de escutar o que está sendo proposto para passar a fazer uma interpretação sobre as intenções ocultas que existem por trás desta proposta. Não quero me alongar sobre este tema, só quero destacá-lo como um tema muito importante porque tem a ver com as relações entre os camaradas. Parece uma coisa secundária, mas não é.

Sobre os organismos

Outro tema que queria abordar é sobre a questão do regime. Se não entendi mal, acho que tenho diferenças com alguns companheiros que colocaram mais ou menos o seguinte: “não é pelos organismos que se concretiza o regime centralista democrático”. Este é um debate muito importante, e eu entendo outra coisa: que é pelos organismos que se concretiza o regime. Ou seja, não há regime bolchevique sem organismos. Não há nenhuma possibilidade de um regime centralista democrático ou regime bolchevique, como o chamamos, se não for por dentro dos organismos. Muitas vezes, encontramos partidos movimentistas que têm um grupo de dirigentes, mas os militantes não estão organiza-

dos em organismos. São meio assembleístas ou têm organismos de base, mas eles não funcionam. E se não funcionam os organismos, não há regime centralista democrático. Todos os militantes, do primeiro ao último, têm de fazer parte de um organismo.

O que estamos discutindo aqui, com este material, é a forma que podem ter os organismos. A forma, não o conteúdo. As formas são flexíveis. Nós, por exemplo, temos a tradição das células pequenas, mas isso pode ser um desvio, porque Moreno dizia o contrário. Nós estamos acostumados a dizer que as células têm de ser pequenas. Moreno dizia que não, que isso era uma herança stalinista!

O organismo tem de ter células pequenas, de quatro ou cinco? Pode ter essa forma, mas também pode ter outra. Depende muito da situação, da luta de classes, de muitas coisas.

Mas qual o perigo nessa discussão? Que podemos chegar a dizer: “adaptemos nossa forma à situação” e, depois, chegemos à conclusão de que os organismos não são necessários, pois eles tornam a ação mais lenta. Seria como o partido de Rosa Luxemburgo, os espartaquistas¹¹⁴

114 Liga Espartaquista ou Liga Spartacus: movimento marxista revolucionário fundado e dirigido por Rosa Luxemburgo e Karl Liebknecht na Alemanha. (Nota da edição brasileira)



que, por exemplo, numa fábrica, tinham centenas de militantes, mas só quatro ou cinco participavam dos organismos. Não é que não tinham organismo. Mas a maioria dos militantes só se reunia, quando eram convocados, em assembleias. E tinham uma capacidade de mobilização extraordinária, porque de uma hora para outra podiam colocar em movimento, através das assembleias, milhares de militantes. Mas esse funcionamento não tem nada a ver com um regime centralista democrático. Era um regime elitista, caudilhista, de uns poucos. No regime centralista democrático, todos, desde o primeiro ao último militante, fazem parte de algum organismo. E há hierarquia entre os organismos.

O que estamos discutindo aqui, eu acho, são as formas que podem adquirir os organismos, dentro do regime de centralismo democrático.

A relação entre centralismo e democracia

Vários companheiros, André entre eles, se referiram à relação entre o centralismo e a democracia. Eu queria voltar a esse tema.

Nos textos que distribuímos, vocês podem ver que Trotski e Moreno têm formulações diferentes. Parece-nos que Moreno tem uma interpretação equivocada sobre esse tema e que, ao contrário, Trotski tem razão. Moreno diz que a relação entre centralismo e democracia está muito ligada ao prestígio da direção. Quando uma direção tem mais prestígio, tem condições de ser mais centralista, e acontece o contrário quando é mais débil.

Se alguém analisa a história, pode ver que foram as direções mais fortes e com mais prestígio as que foram mais democráticas. Os máximos dirigentes da III Internacional, por exemplo, eram Lenin e Trotski e foram, possivelmente, a direção mais prestigiada da história. Tudo indica que a III Internacional tinha um funcionamento muito democrático a tal ponto que realizava um congresso mundial por ano.

Muitas vezes, vemos que as direções mais débeis são bastante burocráticas porque não é fácil ser democrático quando se é mais débil. Uma companheira falava das características que tinham de ter os dirigentes, de escutar, de incorporar as opiniões de outros camaradas, de serem democráticos até o fim. Mas teria de agregar que essa não é uma tarefa fácil. Se fosse muito fácil, todo mundo faria, porque aqui não há burocratas de pro-



fissão. Ninguém defende interesses materiais particulares. No entanto, muitas vezes, temos desvios burocráticos. E a que se deve isso? Somos burocratas? Não! É porque somos débeis como direção. E, ao contrário, quanto mais fortes somos como direção, mais democráticos podemos ser. Isso nos permite ser mais centralistas, porque nosso exército se consolida por estar mais convencido.

Havia um presidente na Argentina, Alfonsín, que depois que caiu a ditadura, ganhou as eleições com um discurso democrático. Ele tinha um slogan ridículo que dizia: “com democracia se come, com democracia se tem saúde, com democracia se tem educação, com democracia se vive”. Nós, com razão, ríamos desse “democrata” que queria convencer os trabalhadores a aceitar a exploração da burguesia com democracia. Mas com esse discurso democrático, mentiroso, ganhou as eleições. Isso era um disparate completo, mas dentro do partido e dentro da classe operária isso não é assim. Aqui eu pegaria as palavras de Alfonsín. Dentro do partido eu digo: democracia até o fim! Com

democracia se consolida os militantes, se capta, se forma os militantes. Com democracia se pode conseguir uma alta centralização do partido. Com democracia se consegue milagres. O problema é que não somos suficientemente fortes, nos falta capacidade para sermos democráticos até o fim. E aí vem o problema que disse uma companheira, que eu considero muito importante, sobre os critérios para promover um camarada. É certo, é assim. Quando vamos promover um quadro, que valor damos ao aspecto democrático? É um quadro que passa por cima de todo mundo ou é o quadro que tem sempre a preocupação de que funcionem os organismos, que escuta os militantes de base, que arma a atividade de forma coletiva? Que peso tem isso hoje? Hoje em dia me parece que isso não tem muito peso no partido.

Por que sou contra o que disse Moreno e a favor do que coloca Trotski? Porque, para mim, a possibilidade de que um partido seja bem centralizado, que é o que se precisa, tem um pré-requisito: ser muito democrático. Ser democrático até o fim.

Claro que há momentos em que a democracia se reduz. Isso é inevitável, mas não está ligado ao prestígio da direção. Não é que uma direção com muito prestígio tem de ser mais centralista e menos democrática. É o inverso.



Quanto mais forte é a direção, é uma coisa que estou pensando nos últimos meses, mais democrática pode ser.

Mas há momentos em que a democracia se reduz muito, e isso não tem a ver com a vida interna do partido. Na Argentina, por exemplo, na época da ditadura genocida, durante três ou quatro anos não se reunia o Comitê Central. Eu estava na Argentina entre 1976 e 1979 e, nesses três anos, nunca fizemos uma reunião do CC. Então, nesses casos, a democracia cai muito. O comitê executivo era de sei ou sete companheiros e não podia ter mais companheiros porque tudo era superclandestino. Às vezes, as células eram de dois ou três companheiros. Havia células que ficavam meses e meses sem receber nenhum tipo de atenção. Então era um funcionamento muito pouco democrático. Mas essa situação excepcional era provocada pela repressão e não por uma orientação nossa. Não era porque tínhamos muito prestígio. E esse funcionamento debilitava o partido, que por si só já estava debilitado pelas prisões e assassinatos.

*Operários se lançam à praça
A luta se espalha, avança e regride
É dada a partida e ao partido se
exige:*

*Moldar-se para luta que passa;
Que a classe o refaça, de forma que
a abrigue
E em busca do livre
À frente com a massa!*

*Unindo combate
Partindo organismo
Inteiro e em parte
Nação do oprimido
Na guerra e na arte
E tomando partido*

*Há um centro inserido
Em luta e partido
Que, à parte,
Faz parte
E dirige envolvido
De um amor que arrebate
E derrote o inimigo*

*Qual mestres, se lançam aos livros
Peões se revelam capazes
Mulheres dirigem organismosBata-
lhas se fazem –
Mil frutos nos trazem
Lavrando o colhido...*

*...São homens que sonham
De amor coletivo
E os postos, se ganham,
Não são do indivíduo
Repartem e o acompanham
Unindo o partido.*

Atnágoras Lopes

Clásicos

Problemas de organização

Nahuel Moreno, 1984

A questão das formas organizativas passa a ser um problema prioritário nestes momentos porque ocorreu uma mudança na situação objetiva. Passamos de uma etapa para outra: da situação de transição que se produziu após o triunfo de Alfonsín¹¹⁵ para uma nova situação revolucionária.

...

A mudança na organização do partido socialista revolucionário

Fez-se um fetichismo, sobretudo por parte do stalinismo, de que a forma socialista revolucionária de organização é uma, fixa e imutável: a organização em pequenas células. Nós, os pobres trotskistas, que sobrevivemos durante décadas isolados, vendo que passavam anos e nossa organização continuava pequena, fomos vítimas desse fetichismo. Ainda não acabamos de romper com ele. Continuamos acreditando que o socialismo revolucionário é uma forma de organização permanente, sempre igual a si mesma.

Na realidade, é o oposto. O partido socialista revolucionário é duro programaticamente e nos

princípios. Porém, para o marxismo, não há nada rígido nem definitivo. Menos ainda pode ser o partido da revolução permanente. Por isso, o partido é sumamente flexível na hora de converter o programa e os princípios em estratégias, táticas, palavras de ordem e políticas concretas para incidir sobre a situação presente da luta de classes. Cada vez que há uma mudança na realidade objetiva, o partido muda suas palavras de ordem, suas políticas, suas táticas e suas estratégias... e também suas formas organizativas. Esta é a verdadeira essência da forma socialista revolucionária de organização: a mudança, a adaptação à realidade da luta de classes e às tarefas e objetivos que o partido dá para si em cada etapa.

115 Raúl Alfonsín, presidente da Argentina entre 1983 e 1989. (Nota da edição brasileira)

Nessa nova situação revolucionária, o partido deve revolucionar sua organização sob as linhas gerais enunciadas por Lenin na Revolução Russa de 1905:

Para a social-democracia, uma época revolucionária é o que é para um exército o tempo de guerra. Devemos ampliar os quadros de nosso exército, tirá-los do regime de paz e colocá-los em pé de guerra, mobilizar os reservistas, chamar de novo às armas os que estejam desfrutando de licença, formar novos corpos auxiliares, unidades e serviços. Não se deve esquecer que na guerra é necessário e inevitável reforçar os contingentes com recrutas pouco instruídos, substituir, em marcha, os oficiais por soldados rasos, acelerar e simplificar a promoção de soldados para oficiais. [...]

Falando sem metáforas: devemos aumentar consideravelmente os efetivos de todas as organizações do partido e de todas as organizações afins a este, para poder marchar, em certa medida, ao ritmo da torrente de energia revolucionária do povo, que centuplicou seu vigor. [...]

Em tempos de guerra, os recrutas devem obter seu adestramento diretamente nas operações militares.

Utilizem, pois, com maior audácia os novos métodos de ensino, camaradas! Formem com maior energia novos grupos de luta, enviemo-los ao combate, recrutem mais operários jovens, ampliem os marcos habituais de todas as organizações do partido, desde os comitês até os grupos de fábrica, uniões sindicais e círculos de estudantes! [...]

Ofereçam maior campo de ação para as diversas atividades dos mais diferentes grupos e círculos e estejam seguros de que, ainda que prescindindo de nossos conselhos e com independência deles, serão encaminhados para o campo apenas pelas exigências inexoráveis da marcha dos acontecimentos revolucionários [...]. Devemos recrutar com maior audácia, rapidez e amplitude de critério os jovens combatentes para todas e cada uma das nossas organizações. Com esse fim, é preciso criar, sem perder um minuto, centenas de novas organizações.¹¹⁶

É muito comum que sejamos unilaterais, formais, esquemáticos, administrativos. Pretendemos que todos os quadros e militantes façam a mesma tarefa e da mesma forma. E, por esse caminho, deixamos que se alheiem ou nada rendam para o partido companheiros que não servem, não sabem ou não se sentem confortáveis fazendo essa tarefa.

Se numa equipe de quadros, por exemplo, encontramos que todos fazem o trabalho sindical, todos vendem a mesma quantidade de periódicos etc., algo anda muito mal. Ou já rejeitamos outros qua-

116 LENIN, Valdimir, “Novas tarefas e novas forças”, 1905.

dros que tinham características diferentes em vez de localizá-los onde rendem; ou estamos forçando todos para que façam o mesmo e a maioria dos companheiros sente-se mal, pressionados, incomodados, e continuam militando apenas por disciplina e moral, muitos deles aproximando-se da crise.

A mesma coisa pode ser transferida para os novos grupos do partido que estamos formando. Se o quadro de base não viu a direção regional organizá-lo com um método correto, transferirá esse mesmo método burocrático ou administrativo para os novos companheiros nos novos grupos. Ali os resultados nefastos aparecerão com maior rapidez ainda, precisamente porque são novos e ainda não chegaram ao grau de disciplina dos quadros. Simplesmente os companheiros pensarão: “Não sirvo para o que o partido me pede” e afastam-se.

A grande tarefa da direção, em qualquer nível partidário, regional ou de grupo é organizar a atividade dos quadros e militantes. Isso significa: localizá-los, dar-lhes iniciativa e motivá-los.

Localizar significa detectar os pontos fortes e fracos de cada companheiro e propor-lhe uma tarefa de acordo com eles. Não exigir de um tímido que faça agitação nas estações de trem. Não exigir de um rasgador, que é um turbilhão desordenado, que faça o mesmo trabalho sistemático do companheiro costurador, que trabalha em profundidade e morde como um bulldog. Não impor ao companheiro que vende 20 jornais no bairro, que é feliz conversando com a dona Maria, a quitandeira, que largue tudo e vá fazer piquete na fábrica, onde não vende nada.

Dar iniciativa significa que, uma vez que saibamos para o que serve um companheiro e conversando com ele, nos colocamos de acordo sobre qual a tarefa que fará, induzimos que ele próprio pense, proponha, faça planos. Queremos que ele mesmo tenha ideias. Seguramente, serão muito melhores que as nossas. E, se não são, que faça a experiência. Temos de tomar cuidado com a peste da regulamentação da atividade dos companheiros, impondo-lhes que façam as coisas que ocorrem a nós e da forma que nos ocorrem.

Motivar tem um duplo sentido. Primeiro, que o companheiro faça a tarefa com gosto, que se sinta feliz, realizado. Que veja que ele mesmo vai avançando na medida em que progride na atividade e que está fazendo para o partido o que ele quer fazer. Segundo, que o companheiro veja que sua atividade é útil para o partido, que suas opiniões são escutadas e úteis para o partido. Somos especialistas na

insensibilidade. Em atirar baldes de água fria sobre companheiros que chegam contentes porque fizeram algo e nós não lhes prestamos a atenção, não ressaltamos a iniciativa do companheiro frente à equipe, não o parabenizamos por essa atividade, não o ajudamos a tirar as conclusões e ver como melhor continuar em frente. Por quê? Porque essa tarefa afastou-se da “sagrada escritura” do momento.

Os quadros ou chefes

O quadro tem necessidades diferentes daquelas do militante de base. O quadro não busca no partido apenas as respostas políticas para a luta de classes. Busca também respostas internas de todo o tipo: linha organizativa, cursos teóricos etc. Se, por exemplo, no processo de saída para fora, ganhamos num bairro um companheiro que vende três a quatro jornais semanais e está disposto a cotizar, ele é um militante de base. Porém, se esse companheiro começa a reunir dois ou três dos leitores do jornal e consegue que todos vendam 15 ou 20 jornais, está se tornando quadro. Imediatamente, virá nos solicitar orientação de todo o tipo: como organizar as reuniões? Que temas discutir? Como preparar um informe internacional,

nacional ou de atividades? Que atividade dar aos companheiros que reúne? O companheiro já começou a *dirigir*.

Destes dois elementos, o grau de dedicação ao partido e as necessidades que ele coloca, surge a hierarquização do partido. Um quadro tem mais hierarquia do que um militante de base. Da mesma maneira, um dirigente regional tem mais hierarquia do que um quadro de base, já que atua e trata de orientar o conjunto dos quadros e militantes de uma região e coloca problemas superiores: elaborar uma política para toda a regional em suas frentes sindicais, de bairros e estudantis; acompanhar de conjunto as relações com os partidos políticos da zona; garantir os cursos e escolas; ter e garantir um plano de conjunto de finanças; ter um aparato etc. E aquela que é a sua tarefa mais importante: formar quadros.

Da mesma maneira, mais acima, onde estão os companheiros mais hierarquizados, estão os dirigentes nacionais. E, mais hierarquizados ainda: os internacionais.

Esta hierarquização é parecida, em certo sentido, porém oposta, com outra, àquela do exército. No exército burguês, sobe-se burocraticamente na hierarquia e por decisão da hierarquia máxima: o co-

mandante em chefe. Ninguém cai na hierarquia a não ser por alguma ação desonrosa ou algo semelhante. No partido, não há hierarquias permanentes. Qualquer um cai se não rende e qualquer um sobe se rende. Um militante está mais ou menos hierarquizado segundo seu rendimento para o partido e para a luta de classes em cada momento. Porém, além disso, a hierarquização se faz democraticamente. É a base do partido, não a direção, que elege os delegados aos congressos. E, nos congressos, os delegados elegem a direção.

A hierarquia dos militantes se ganha pelo esforço e pela capacidade individual. Porém se concretiza nos organismos do partido. O que está hierarquizado no partido são os seus organismos: o Comitê Central é o organismo dos dirigentes nacionais; a direção regional, das regiões etc.

Na etapa de retrocesso, aquela na qual o partido fica na defensiva, a que acabamos de sair, nossos organismos de base, as sedes, reúnem em suas assembleias quadros e militantes de base sem diferenças de qualquer tipo. Isso era natural, já que, ao estarem fechados nas sedes, não se verificam grandes diferenças entre uns e outros. Porém, nesta nova etapa, é necessário hierarquizar categoricamente os quadros. Temos de ir para duas reuniões diferentes: a dos quadros e as das equipes de base. A reunião na sede deve ser dos quadros e para os quadros. Eles devem ter, além dessa reunião própria, um tratamento privilegiado: boletim interno para eles e não para todos os militantes; cursos e escolas para eles; etc. Os militantes de base terão reuniões próprias em seus bairros, fábricas e escolas (e, se quiserem fazer, também na sede), com a direção de um ou dois quadros.

A III Internacional depois de Lenin

Leon Trotski, 1928

O bolchevismo sempre foi forte por causa de sua elaboração historicamente concreta de formas organizativas, sem esquemas áridos. Os bolcheviques mudaram sua estrutura organizacional radicalmente a cada transição de um estágio para o outro. No entanto, hoje, um único e mesmo princípio de “ordem revolucionária” é aplicado ao poderoso partido da ditadura do proletariado; ao partido comunista alemão, que representa uma força política séria; ao jovem partido chinês, que foi imediatamente jogado no centro das lutas revolucionárias, e ao partido dos EUA, que é apenas um pequeno grupo de propaganda. Nesse último, tão logo surgiram dúvidas em relação aos métodos aplicados sobre este por Pepper¹¹⁷, no comando então, rapidamente os “dúvidosos” foram submetidos ao chicote por fracionismo. Um partido novo, representando um organismo político em estágio completamente embrionário, sem nenhum contato real com as massas, sem experiência de direção revolucionária, sem formação teórica, já foi armado dos pés à cabeça com todos os atributos da “ordem revolucionária”, ficando parecido a um menino de seis anos de idade que usa o terno do pai. [...].

117 John Pepper (1886-1937), comunista de origem húngara, dirigente do Partido Comunista dos Estados Unidos na década de 1920. Foi fuzilado em Moscou em 1937, enquanto trabalhava no aparato da Internacional Comunista, durante o período dos grandes expurgos (Nota da edição brasileira)

Teses sobre a estrutura, os métodos e a ação dos partidos comunistas

III Congresso da Internacional Comunista, 1921

VII. A estrutura do conjunto do partido

43. Para a ampliação e consolidação do partido, não se deverá estabelecer divisões segundo um esquema formal, geográfico. Será preciso, sobretudo, levar em conta a estrutura econômica e política real das regiões em questão e dos meios técnicos de comunicação. A base desse trabalho deve ser nas capitais e nos centros proletários da grande indústria.

No momento de organização de um novo partido, constatamos, frequentemente, desde o início, os esforços que tendem a estender o tecido das organizações do partido sobre todo o país. Apesar das forças muito limitadas à disposição dos organizadores, essa política é frequentemente aplicada, dispersando aos quatro ventos o material humano de que dispomos. A força de atração e o crescimento do partido ficam, assim, enfraquecidos. Ao cabo de alguns anos, chega-se, é verdade, a ter todo um sistema de *bureaux* muito vasto, mas o mais comum é o partido não conseguir se fixar firmemente em nenhuma das cidades industriais mais importantes do país.

As tarefas dos sociais-democratas russos

V. I. Lenin, 1897

Fazem falta homens para atividades de todo gênero, e quanto maior for o rigor com que se especializem os revolucionários em diversas funções da ação revolucionária, quanto maior for o rigor com que pensem métodos clandestinos e medidas de proteção de seu trabalho, quanto maior for a abnegação com que mergulhem num trabalho modesto, anônimo e parcial, tanto mais assegurada estará toda a obra, e tanto mais difícil será para os policiais e espões identificar os revolucionários [...].

As diversas funções do trabalho revolucionário são infinitamente variadas: fazem falta agitadores legais que saibam falar entre os operários de tal maneira que seja impossível processá-los por isso, que saibam dizer somente *a*, deixando que outros digam *b* e *c*.

Fazem falta distribuidores de publicações e panfletos. Fazem falta organizadores de círculos e grupos operários. Fazem falta correspondentes em todas as fábricas e empresas, que informem sobre tudo o que aconteça. Fazem falta homens que vigiem os espões e provocadores. Fazem falta organizadores de aparelhos clandestinos. Fazem falta conexões para a entrega de publicações, para a transmissão de tarefas e para estabelecer contatos de todo tipo. Fazem falta recolhedores de fundos. Fazem falta agentes entre os intelectuais e funcionários públicos que estejam relacionados com os operários, com a vida das fábricas, com a administração (com a polícia, a inspeção fabril etc.). Fazem falta homens para ligarem-se com as distintas cidades da Rússia e de outros países. Fazem falta homens para organizar procedimentos diversos de reprodução mecânica de publicações de todo tipo. Fazem falta homens para guardar publicações e outras coisas etc.

Carta a um camarada

V. I. Lenin, 1902

Sobre nossas tarefas de organização

Toda a arte de uma organização conspirativa consiste em saber utilizar tudo e todos, em “dar trabalho a todos e a cada um”, conservando ao mesmo tempo a direção de todo o movimento, e isso, entenda-se, não pela força do poder, mas pela força da autoridade, por energia, maior experiência, amplitude de cultura, habilidade. [...]

O comitê deve esforçar-se para realizar a mais completa divisão de trabalho possível, lembrando-se de que para os vários aspectos do trabalho revolucionário são necessárias diferentes capacidades. Algumas vezes, pessoas completamente incapazes como organizadoras podem ser excelentes agitadoras, ou outras incapazes para uma severíssima disciplina conspirativa, excelentes propagandistas etc. [...]

Chegamos, agora, a um princípio extremamente importante de toda a organização e toda a atividade partidária: se no tocante à direção ideológica e prática do movimento e da luta revolucionária do proletariado é necessária a maior centralização possível, com relação à informação do centro do partido (e, conseqüentemente, de todo o partido em geral) no que diz respeito ao movimento e à responsabilidade ante o partido, se impõe a maior descentralização possível. O movimento deve ser dirigido por um pequeno número de grupos, os mais homogêneos possíveis, e de revolucionários profissionais respaldados pela experiência. Mas no movimento, deverá participar o maior número de grupos, os mais diversos e heterogêneos possíveis, recrutados nas mais diferentes camadas do proletariado (e de outras classes do povo). E com relação a cada um desses grupos, o centro do partido deverá ter sempre em vista não somente dados exatos sobre sua atividade, mas também os mais completos possíveis a respeito de sua composição. Devemos centralizar a direção do movimento. Mas devemos também (e precisamente para isso, pois sem a informação é impossível a “centralização”) descentralizar o quanto possível a responsabilidade ante o partido de cada um de seus membros individualmente, de cada participante no trabalho, de cada um dos círcu-

los do partido ou próximo dele. Essa descentralização é a condição indispensável para a centralização revolucionária e seu necessário corretivo [...].

Nenhuma atribuição oficial de papel dirigente a uma organização, nenhuma organização de comitês centrais formais fará com que nosso movimento adquira uma unidade real e efetiva, criará um partido sólido e combativo, se o centro do partido ficar de antemão isolado do trabalho prático direto dos comitês locais do velho tipo, isto é, de comitês formados, de um lado, por um punhado de pessoas, cada uma das quais dirigindo todos e cada um dos assuntos, sem se designar funções específicas no trabalho revolucionário, sem se responsabilizar por atividades especiais, sem se preocupar em estudar cuidadosamente, sem preparar minuciosamente e levar a cabo as tarefas já iniciadas, perdendo uma quantidade enorme de tempo e forças de agitação aparentemente importantes. E, por outro lado, respaldados por uma multiplicidade de círculos de estudantes e operários, a metade dos quais totalmente desconhecidos do comitê, e a outra metade igualmente ineficiente, sem nenhum tipo de especialização, sem nenhuma experiência profissional, não se aproveitando da experiência de outros e, ocupados exatamente do mesmo modo que o comitê, com intermináveis reuniões “a propósito de tudo”, eleições e elaboração de estatutos. [...]

Intervenção de Lenin no IV congresso da Internacional Comunista

V. I. Lenin, 1922

Em 1921, aprovamos, no III Congresso, uma resolução sobre a estrutura organizativa dos partidos comunistas e os métodos e o conteúdo de sua atividade. A resolução é magnífica, mas é russa quase até a medula, ou seja, baseia-se nas condições russas. Esse é seu aspecto bom, mas também seu ponto fraco. Fraco porque estou convencido de que quase nenhum estrangeiro poderá lê-la; eu a reli antes de fazer essa afirmação. Primeiro, é muito longa, tem cinquenta ou mais pontos. Por regra geral, os estrangeiros não conseguem ler coisas assim. Segundo, inclusive se a leem, não a compreenderão, precisamente porque é muito russa. Não porque esteja escrita em russo (foi magnificamente traduzida a todos os idiomas), mas porque está saturada de espírito russo. E terceiro, se, em caso excepcional, algum estrangeiro chegar a entendê-la, não poderá aplicá-la. Esse é seu terceiro defeito. Conversei com alguns delegados estrangeiros e confio em que poderei conversar detidamente com um grande número de delegados de distintos países ao longo do congresso, ainda que não participe pessoalmente nele, já que, desgraçadamente, não me é possível. Tenho a impressão de que cometemos um grande erro com essa resolução, ou seja, que nós mesmos levantamos uma barreira no caminho de nosso êxito futuro. Como já disse, a resolução está excelentemente redatada, e eu assino todos os seus cinquenta ou mais pontos. Mas não compreendemos como se deve levar nossa experiência russa aos estrangeiros. Tudo o que a resolução expõe permaneceu como letra morta. [...]

Os intelectuais e o partido

No momento atual, o problema do antagonismo entre os intelectuais e o proletariado representa, de novo, um tema de grande interesse para nós. Meus colegas (o próprio Kautsky é intelectual, literato e redator) se indignaram, em muitos casos, ao ver que reconheço esse antagonismo. Mas é que ele existe de fato, e a tática mais absur-

da (tanto aqui como em outros casos) seria tentar desfazer-se dele negando o fato. Esse antagonismo é um antagonismo social, que se manifesta nas classes e não em indivíduos isolados. Assim como um capitalista, um intelectual pode, individualmente, incorporar-se completamente à luta de classes do proletariado. Quando isto acontece, o intelectual muda o seu próprio caráter. No que direi na continuação, não tratarei, principalmente, deste tipo de intelectuais, que continuam constituindo ainda exceções em sua classe. No sucessivo, quando não haja advertência especial, entenderei por intelectual apenas o intelectual comum, que se coloca no terreno da sociedade burguesa, representante característico da classe intelectual. Essa classe se mantém em certo antagonismo com relação ao proletariado.

Esse antagonismo é de um tipo distinto do que existe entre o trabalho e o capital. O intelectual não é um capitalista. É verdade que seu nível de vida é burguês e que ele se vê obrigado a manter esse nível, a menos que queira se converter num vagabundo. Mas, ao mesmo tempo, se vê obrigado a vender o produto do seu trabalho e, muitas vezes, sua força de trabalho, e sofre com frequência a exploração pelos capitalistas e certa humilhação social. Desse modo, não existe antagonismo econômico algum entre o intelectual e o proletariado. Mas suas condições de vida e de trabalho não são proletárias, e daí resulta um certo antagonismo em seu sentir e seu pensar. [...]

O proletário não é nada enquanto siga sendo um indivíduo isolado. Todas as suas forças, toda a sua capacidade de progresso, todas as suas esperanças e sonhos são extraídos da organização, de sua atuação sistemática em comum com seus camaradas. Sente-se grande e forte quando constitui uma parte de um organismo grande e forte. Esse organismo é tudo para ele, e o indivíduo isolado, em comparação com ele, significa muito pouco. O proletário luta com a maior abnegação, como partícula de uma massa anônima, sem vistas a vantagens pessoais, a glória pessoal, cumprindo com seu dever em todos os postos onde o colocam, submetendo-se voluntariamente à disciplina, que penetra todos seus sentimentos, todas as suas ideias.

Muito diferente é o que acontece com o intelectual. Não luta aplicando, de um modo ou de outro, a força, mas sim argumentos. Suas armas são seus conhecimentos pessoais, sua capacidade pessoal, suas convicções pessoais. Só pode fazer-se valer mediante suas qualidades pessoais. Por isso, a plena liberdade de manifestar sua personalidade parece ser para ele a primeira condição de êxito em seu

trabalho. Não sem dificuldade, se submete a um todo determinado como parte a serviço desse todo, e se submete por necessidade, mas não por inclinação pessoal. Não reconhece a necessidade da disciplina a não ser para a massa, mas não para os espíritos seletos. Inclui-se a si mesmo, naturalmente, entre os espíritos seletos. [...]

Liebkecht foi um exemplo ideal do intelectual totalmente penetrado de sentimento proletário, que, sendo brilhante escritor, perdeu os traços psicológicos especificamente intelectuais, que marchava em linha sem reclamar, que trabalhava em todos os postos aos quais era enviado, que se havia consagrado por inteiro à nossa grande causa e desprezava os lamentos sobre a importância da personalidade, que muitas vezes ouvimos de lábios de intelectuais educados em Ibsen e em Nietzsche, quando se encontram em minoria; foi um exemplo ideal dos intelectuais de que necessita o movimento socialista. Também podemos nomear aqui Marx, que nunca tentou colocar-se em primeiro plano e se submeteu de um modo exemplar à disciplina de partido na Internacional, onde, mais de uma vez, esteve em minoria.

O partido bolchevique

Pierre Broué, 1963

Piatnitski descreveu minuciosamente a pirâmide do partido em Odessa antes de 1905: acima dos comitês de base existem os subzonais, zonais e por último o comitê municipal, cujos membros foram recrutados todos por cooptação. Cada comitê é composto por uma série de dirigentes, que possuem funções específicas e que só mantêm contato com os respectivos dirigentes inferiores ou superiores. Desta forma, se reduzem os contatos verticais ao mínimo, a fim de dar autonomia para os militantes e evitar que a prisão de um indivíduo isolado provoque uma série de detenções em toda a organização. Embora possa casualmente acontecer, os militantes não devem encontrar-se fora das reuniões. No entanto, existem alguns dias e horas, fixados secretamente, nos quais, no caso de absoluta necessidade, os militantes podem fazer contato, geralmente em um bar ou café, com aparência de encontro casual. O comitê de Odessa se reúne em domicílios particulares. É o responsável por controlar toda a organização e seus membros, além de, por meio dos zonais e subzonais, designar os oradores que deverão tomar a palavra nas reuniões da fábrica e os responsáveis pelos grupos de estudo que os militantes deverão formar em seu entorno.

A organização de Moscou em 1908 é, por sua vez, mais complexa e mais democrática. Na base existem as assembleias de fábrica, dirigidas por uma comissão eleita; no nível superior funcionam alguns subzonais, além de oito zonais dirigidos por um comitê eleito pelas assembleias de fábrica. Este comitê é assessorado por comissões especializadas: a organização militar é composta de um departamento técnico, cujo dirigente só é conhecido pelo secretário do partido; existe, além disso, um departamento especial que se encarrega da propaganda antimilitarista, dirigida aos futuros alistados e aos operários recrutados; um departamento para os estudantes; outro departamento para oradores e jornalistas, que se dedica a utilizar suas habilidades e inclusive desenvolver as mesmas, localizando cada um, segundo as necessidades, nos diferentes zonais ou em determinadas comissões de fábrica; por último, o comitê conta com uma comissão financeira.

[...] Segundo os bolcheviques, o “regime interno” é um reflexo, no partido, das condições gerais da luta de classes; no entanto, ele é também um fator autônomo. Lenin elabora sobre este problema em sua própria fração, ao enfrentar-se com os *komitetchiks*, que, segundo o testemunho de Krupskaja, não admitem nenhum tipo de democracia interna e rejeitam qualquer inovação, por sua dificuldade em adaptar-se a novas condições. Hostis ao ingresso de operários nos comitês, pois os consideram incapazes para a realização desse trabalho, os *komitetchiks* pretendem controlar minuciosamente toda atividade partidária e manter uma centralização e uma hierarquia rígidas. Lenin lhes recorda que “não é o partido que existe em função do comitê, e sim o comitê que existe em função do partido”. “Muitas vezes penso que noventa por cento dos bolcheviques é profundamente formalista. É preciso recrutar novos membros entre os jovens e com os critérios mais amplos possíveis, sem medo, e esquecer todas as práticas complicadas, o respeito à hierarquia etc. [...] Devemos dar a cada comitê de base, sem colocar muitos empecilhos, o direito de escrever panfletos e distribuí-los. Não é algo grave se eles cometerem algum erro; nós os corrigiremos “amavelmente” no *Vperiod*. O próprio curso dos acontecimentos vai ensiná-los em nossa concepção”. Krupskaja afirma que Lenin não se preocupou muito por não ter sido escutado pelos *komitetchiks*: “Ele sabia que a revolução estava em marcha e que ela forçaria o partido a admitir mais operários em seus comitês”.

A clandestinidade é evidentemente favorável ao centralismo autoritário, na medida em que a eleição só tem algum sentido entre homens que se conhecem e, por isso, podem se controlar mutuamente. No entanto, seus efeitos são amenizados por uma menor tensão nas relações entre os diferentes graus da hierarquia partidária, deixando aos comitês locais uma importante margem de iniciativa. Os grupos que distribuem panfletos chamando à greve e convocando uma manifestação em São Petersburgo no dia 15 de novembro de 1912 estão integrados por sociais-democratas vinculados à fração bolchevique; mas se acreditarmos no testemunho de Badaiev, tal iniciativa não foi comunicada a nenhum organismo dirigente nacional ou da capital, nem a nenhum membro da fração no parlamento. Os dirigentes bolcheviques demoram vários dias para descobrir quem havia assumido a responsabilidade de tais consignas; eles apoiaram a greve devido à grande popularidade que ela havia alcançado entre os operários. [...]

Lenin

[...] Todos os seus companheiros, de Krasin a Bukharin, vão contar de que modo se torna um verdadeiro problema de consciência enfrentar-se com ele. Contudo, não pensam duas vezes antes de fazê-lo, pois isto é encarado com um dever; e ele mesmo afirma: “o primeiro dever de um revolucionário é criticar seus dirigentes”. Seus discípulos não seriam, portanto, dignos de seu professor se não se atrevessem a combater seu ponto de vista quando pensam que o mesmo está equivocado. Um partido revolucionário não é feito de robôs. Esta é a opinião de Lenin quando escreve a Bukharin dizendo que se o partido excluísse os militantes inteligentes, mas pouco disciplinados, e ficasse apenas com os imbecis disciplinados, afundaria. Aqui fica claro o motivo pelo qual tanto a história do partido quanto a de sua fração são, desde 1903, uma longa sucessão de conflitos ideológicos que Lenin supera sucessivamente, com uma grande dose de paciência. A este respeito, é extremamente difícil separar o estudo da personalidade de Lenin do de sua fração, cuja unidade surge da discussão, quase permanente, tanto sobre as questões fundamentais, quanto sobre as táticas a seguir a cada momento.

A revolução traída

Leon Trotski, 1936

O regime interno do partido bolchevique é caracterizado pelos métodos do centralismo democrático. A união dessas duas noções não implica qualquer contradição. O partido velava para que as suas fronteiras se mantivessem estritamente delimitadas, mas entendia que todos os que penetrassem no interior dessas fronteiras deviam usufruir realmente o direito de determinar a orientação da sua política. A livre crítica e a luta de ideias formavam o conteúdo intangível da democracia do partido. A doutrina stalinista que proclama a incompatibilidade do bolchevismo com a existência de frações encontra-se em desacordo com os fatos. É um mito da decadência. A história do bolchevismo é, na realidade, a da luta de frações. E como poderia uma organização autenticamente revolucionária, que apresenta como fim resolver o mundo e que reúne sob os seus estandartes inconformistas, revoltados e combatentes cheios de temeridade, viver e crescer sem conflitos ideológicos, sem agrupamentos e sem formações fracionais temporárias? A clarividência da direção do partido conseguiu, muitas vezes, atenuar e abreviar as lutas de fração, mas não podia fazer mais. O Comitê Central apoiava-se sobre essa base efervescente e dela recebia a audácia para decidir e ordenar. A manifesta justeza das ideias da direção em todas as etapas críticas conferia-lhe uma elevada autoridade, precioso capital moral da centralização.

O partido e a revolução

Nahuel Moreno, 1973

Mas a fórmula “centralismo democrático” compõe-se de dois polos que, no limite, são antagônicos: o mais absoluto centralismo significa que a direção resolve todos os problemas – desde teoria e caracterizações até os mais ínfimos detalhes táticos, passando pela linha política geral. Quando isso é levado à prática, a democracia desaparece. Simultaneamente, a mais absoluta democracia leva a que todos esses mesmos problemas resolvam-se através de discussões que só podem acontecer num permanente estado coletivo de deliberação. E com isso, desaparece o centralismo. A proporção com que cada elemento contribui para essa combinação a cada momento não pode ser fixada de antemão. Isso não é uma receita nem uma fórmula aritmética. Não é possível estabelecer, por exemplo, que o partido seja constantemente 50% centralista, e 50% democrático, ou algo parecido. Nossos partidos são organismos vivos, em processo permanente de construção, razão pela qual o centralismo democrático é uma fórmula algébrica. A combinação específica entre os elementos centralista e democrático varia de acordo com o momento da construção partidária e, em cada momento, deve ser cuidadosamente redefinida. [...]

Uma das grandes virtudes da fórmula leninista é justamente o seu caráter algébrico. Ou, em outras palavras, o fato de que submete sua própria quantificação aritmética às circunstâncias da luta de classes e ao desenvolvimento do partido. Para conseguir precisá-la quantitativamente, será necessário levar em conta, como um dos elementos essenciais, o prestígio político da direção do partido diante da base. Esquemáticamente, quanto maior prestígio, maior centralização.

Quanto maiores forem os acertos políticos da direção, maior será a confiança da base nessa direção. Quanto maior for a confiança, mais fortes serão a disciplina e a centralização. Inversamente, erros – ou acertos em menor escala – provocam desconfiança. E essa desconfiança atenta contra a disciplina e a centralização, quer o reconheçamos quer não.

Um passo adiante, dois passos atrás

A crise em nosso partido

V. I. Lenin, 1904

Por esse motivo, não posso deixar de me lembrar de uma conversa que tive no congresso com um dos delegados do “centro”. “Que carregada está a atmosfera de nosso congresso!” – dizia-me em tom de queixa. “Essa luta encarniçada, essa agitação de um contra outro, essa polêmica tão dura, essa atitude imprópria de camaradas!...” “Que coisa mais maravilhosa é nosso congresso!” – respondia eu – “Luta franca, livre. Expressaram-se as opiniões. Delinearam-se matizes. Surgem grupos. As mãos se levantaram. Chegou-se a um acordo. Uma etapa ficou para trás. Adiante! Muito bem: Essa é a vida. Essas não são as intermináveis e massantes discussões próprias dos intelectuais”.

As frações e a Quarta Internacional

Leon Trotski, 1935

A III Internacional proibiu as frações alegando que esta proibição coincide com a tradição bolchevique. É difícil imaginar pior calúnia contra a história bolchevique. É certo que o X Congresso do partido, em março de 1921, proibiu as frações por resolução especial. O próprio fato de que fosse necessário aprovar semelhante resolução demonstra que, em todo o período anterior – vale dizer, os 17 anos em que o bolchevismo surgiu, cresceu, se fortaleceu e conquistou o poder – as frações formavam parte legítima da vida partidária, o que se refletia na prática. [...]

Pode-se considerar que essa resolução do X Congresso obedeceu a uma necessidade grave. Porém, os acontecimentos posteriores deixam absolutamente claro que a proibição das frações significou o fim do período heróico da história bolchevique e abriu caminho para sua degeneração burocrática.

A partir de 1923, os epígonos estenderam a proibição e a supressão da luta fracional no partido dominante na URSS às jovens seções da III Internacional, condenando-as à degeneração antes que tivessem tempo de crescer e desenvolver-se.

Isso significa que o partido revolucionário do proletariado pode ou deve representar uma somatória de frações? [...]

O partido revolucionário apresenta um programa e táticas definidos. Isso impõe, de antemão, limites determinados e muito claros em relação à luta interna das tendências e agrupamentos. Depois da destruição da II e da III Internacionais, esses alinhamentos assumem um caráter especialmente gráfico e determinado. O mero fato de pertencer à IV Internacional deve depender, necessariamente, do cumprimento de um conjunto de restrições que refletem todas as experiências dos anteriores movimentos da classe trabalhadora. Mas o fato de que as limitações à luta ideológica interna se estabeleçam *a priori*, de nenhuma maneira nega a luta em si dentro do marco dos princípios gerais. É inevitável. Caso se mantenha dentro dos limites assinalados, é frutífera. Todavia, o conteúdo fundamental da vida partidária não reside na discussão, mas sim na luta. Se as discussões intermináveis

alimentam mais discussões intermináveis, o único resultado é a decadência e a desintegração. Mas se a discussão está enraizada na luta coletiva, submetendo-a à crítica e preparando suas novas etapas, a discussão é um elemento indispensável para o desenvolvimento.

A discussão de problemas graves não se concebe sem a formação de agrupamentos. Mas em circunstâncias normais, esses se dissolvem posteriormente no organismo partidário, sobretudo porque as novas experiências constituem a melhor prova nos casos em que existem diferenças políticas. Quando os grupos se convertem em frações permanentes, esse fato constitui um sintoma alarmante de que ou as tendências em luta são absolutamente irreconciliáveis, ou que o partido, em seu conjunto, se encontra em ponto morto. Essa situação não se pode evitar simplesmente mediante a proibição de formar frações. Combater o sintoma não significa curar a enfermidade. Somente uma política correta e uma estrutura e métodos organizativos internos bons podem impedir que os agrupamentos temporários se transformem em frações ossificadas.

Novo curso

Leon Trotski, 1924

Não é por acaso que a questão da democracia do partido tenha surgido antes de tudo como uma questão das relações entre as gerações. É o resultado lógico de toda a evolução de nosso partido. [...]

Há uma coisa que precisa ser claramente entendida desde o início: a essência dos atuais desacordos e dificuldades não está no fato de que os “secretários” se excederam em certos pontos e devem ser chamados de volta à ordem, mas no fato de que o partido como um todo está para entrar numa etapa histórica mais elevada. A massa dos comunistas está, de fato, dizendo aos líderes: “Vocês, camaradas, têm a experiência de antes de Outubro que falta à maioria de nós. Mas sob sua direção, adquirimos depois de Outubro uma grande experiência que cresce constantemente em significado. E não queremos apenas ser dirigidos por vocês, mas participar com vocês na direção da classe. Queremos isso não apenas porque é nosso direito como membros do partido, mas também porque é absolutamente necessário à classe operária como um todo. Sem nossa modesta experiência, experiência que deve não apenas ser incorporada nas esferas dirigentes, mas que deve ser introduzida na vida do partido por nós mesmos, o aparato dirigente do partido está ficando burocrático, e nós, comunistas da base, não nos sentimos suficientemente bem armados ideologicamente quando enfrentamos os apartidário”. [...]

É, primeiramente, uma questão de instituir relações mais saudáveis entre os velhos quadros e a maioria dos membros que entraram no partido depois de Outubro. A preparação teórica, a têmpera revolucionária e a experiência política representam o capital político básico do partido, cujos principais possuidores, em primeiro lugar, são os velhos quadros do partido.

Por outro lado, o resultado desse estado de coisas tem sido que, ao cumprir o papel de líder do partido e sendo absorvida pelas questões de administração, a geração mais velha se acostumou a pensar e a decidir pelo partido, utilizando, em relação às massas comunistas, métodos puramente escolares e pedagógicos de participação na vida política: cursos básicos de formação política, exames de conhecimento partidário, escolas de formação etc.

Não se sentindo participantes ativos do trabalho geral do partido e não recebendo uma resposta oportuna do partido às suas questões, numerosos comunistas começaram a procurar um substituto para a atividade, fora do partido, na forma de agrupamentos e frações de todos os tipos. [...]

O partido não pode viver somente com o capital do passado. Já é suficiente que o passado tenha preparado o presente. Mas é preciso que o presente esteja, ideológica e praticamente, à altura do passado, para que se possa preparar o futuro. [...]

O partido não pode elevar seu nível a não ser realizando suas tarefas essenciais e exercendo o tipo de direção coletiva que emprega a iniciativa da classe operária e do Estado proletário. A questão deve ser abordada não do ponto de vista pedagógico, mas político. A aplicação da democracia operária não pode ficar dependente do grau de “preparação” dos membros do partido para essa democracia. O partido é o partido. Podemos fazer exigências rigorosas para os que querem entrar e ficar nele; mas quando são membros, eles participam mais ativamente, por esse mesmo fato, de todo o trabalho do partido. [...]

Somente com uma colaboração ativa constante com a nova geração, dentro da estrutura da democracia, é que a velha guarda vai se preservar como um fator revolucionário. [...]

E se os veteranos que ainda não estão burocratizados, que ainda mantêm vivo o espírito revolucionário (que, estamos convencidos, são a vasta maioria), ficarem claramente alertas do perigo pontuado acima e ajudarem o partido com toda a sua força para aplicar a resolução do bureau político do Comitê Central, a própria razão para contrapor as gerações no partido irá desaparecer. Seria, então, relativamente fácil acalmar as paixões, os possíveis “excessos” da juventude. Mas o que é preciso, antes de tudo, é agir para que a tradição do partido não se concentre no aparato dirigente, mas viva e seja constantemente renovada na experiência diária da organização como um todo. [...]

É incontestável que nossos velhos quadros, que prestaram imortais serviços à revolução, gozam de uma autoridade muito grande aos olhos dos jovens militantes. E isso é excelente, pois assegura o laço indissolúvel entre o alto e o baixo comando e seu elo com as fileiras dos soldados. Mas sob uma condição: que a autoridade dos velhos não extermine a personalidade dos jovens e, mais ainda, que não os aterrorizem.

Resultados do entrismo

Leon Trotski, 1937

É absolutamente necessário gozar da confiança das bases. Mencionei a condição mais importante para obter essa confiança: uma boa política. A política deve ser preparada de maneira que a base a entenda.

Ocorre, com frequência, que a direção, que compreende muito bem a situação e tomou uma decisão acertada, impõe à organização uma ação imperiosa, impulsionada pela impaciência, porque a direção acredita que, se iniciarmos uma discussão de um ou dois meses, perderemos um tempo valioso. A ideia pode ser boa, mas, ao ganhar um mês, posso perder um ano, porque a base olha a mudança e a velocidade com assombro; se a política não tem êxito, a base diz: “A direção errou, é responsável”. E, assim, perco um ano tratando de consertar os resultados de minha impaciência.

Por isso, é importante, sobretudo para uma organização jovem, que não seja impaciente e que prepare as decisões. Em primeiro lugar, deve-se respeitar estritamente os estatutos da organização: reuniões periódicas da base, congressos periódicos, o direito da minoria de expressar sua posição (deve imperar uma atitude fraternal e não deve haver ameaças de expulsão).

Você sabe que isso jamais, jamais se fazia no velho partido [russo]. A expulsão de um camarada era um acontecimento trágico e só ocorria por razões morais, não por que tivesse uma atitude crítica.

Creio também que é absolutamente necessário que a direção seja muito paciente, escute muito atentamente, muito tranquilamente as críticas. Mas o mais importante é mudar a composição social da organização: convertê-la numa organização operária. Um operário vem à reunião; sabe que tudo é imperfeito, seu salário é imperfeito, suas condições de trabalho são imperfeitas, sua vida é imperfeita; conseqüentemente, é mais paciente, mais realista. Quando numa reunião de 100 pessoas há 60-70-80 operários, os 20 intelectuais pequeno-burgueses são dez vezes mais cautelosos quando se trata de criticar.

É um auditório mais sério, mais firme. Mas quando há 100 intelectuais, todo mundo tem algo a dizer. A vida partidária não passa de um período de discussão. Por isso, a composição social é o mais importante, mas não se pode mudá-la artificialmente. Se você tem um partido de 20.000 operários, os desempregados também são operários; mas num partido de 1.000, os desempregados só agravam a situação.

Observações adicionais sobre o regime partidário (Carta a Cannon)

Leon Trotsky, 1937

Observei, aqui, outro operário de vossa organização, o camarada Lankin. Na presença de [Jack] Weber, F. e outros camaradas, ele permanecia em silêncio, trabalhando todo o tempo. Permaneceu conosco durante mais tempo. Revelou possuir uma grande experiência de vida e de luta, penetração psicológica e fez observações políticas de grande valor. Necessitamos desses camaradas nos comitês do partido, tanto no Comitê Central, quanto nos comitês locais. Eu assinalei em centenas de ocasiões que o operário que passa despercebido em condições “normais” da vida partidária revela qualidades notáveis quando a situação muda, quando não bastam as fórmulas gerais e plumas ao vento, quando se necessita um conhecimento da vida operária e qualidades práticas. Em tais condições, um operário talentoso revela segurança em si mesmo e, também, capacidade política geral.

O predomínio dos intelectuais é inevitável no primeiro período de desenvolvimento da organização. Mas ao mesmo tempo, é uma grande trava para a educação política dos operários mais talentosos. Naturalmente, essa é uma verdade muito elementar que vocês conhecem há anos. Mas qual é o problema prático? Falei sobre isso com o camarada Weber. É absolutamente necessário que o próximo congresso eleja a maior quantidade possível de operários aos comitês locais e central. Para um operário, a militância no organismo de direção partidária é uma escola política superior. Alguns dos novos membros operários dos comitês partidários demonstrarão que não estão à altura do posto: podem ser removidos no congresso seguinte. A seleção dos elementos mais capazes e abnegados para os organismos de direção é, naturalmente, um processo lento e que jamais termina. Ao eleger esses novos camaradas, se corre um risco inevitável. Se somente um terço dos novos membros operários dos comitês locais e central demonstrarem estar à altura do posto, o resultado será excelente.

Informe ao CC do PST peruano

Nahuel Moreno, 1980

Então o centralismo democrático tem de ser através dos organismos: secretariado, *bureau*, comitê central, equipes regionais. Tem de ser bem democrático, uma democracia de conteúdo. Tem de ser com análises e perspectivas escritas e com balanços escritos, depois dessas análises e perspectivas: cumprimos as metas que assinalamos nessa perspectiva? Não, fizemos a metade. Por quê? Não há outra forma de aprender.

O regime interno: bonapartismo versus bolchevismo

O que mais nos preocupa é um problema que nos preocupou muito no partido argentino: o regime do partido, que nós viemos chamando de regime bonapartista. Descobrimos, discutindo com o PST(A), que, devido à repressão e à ilegalidade, no PST(A) se perderam todos os hábitos do regime interno.

Nada por fora dos organismos

Segundo a tradição do partido, jamais se faz nada por fora dos organismos. Nem palestras. Nenhuma resolução é adotada por fora dos organismos. Sempre nos organismos, respeitando tudo: o CE, um secretariado é um secretariado. Nada é feito, ainda que se caminhe muito mais lentamente, porque se caminha com segurança, solidamente, se caminhamos pelos organismos. [...]

O regime bonapartista tem uma tendência a fazer ideologia também na Argentina. Vieram e nos disseram: há ascenso este ano, há revolução, a burguesia está toda dividida, não há acordos, nenhum ganho econômico. Tudo era catastrófico para a burguesia e fantástico para nós. Aí estão as discussões (imprimimos as discussões com os companheiros). Este regime bonapartista tem de criar uma euforia permanente. Não é que não se discuta; se discute por fora dos organismos, individualmente. O que você acha? Fazemos isso? Por que isso, por que aquilo, por que aquilo outro. Mas é bonapartista porque não se faz pelos organismos e somente pelos organismos. E há uma tendência a criar uma ideologia.

O que é um regime bolchevique? Foi, em grande parte, na discussão com o PST(A) que descobrimos que muitos companheiros, a nova geração, não sabem o que é o regime bolchevique. O regime bolchevique começa por ser centralista democrático, mas centralista democrático não quer dizer que tudo se discuta com todos. Centralista democrático significa que se discute nos organismos, se resolve nos organismos, e os organismos estão hierarquizados e funcionando permanentemente. Senão, não há organização bolchevique. Isso faz com que sempre as resoluções bolcheviques sejam lentas, porque são democráticas, porque é preciso discutir nos organismos. Logicamente, os organismos não podem estar sempre reunidos. Reúnem-se uma vez por semana – o *bureau*, dia fixo; as equipes, dia fixo – e se há dúvidas, adia-se para a outra semana; ou se há muita pressa, se reúnem no outro dia, mas não impondo burocraticamente. Também não tem de ser uma democracia formal. Reunimo-nos e votamos. Se um dirigente ou um militante de base tem dúvidas, se faz outra reunião, lhe dizemos que pense, que discuta se por acaso ele acha que pode ter razão, e a resolução é adotada pelo organismo. Demoramos para convencer todos antes de empreender uma ação. A diferença radica em que, uma vez que os bolcheviques começam a ação, não são a bagunça que são os mencheviques. [...]

Acertos políticos e estruturação do partido

Estamos discutindo uma crise, efeitos, erros muito graves em minha opinião. Gravíssimos porque têm a ver com o regime, que é ponto principal e fundamental de nossa corrente. Estamos discutindo princípios, e não se estamos avançando ou não. [...] Então não nos enganemos com o fato de que estamos avançando, porque aqui avançam até os cegos. O problema é se avançamos no bom sentido ou se estamos avançando por um caminho equivocado e vamos a um precipício, mesmo com o crescimento, mesmo com a influência. Por exemplo, sem a ajuda da corrente, não seriam absolutamente nada, mas é uma ajuda que os está levando a um mau caminho. Não está servindo para consolidar um partido bolchevique, e sim para criar uma corrente com todas as características bonapartistas e mencheviques. Então não me venham dizer que avançamos, que somos um partido nacional. Porque lhes digo: é o mínimo que poderiam ter feito.

Eu opino que vocês tiveram grandes análises políticas. Porém não desenvolvidas até o final, não exploradas até o final, que não

azeitaram bem essa análise política tão boa. Acertaram uma barbaridade. Faltou-lhes coerência, falta-lhes direção, uma forte direção. E é muito grave que comecem a fazer uma ideologia: dizer que todo esse fenômeno vem para nós, e que está tudo errado com os outros.

Aqui entra o problema do companheiro F. Na conjuntura atual, o companheiro não é responsável por nada. É um dos que mais ajudou, teve grandes acertos táticos, mas o companheiro não é um dirigente da corrente. Não o foi na Venezuela, nem o é aqui, devido, fundamentalmente, à influência da Argentina, sobretudo dos companheiros E. e P., que frisaram a necessidade dos acertos políticos sem combinar com o aspecto organizativo da estruturação bolchevique do partido.

Não é a mesma coisa um acerto político e a estruturação bolchevique do partido. Por exemplo: a teoria da revolução permanente foi de Trotski, mas ele não construiu o partido bolchevique. A teoria da ditadura democrática do proletariado e do campesinato – equivocada – foi de Lenin e, no entanto, ele construiu o partido bolchevique. Não há uma relação mecânica: posição política correta = partido bolchevique. Na Argentina, houve um homem que se chamava Leal que era genialoide. Escrevia análises políticas extraordinárias. Muito superiores às minhas. E, no entanto, nunca construiu um partido. Fez análises melhores, seja do peronismo, seja da resistência, da crise, de tudo; os escritos dele são extraordinários. O único que se lembra dele sou eu, que era seu grande inimigo, porque eu era um admirador dele, apesar de ele ser uma porcaria em termos humanos. Era um *lumpen*¹¹⁸, era incapaz de estruturar um partido, era incapaz de ter profissionais, de ter moral proletária, de nada. Foi esquecido sem pena nem glória. Eu me lembro dele com velhos amigos. Que grande era Leal, como escrevia bem, que análises brilhantes. Seguiu nossos passos também, inclusive entrou no peronismo, tudo. Acertava muito mais brilhantemente que eu. E não construiu um partido porque não sabia o que era construir um partido. Não sabia o que é este regime, não sabia o que é fazer balanços, ter profissionais, a cada trinta militantes um profissional, mais não; ou pode ser a cada 15, mas só se crescermos até 30 dentro de um mês ou dois.

118 *Lumpen* é uma palavra em alemão que significa “farrapo”. Aqui, refere-se ao lumpemproletariado, termo utilizado no marxismo para designar setores à margem do proletariado, que vivem em condições miseráveis de vida. (Nota da edição brasileira)

E. e P. acentuaram este defeito de pensar que tudo se resume a acertos políticos. Não. É construir partido. E para construir partido tem técnicas, moral, mecânica, análises, que não são mecanicamente iguais ao acerto político. Sem acerto político, todo o partido se destrói. Mas se não sabemos construir o partido, também não há acerto político, e pode acabar explodindo.

Relato pessoal de Stalin

Citado por Isaac Deutscher em
Stalin, uma biografia política

Eu ansiava pela águia da montanha de nosso partido, o grande homem, física e politicamente grande. Tinha imaginado Lenin como um gigante, altivo e imponente. Grande foi meu desapontamento ao ver um homem de traços comuns, um pouco abaixo do peso, de nenhum modo, rigorosamente de nenhum modo, diferente dos mortais comuns. [...] Em geral, um grande homem chega tarde a um encontro, de modo que sua aparição possa ser aguardada com a respiração suspensa. Então, pouco antes do grande homem entrar, ouve-se a advertência: “Silêncio... ele está vindo”. O rito não me parecia supérfluo, pois criava uma atmosfera e inspirava respeito. Meu desapontamento foi grande ao ver que Lenin havia chegado à conferência antes que os outros delegados lá estivessem, tinha se colocado em algum canto e, modestamente, mantinha uma conversa, a conversa mais comum, com os delegados mais comuns. Não posso lhes esconder que, naquela época, isto me pareceu, antes, uma violação de certas regras essenciais.

Carta ao congresso

Últimos escritos e diário da secretárias

V. I. Lenin, 1923

Stalin é grosseiro demais, e esse defeito, plenamente tolerável em nosso meio e entre nós, os comunistas, se torna intolerável no cargo de secretário geral. Por isso, proponho aos camaradas que pensem a forma de passar Stalin a outro posto e nomear a este cargo outro homem, que se diferencie do camarada Stalin em todos os demais aspectos apenas por uma vantagem, a saber: que seja mais tolerante, mais leal, mais delicado e mais atencioso com os camaradas, menos caprichoso etc. Essa circunstância pode parecer uma tolice minúscula. Porém eu creio que, desde o ponto de vista de prevenir a ruptura e desde o ponto de vista do que escrevi anteriormente sobre as relações entre Stalin e Trotski, não é uma tolice, ou se trata de uma tolice que pode adquirir importância decisiva.

Umas poucas palavras sobre o regime do partido

Leon Trotsky, 1937

A democracia e a centralização não se encontram, em absoluto, numa proporção invariável uma com a outra. Tudo depende de circunstâncias concretas, da situação política do país, da força e experiência do partido, do nível geral de seus membros, da autoridade que as orientações adquiriram.

Antes de uma conferência, quando o problema consiste em formular uma linha política para o próximo período, a democracia triunfa sobre o centralismo. Mas quando se trata da ação política, o centralismo subordina a democracia.

Esta, por sua vez, afirma novamente seus direitos quando o partido sente a necessidade de examinar criticamente suas próprias ações. O equilíbrio entre a democracia e o centralismo se estabelece ao longo desta luta. Em certos momentos é violado e logo se restabelece de novo.

A maturidade de cada membro do partido se expressa particularmente no fato de que não exige do regime partidário mais do que este pode dar. A pessoa que define sua atitude frente ao partido pelos golpes que recebe no nariz é um pobre revolucionário. É necessário, claro, lutar contra todos os erros individuais dos dirigentes, toda injustiça etc. Mas é necessário determinar estas “injustiças” e “erros” não neles mesmos, mas sim em conexão com o desenvolvimento geral do partido a escala nacional e internacional. Em política, um juízo correto e um sentido de proporções são extremamente importantes.

R

Resenha

A invenção do povo judeu, de Shlomo Sand: uma obra demolidora do sionismo

José Welmowicki

Existem inúmeros mitos na história, grandes falsificações que são transmitidas de geração para geração como se fossem verdades. Algumas dessas falsificações históricas têm um alcance mundial, como é o caso da natureza da população judaica que, motivada pelo sionismo, teria se deslocado para a Palestina e, numa ação de limpeza étnica, dado origem ao Estado de Israel.

Se algum jornal ou revista europeu ou algum veículo da mídia norte-americana colocar o tema, ou se um professor universitário (pelo menos a maioria deles) de um desses países for ensinar a um estudante qual a origem dos judeus, vai receber provavelmente a seguinte resposta:

Os judeus são os descendentes diretos dos antigos hebreus, o povo que habitou a região da Judeia, o mesmo povo que criou a religião mosaica (de Moisés) ou Judaísmo, como é conhecida hoje. Eles foram expulsos pelo Império Romano por volta do ano 70 da era cristã (na chamada Diáspora) e, após uma longa jornada de quase 2 mil anos, retornaram à sua terra, a antiga Canaã bíblica, conhecida agora por Palestina. A partir desse retorno, fundaram aí o Estado de Israel.

Essa “tese histórica” não passa de uma construção mítica do sionismo, mas é difundida como verdade. Tem defensores em toda a mídia e na quase totalidade dos partidos políticos dos países capitalistas, em especial dos imperialistas. Mas vem sendo colocada à prova devido aos crimes do Estado de Israel, os massacres genocidas que pratica, o racismo que alimenta e a permanente política de limpeza étnica que geram os protestos contra o *apartheid* e campanhas inter-

nacionais de boicote, como o BDS, que vêm galvanizando crescente apoio em todo o mundo.

Para fazer frente a esses protestos e à indignação crescente contra o sionismo, os governos imperialistas defendem o Estado de Israel, alegando que são “exageros” ou más condutas de governos de um povo que foi perseguido, mas que está exercendo um direito “histórico legítimo”: o de voltar à sua terra ancestral e reconstruir seu Estado nacional. Enfim, seriam métodos equivocados em defesa de um direito, o direito do povo judeu de retornar à sua terra histórica.

A invenção do povo judeu

O historiador israelense Shlomo Sand fez uma pesquisa profunda sobre o tema e chegou à conclusão de que toda essa construção histórica não tem a menor base científica. E ainda mais impactante: ele se apoia na própria historiografia judaica e na arqueologia israelense para demonstrar a falsidade dessa versão e chama, com toda a razão, esse conjunto de mitos de *A Invenção do povo judeu*, título de seu livro.

Shlomo Sand é professor de História Contemporânea da Universidade Hebraica. Nasceu na Alemanha, num campo de refugiados, logo após a Segunda Guerra Mundial, em 1946. Emigrado aos dois anos de idade com seus pais para a Palestina, viveu toda sua vida posterior como israelense. Jovem ainda, teve de lutar na Guerra dos Seis dias (1967), em que Israel terminou de ocupar toda a Palestina. Desde aí, começou a questionar o caráter dessa guerra e o próprio sionismo. Daí veio sua decisão de investigar as raízes da ideologia sionista para verificar se tinha algum sentido a versão oficial sobre a justificação da colonização judaica na “Terra Prometida”.

O livro de Shlomo Sand tem uma qualidade que dá grande valor às suas afirmações. Ao ser feito em Israel, ele pode utilizar as descobertas arqueológicas israelenses, revelando algumas que contrariavam as versões oficiais e eram omitidas, desmistificando as fraudes com rigor científico e trazendo-as à luz da história e da arqueologia para derrubar esses mitos de forma corajosa e, ao mesmo tempo, séria e metódica. Vejamos os principais mitos que ele desconstrói.

Os mitos

1. *O mito da Diáspora (dispersão): os judeus foram um povo que ocuparam aquela terra desde Abraão, passando por Moisés e, depois de dois exílios, da queda do primeiro templo pela invasão da Babilônia, e do segundo templo. Já no Império Romano, a decisão de Roma foi*

por expulsar completamente esse povo da chamada Terra Santa, o que ocasionou a diáspora.

Munido de farta documentação, Sand demonstra que não houve nada semelhante, sequer vagamente, a essa pretendida expulsão. Nem era a política dos romanos, que embora dominassem com extrema crueldade, escravizassem os povos, prendessem os rebeldes eventuais, não tinham como prática expulsar povos inteiros. Mais ainda, os registros dos historiadores da época, dos comentaristas, *não registram* essa suposta expulsão, mesmo depois das revoltas dos Celotes e de Bar Kochba.

Por outro lado, há sim registros de comunidades judaicas anteriores, que viviam nas imediações da Palestina, como por exemplo a da Babilônia (império que ocupou a Mesopotâmia, onde fica o atual Iraque), a de Alexandria (atual Egito), desde antes desse período e que não fizeram nenhum esforço em “retornar a Sion”. Não existe nenhuma prova de que tenha havido uma comunidade judaica que, por séculos, quisesse voltar, até surgir o movimento sionista em fins do século 19.

O sionismo assumiu a versão herdada de historiadores como Heinrich Graetz sobre uma suposta perenidade de um sentimento judaico por uma volta à Palestina e se aproveitou do mito para sustentar sua tese de ser um movimento de libertação nacional, como parte de uma série de movimentos libertadores para trazer de volta esse povo para o que eles proclamavam ser sua antiga terra (Zion ou Sion). Ou como eles formularam: “voltar a Sion”.

2. A História Judaica é uma confirmação dessa descendência dos judeus em relação a seus antepassados hebreus.

Sand demonstra que a assim chamada História Judaica não passa de uma versão do Velho Testamento da Bíblia. Até o século 19, não havia uma historiografia judaica propriamente dita. Os criadores da História Judaica são bem recentes. Heinrich Graetz, judeu alemão, Simon Dubnow, russo, e Salo W. Baron, norte-americano, já no século 20, criaram o que se convencionou chamar uma História Judaica. Essa foi a fonte da historiografia sionista posterior.

Sand resume o conteúdo dessas obras e explica como seus autores se limitam a tomar os relatos bíblicos e dar-lhes um caráter histórico, retirando-lhes alguns aspectos mágicos, ou sobrenaturais. Quando suas assertivas se chocam com a realidade, tratam de explicar suas incoerências e contradições alegando que as descobertas históricas e arqueológicas são irrelevantes ou considerando os personagens

como expressão simbólica de um fato que aconteceu e continuam a aceitar os relatos bíblicos que os envolvem como simbólicos de fatos históricos dados como verdade.

Suas teses simplesmente tentam dar às versões bíblicas um rigor histórico, laico, pretensamente científico: assim esses historiadores aceitam todo o relato bíblico sobre a ida dos hebreus e a fuga do Egito (o êxodo) com Moisés à frente como um fato, ainda que não os milagres. Por isso, aceitam a existência de Moisés e do êxodo como fato histórico, mesmo sabendo que a versão de que houve um êxodo em massa dos hebreus para Canaã (nome bíblico da Palestina), naquele momento, era inviável (um povo inteiro passar 40 anos no deserto!) e sem sentido, já que a Palestina estava também ocupada pelo império dos Faraós egípcios.

Aceitaram como um fato a existência de dois grandes reis, David e Salomão, e da divisão em dois reinos posteriormente, Judá e Israel. As descobertas não confirmam essa versão bíblica. Quando algum historiador crítico chamava sua atenção para as incongruências dos relatos e como não se coadunavam com as pesquisas existentes e as descobertas arqueológicas, eles acusavam a esses críticos de mal interpretar e até de ter uma visão antisemita.

3. O uso da Bíblia como fonte de informações

Sabe-se que o estudo e a prática da arqueologia sempre foram muito difundidos em Israel, a ponto de tornarem-se uma verdadeira mania entre alguns dirigentes políticos, como Ben Gurion. A arqueologia serviu, primeiramente, para afirmar os mitos do sionismo. Porém, em seguida, descobertas inconvenientes começaram a aparecer e a jogar por terra as supostas verdades: por exemplo, que existiram os dois reinos, Judá e Israel. Outra dúvida é se existiu, de fato, a fuga do Egito, o chamado êxodo, tão celebrado na religião e no cinema, com filmes famosos como *Os 10 Mandamentos* por exemplo. Para desespero dos sionistas, as pesquisas não confirmavam essa versão bíblica. As ruínas mostravam que não havia provas da existência do Primeiro Templo¹¹⁹ e deixaram em ruínas a pretensa história do povo

119 Segundo o Velho Testamento, após um período de luta para constituir uma nação, os hebreus derrotaram vários inimigos. Tiveram como líderes os juízes (entre eles, Sansão, Samuel) e fundaram um reino único, o qual teve três reis, Saul, David e Salomão. Davi é conhecido pela fábula da luta contra o gigante Golias. Segundo esse relato bíblico, no reinado de Salomão, o rei construiu um templo suntuoso, que ficou conhecido como Primeiro Templo, que teria durado até o século 6 a.C., pois teria sido destruído após sucessivas invasões de egípcios, assírios e, finalmente, teria sido arrasado pelos babilônios. Após a derrota dos babilônios pelos persas, o imperador

que sempre esteve ligado à terra prometida (Sion) e cujo destino era voltar a ela. Ou seja, a própria arqueologia israelense, tão cultuada, demonstrava na verdade que as afirmações da Bíblia não eram a repetição, ainda que com acréscimos mágicos, de uma história real de um povo, mas relatos míticos que não estavam associados nem mesmo à existência de boa parte dos personagens descritos.

Quem escreveu o Velho Testamento?

O mais provável é que haja uma descontinuidade bem grande e que, quando ergueram o Segundo Templo, por volta do século 6 a.C., tenha havido um curto período de recomposição quando *Esdras* e *Neemias*¹²⁰, vindos da Babilônia, foram a Canaã (nome bíblico da Palestina). Embora haja discussões sobre a data exata, o mais provável é que quem escreveu o Velho Testamento tenha vivido entre os séculos 6 e 5 a.C., e a partir dessa data, imaginou um relato do que passou em todo aquele passado remoto, desde a origem hebreia, com Abrão, depois José, Moisés etc. Ou seja, a história judaica tal como se conhece, ao basear-se na Bíblia, não tem nenhum rigor histórico. As descobertas incômodas eram deixadas de lado pela arqueologia e pela historiografia oficial ou justificadas com argumentos insustentáveis pelos ideólogos do Estado de Israel para se adaptar, forçadamente, ao relato bíblico dado como fonte histórica *a priori*.

4. *Os judeus de hoje são todos descendentes dos antigos hebreus que tiveram de se exilar após a diáspora.*

Para os historiadores oficiais da chamada História Judaica e para os sionistas, a diáspora teve como consequência que os judeus se espalhassem pelos outros continentes, distantes de sua terra pela qual nunca deixaram de sentir um desejo de retorno. Quando os historiadores sionistas falam em diáspora, partem do pressuposto de que esses judeus, supostamente expulsos no século 1, teriam continuado a ser um povo, ou seja, eram a *mesma etnia* que mantinha, a todo custo, sua cultura e sua religião em outras terras, quando não era obrigada a converter-se, outro mito desmascarado por Sand.

Ciro da Pérsia permitiu a volta de um grupo de hebreus, encabeçado por Esdras, um sacerdote, e Neemias, um nobre que tinha a autorização para reconstituir uma comunidade judaica e, então, construíram um templo em Jerusalém, que ficou conhecido como Segundo Templo. (J. W.)

120 Esdras era um sacerdote judeu que vivia na Babilônia e, autorizado pelo imperador persa, levou um grupo de fiéis para instalar uma comunidade judaica em Canaã. Com a ajuda de Neemias, um nobre, construíram um templo em Jerusalém, chamado de Segundo Templo. (J. W.)

Na verdade, além de terem vários de seus fiéis convertidos a outras crenças e culturas, no que foi e é chamado pelos próprios religiosos judaicos de “assimilação”, o judaísmo também era proselitista, ou seja, seus defensores convertiam grupos e povos ao longo de sua trajetória. Há registros de comunidades e reinos inteiros convertidos ao judaísmo em várias regiões, como reinos berberes da tribo Djeraoua. A existência de um reino berbere judaico e de sua famosa rainha Kahina prova que a expansão proselitista chegou à África. No livro de Sand, há farta informação sobre esse processo de conversão de comunidades ao judaísmo.

Na Ásia, na própria península arábica, houve um reino nabateu de fé judaica até o ano 106. Antes da ascensão do Islã, os judeus se instalaram em cidades como Yathrib (depois rebatizada como Medina). Há inclusive a hipótese de que o monoteísmo judaico tenha influenciado para estabelecer as bases espirituais que permitiram a ascensão do islã e que a expansão do judaísmo na área tenha sido refreada pela ascensão do islã.

A maior prova dessa presença do judaísmo na área foi o reino de Himiar (nome de uma tribo da região que aderiu ao judaísmo) no atual Iemen, que durou do final do século 4 ao século 6.

Mas houve um reino de maior influência na futura judeidade que provavelmente gerou as numerosas comunidades judaicas polonesa, russa, romena etc. Esse reino foi o dos khazares, que chegou a ter uma extensão enorme, indo das estepes vizinhas do Volga e norte do Cáucaso até o mar Negro e o mar Cáspio. Em seu apogeu, chegou até Kiev, na Ucrânia, até a Crimeia, no sul, e ia do alto Volga até a Geórgia atual. Sua conversão, através de um rei chamado Budan, data do século 8. O reino khazar agregou várias etnias, tais como búlgaros, alanos, eslavos, magiares. Durou até o século 11, destruído após sucessivas derrotas ante os mongóis e outros reinos ucranianos e russos.

Desprezada pela historiografia judaica oficial, pois também desmente a ideia de que os judeus europeus do século 20 eram a descendência dos hebreus da Terra Prometida, a história dos khazares dá a chave para entender a constituição étnica de boa parte dos judeus europeus. Há vários documentos que atestam a importância desse reino para formação das comunidades judaicas da Ucrânia, da Lituânia e da Polônia e para a formação dos *ashkenazim*¹²¹ em geral.

121 Os judeus da era moderna se dividem, em geral, entre os *ashkenazim* e o *sefardim*. Os primeiros eram os judeus que habitaram a Europa Oriental e deram origem a comunidades judaicas numerosas no resto do mundo, como na América do Norte e na América Latina. Sua maior concentração até a Segunda Guerra Mundial era nos países da Europa Oriental, em particular nos de maioria eslava, como Polônia, Ucrâ-

Mesmo o russo Simon Dubnov, um dos principais historiadores da História Judaica, reconheceu a importância desse reino e que ele era parte da “história do povo judeu”.

O mesmo fez Abraham Polak, historiador sionista que escreveu um livro dedicado ao tema, *Khazária*, publicado em 1951. Mas esse reconhecimento durou até a fundação de Israel. Depois disso, houve a necessidade de “adequar a História” aos postulados sionistas. Aí reside o problema: os *ashkenazim* formam a maioria das comunidades judaicas no mundo hoje e foram a base para a ascensão do sionismo. Era muito incomodo reconhecer a existência de um povo de origem distinta à dos hebreus da Terra Prometida e que tivesse um papel decisivo na formação das comunidades judaicas da Europa e dos *ashkenazim* em especial e no próprio movimento sionista.

Sand relata que, de 1951 até a edição de seu livro, nenhuma publicação em hebraico foi feita sobre os khazares, nem mesmo a reedição do livro de Polak. O fundamental para o *establishment* sionista era a necessidade de tirá-lo de cena, fazer com que esse reino de um povo que fora convertido ao judaísmo fosse esquecido.

Para isso, o sionismo teve uma ajuda do stalinismo. Na década de 1920, houve uma série de pesquisas sobre os khazares na União Soviética, mostrando as raízes judaicas desse reino e seu papel na formação da Rússia. Nos anos 1930, Stalin, que controlava a pesquisa histórica e censurava com mão de ferro, moldando-a de acordo a suas necessidades políticas, colocou um anátema contra essas pesquisas, pois queria negar a outras culturas que não a russa um papel de importância, e proibiu a publicação de materiais sobre esse reino e seu papel na origem da nação. Os historiadores tiveram de se autocriticar ou se silenciar.

Em 1976, o famoso escritor Arthur Koestler, ex-comunista e sionista militante, escreveu um livro sobre os khazares, *A 13ª tribo*. Esperava, com isso, negar a origem racial dos judeus e deixar sem argumento os antisemitas ao demonstrar que os judeus não pertenciam a uma raça, e sim uma fusão de várias origens étnicas. Mas os sionistas não podiam tolerar tal desmentido a seu postulado do “povo eleito que retorna à sua pátria”. O embaixador de Israel na Grã-Bretanha tachou essa publicação de “uma ação antisemita subvencionada por palestinos”. A Organização Sionista Mundial cobriu de insultos o

nia, Rússia e também na Lituânia, Hungria e Romênia. Os *ashkenazim* desenvolveram uma cultura rica, com um dialeto próprio, o ídiche. Os *sefaradim* são os judeus de origem na Ásia que chegaram a se instalar na Espanha e tinham um dialeto e uma cultura própria diferente da dos *ashkenazim*. (J. W.)

escritor e mobilizou, professores como Zvi Ankori, que alegou que a tese era “prejudicial ao Estado de Israel”.

A versão oficial sionista era a de que a comunidade *ashkenazim* provinha dos hebreus através de um largo percurso: seria procedente da Alemanha e, por sua vez, essa viria da Itália, dos hebreus que haviam sido levados à capital do Império Romano na Idade Antiga.

Mas, como nota Sand, é difícil aceitar essa versão: todas as informações existentes comprovam ser minúscula a comunidade judaica alemã no início da Idade Média, supostamente originada dos hebreus. Como essa pequena comunidade poderia ser a origem dos judeus da Europa Oriental? Os judeus da Europa na Idade Média, e até hoje, mesmo com o genocídio nazista, que atingiu fundamentalmente os *ashkenazim*, agrupam cerca de 75% a 80% por cento de todos os judeus do mundo. Na Europa Oriental, na chamada *YidishLand*¹²² (Terra do iídiche), teve origem uma série de movimentos culturais e artísticos, políticos e científicos, com a participação de judeus *ashkenazim*. O iídiche era o dialeto falado pelos judeus da Europa Oriental, com toda uma cultura rica dessas comunidades, com sua literatura, música etc., que foi negada pelo sionismo, o qual baniu essa língua, impondo o hebraico como língua oficial.

Uma pesquisa mais detalhada sobre os hábitos culturais da enorme comunidade judaica da Europa Oriental indica uma proximidade muito grande com os não judeus de seus países, sejam polacos, sejam ucranianos, lituanos, romenos ou russos. O que indica ser muito mais provável que a origem da maioria dos *ashkenazim* seja a dos *khazares* convertidos, obviamente em combinação com as etnias da região. Mas não há como demonstrar que a origem de toda essa comunidade da Europa Oriental venha dos hebreus.

Conclusão: a ironia da história

Como se sabe, para a ideologia sionista, a volta a Sion significava retomar uma terra que tinha uma população concreta, os palestinos. Por isso, era necessário justificar que essa solução era natural, legítima. Essa foi a razão para criar o famoso slogan: “Uma terra sem povo para um povo sem terra”.

122 O iídiche era o dialeto falado pelos judeus da Europa Oriental. Dele se desenvolveu uma rica cultura dessas comunidades, com sua literatura, música etc., com autores como Scholem Aleichem. Com o advento do sionismo, essa cultura foi relegada a segundo plano. O sionismo negou essa herança cultural, alegando que “era a língua da diáspora”. Os sionistas recriaram o hebraico, que era uma língua usada apenas em orações, e o impuseram como língua oficial em Israel. (J. W.)

O mais provável é que os descendentes dos antigos judeus, habitantes da então Judeia, não sejam os que hoje reivindicam essa identidade de sionistas, mas sim os palestinos. Sand analisa a história das ocupações desse território desde o Império Romano e da destruição do Segundo Templo em Jerusalém. O Império Romano ocupou a Palestina desde esse momento e, com a divisão em dois impérios, um deles, o Império do Oriente ou Império Bizantino, manteve o controle da Palestina até o século 7. Esse império cristão era extremamente opressivo contra as demais religiões. Já a ocupação pelo império muçulmano abriu a possibilidade para os crentes de outras religiões, em especial as monoteístas, aderirem e, inclusive, terem regalias em relação a impostos sobre os não crentes. É muito plausível que uma boa parte dos “judaenses” tenha optado por aderir a essa nova religião monoteísta e mais integradora que os cristãos bizantinos.

O mais incrível é que os primeiros sionistas que chegaram à Palestina no final do século 19 e início do século 20 eram bem conscientes dessa possibilidade e, por isso, sonharam inclusive com a adesão dos camponeses residentes, os *felás*, ao projeto sionista. Israel Belkind, que emigrou em 1882, dizia que os palestinos deveriam ser descendentes dos antigos judeus e que apenas a elite havia deixado a terra na época da revolta de Bar Kochba. Portanto, os sionistas deveriam buscar trazê-los para o projeto do Estado judeu.

Borochoy, fundador do Poalei Zion, origem da assim chamada esquerda sionista, afirmou em 1905:

A população autóctone do país de Israel [Palestina, na sua fonte original] é mais próxima dos judeus por sua composição racial que qualquer outro povo e até mais que outros povos “semitas”. Pode-se levantar a hipótese muito plausível de que os *felás* do país de Israel sejam os descendentes diretos dos vestígios da implantação judaica e Cananeia, com um leve complemento de sangue árabe, porque, como se sabe, os árabes, esses orgulhosos conquistadores, se misturaram relativamente pouco com a massa dos povos que subjugaram nos diversos países (*apud* Sand, p. 334).

Ben Gurion, discípulo de Borochoy, fundador e primeiro chefe de governo de Israel, de 1948 até os anos 1960, escreveu em 1918 um livro em parceria com Ytzhak Ben Zvi, outro fundador e presidente de Israel, cujo título era *Eretz Israel no passado e presente*. Nesse livro, dedicaram um capítulo à história dos *felás* afirmando que

a origem dos *felás* não remonta aos conquistadores árabes que dominaram Israel e a Síria no século 7 de nossa era. Os conquistadores não eliminaram a população de lavradores que ali encontraram. Expulsaram apenas os soberanos bizantinos estrangeiros. Não fizeram mal algum à população local. Os árabes não se preocupavam em fazer assentamentos. Os filhos dos árabes não praticavam mais a agricultura em seus locais de residência anteriores [...]. Quando conquistavam novas terras, não procuravam novos terrenos para desenvolver uma classe de camponeses-colonos que, aliás, era quase inexistente entre eles. O que lhes interessava era de ordem política, religiosa e financeira: governar, difundir o islã e arrecadar impostos” (*apud* Sand, p. 336).

Em 1967, o historiador Abraham Polak, fundador do Departamento de História da Universidade de Tel Aviv, quis estudar a “origem dos árabes autóctones” e escreveu um ensaio em que assumia a possibilidade de que os palestinos eram descendentes dos antigos judeus que habitavam a região e haviam sido integrados e convertidos ao longo de séculos à fé muçulmana. Ele levantou uma hipótese não para provar que todos os palestinos eram os descendentes diretos ou exclusivos dos “judaenses”, já que ao longo dos séculos, ainda mais numa região de passagem como era esse território situado entre o rio Jordão e o mar, várias populações se misturaram a seus conquistadores, vizinhos ou súditos. Mas Polak trabalhava com a hipótese de que os judeus do passado, em sua maior parte, tinham se convertido à religião muçulmana, e que uma continuidade *demográfica* teria sido mantida da Antiguidade aos dias de hoje.

Polak quis fazer uma pesquisa para averiguar essa hipótese, mas não conseguiu nenhum apoio na universidade, pois sua pesquisa contrariava frontalmente a tese sionista. Se fosse provado que, em grande parte, os palestinos eram os verdadeiros descendentes dos “judaenses”, dos hebreus, todo o edifício sionista cairia por terra.

Ou seja, existe uma hipótese levantada, até mesmo pelos primeiros sionistas, de que *os palestinos podem ser os descendentes dos judeus de dois mil anos atrás*. E a proibição a que essa hipótese seja investigada só se explica porque, caso fosse comprovada, se confirmaria uma ironia da história: que os sionistas não somente não têm a descendência que apregoam desses habitantes, mas também que eles teriam invadido a Palestina para expulsar os verdadeiros descendentes dos hebreus.

Convidamos nossos leitores a ler o livro de Sand, aprofundar o estudo sobre os mitos e conhecer melhor esses fatos demolidores das teses sionistas.